BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVII • SETEMBRO DE 1952 • N.º 307

AVISO

A partir do número de JANEIRO de 1953 será suspensa a remessa dêste Boletim a tôdos aquêles que até então não nos tenham comunicado o seu desejo de continuar a recebê-lo, e isso devido a ser muito antiga nossa lista de assinantes, muitos já possìvelmente inexistentes, ao passo que existem numerosos pedidos novos a serem atendidos.

A revistas e outras publicações congêneres só será enviado o Boletim mediante permuta.

À

Superintendência dos Serviços do Café
(Secção de Estatística e Publicidade)
Largo da Misericórdia, 24, 3º andar
S. PAULO

Tomando conhecimento do aviso publicado na 2ª página de capa do vosso Boletim mensal, e sendo de nosso interêsse continuar a recebê-lo, vimos pedir a gentileza de suas providências no sentido de não nos ser sustada a remessa da aludida publicação.

Atenciosas saudações

a) ....

Enderêço:

....

....

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII | SETEMBRO DE 1952 | Número 307

Sumário

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

NOSSA CAPA: — Frondosos cafeeiros na terra roxa do setentrião paranaense, em Cambará.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

COMO BARATEAR A PRODUÇÃO?

JOSÉ TESTA
(Chefe de Estatística e Publicidade da S.S.C.)

Nos últimos mêses, e principalmente nas últimas semanas, muito se tem discutido com relação ao acúmulo dos nossos atrazados comerciais no exterior, que montam já a quase 10.000.000.000 de cruzeiros. Mesmo que, como pròpriamente atrazados apenas consideremos aquêles cuja liquidação não foi feita depois de noventa dias, conforme considera o sr. Ministro da Fazenda, ainda assim irão êles a mais de ..... 6.000.000.000 (sòmente para com os Estados Unidos cêrca de ...... 4.000.000.000).

Como já foi dito, êsses atrazados se prendem às grandes importações que fizemos, em razão da possível carência devido à guerra da Coréia, e simultâneamente à redução das exportações de muitos dos nossos produtos, os chamados "gravosos", cujo preço está acima da paridade mundial. A rigor, sòmente o café, o cacáu e os minérios se encontram em condições de concorrer nos mercados externos. Dêstes, como se sabe, é o café que fornece a quase totalidade, mas se os produtores da rubiácea continuarem com os seus custos de produção constantemente acrescidos, como vem acontecendo, também o café, em época não muito distante, terá passado para a categoria dos "gravosos".

Sugestões para remediar êsse estado de cousas não têm faltado desde a pura e simples desvalorização do cruzeiro até as subvenções aos produtos "gravosos" ou a volta ao sistema dos **compensados,** como se fazia no govêrno anterior. Alguns têm procurado ver, no projeto de câmbio parcialmente livre, uma válvula para a saída dêsses produtos de difícil colocação, porém o Ministro Lafer teve o cuidado de os desenganar, esclarecendo que o câmbio livre não se destinará à importação e exportação de mercadorias, mas tão sòmente ao serviço de viagens, turismo e outros, fóra do comércio de mercadorias. Insiste o Ministro, em sua recente entrevista, na afirmação de que apenas os processos ortodoxos é que devem ser invocados para resolver a situação: produção mais barata, orçamentos equilibrados, combate à inflação, aplicação do dinheiro tão sòmente para fins reprodutivos e não para especulações. O valor do cruzeiro deve ser mantido tal como está, no exterior; e, no interior, o aumento de sua capacidade aquisitiva se dará paulatinamente, com a rigorosa continuação dessa ortodoxa política econômico-financeira. Acrescentou que não se recusará o govêrno a examinar um ou outro problema que reclame providências específicas, aludindo também aos casos de particulares que pretendem soluções "pessoais" para os seus assuntos, com sacrifício da coletividade.

* * *

Acreditamos que a tese do Sr. Ministro da Fazenda é, em linhas gerais, certa. Mas, dos seus diferentes itens só desejamos aqui examinar um: o da **produção mais barata.** Como é possível conseguí-la?

Êsse assunto, talvez o mais importante de todos, tem vários aspectos que devem ser considerados.

Afastemos, preliminarmente, a idéia de que os altos preços se devem a uma produção diminuta. Conforme temos exposto em outros estudos, nosso problema principal não é o da produção, mas o dos transportes e da distribuição. Não obstante os altos preços do dinheiro, dos adubos, dos inseticidas, das máquinas agrícolas, etc., a produção existe, salvo excepções de momento: uma grande safra de algodão está sendo presentemente financiada pelo Banco do Brasil; a produção de açúcar, embora não tenha conseguido crescer tanto quanto o consumo, vem aumentando constantemente, e ainda apresenta, no momento, saldos de estoque da ordem de 745.000 sacas; vultosas safras de cereais têm apodrecido no Triângulo Mineiro, em Goiás e no Norte do Paraná; a produção de trigo tem aumentado constantemente, nos últimos anos, já atingindo a um terço das nossas necessidades; o gado, depois de liberados os seus preços, tem abastecido suficientemente o país; o próprio café, de que não há saldos, tem bastado para suprir os mercados. É bem verdade que, apesar do seu crescimento, nos últimos anos, a produção de cimento, bem como de produtos siderúrgicos e de borracha, não tem suprido as nossas necessidades. Mas, aqui, não se trata de produtos exportáveis e, pois, não são "gravosos".

* * *

De um modo geral, não é, pois, a falta de produção que tem ocasionado os altos preços. O que seria necessário é que essa produção fosse colocada nos mercados por preços de competição. Que é que ocasiona os seus altos preços? Não culpemos os salários do trabalhador rural, que, sendo de 25, 30 ou mesmo 40 cruzeiros diários, não podem ser considerados excessivos. O trabalhador rural poderia ser increpado, isso sim, de **pequena produtividade** em relação ao que ganha, mas essa é outra questão que só pode ser resolvida mediante um conjunto de providências que dependem não apenas dêle, assalariado, mas também do patrão e dos govêrnos, sob a fórma de melhor assistência técnica, mecânica, sanitária e educacional. Em segundo lugar, além dessa pequena produtividade, existe o fator **intermediário**, encarecendo notàvelmente todos os artigos. Mesmo nos casos onde não existe intermediário, é em geral exagerado o lucro que se procura, no Brasil, onde quase ninguém deseja enriquecer à moda européia, lentamente, por meio de persistência e de economia, mas aos saltos, do dia para a noite, mediante lucros de 100 por cento. Um terceiro fator, que pode ser apontado, são os **altos juros do dinheiro**, devido ao nosso incipiente sistema de crédito, que os govêrnos ainda não conseguiram resolver, nem tendo mesmo criado, até hoje, um Banco Central ou um Banco Hipotecário Agrícola. O deficiente **sistema de transportes** (navegação, ferroviário, rodoviário, portuário) e o de **armazenamento** e expurgo, quase inexistente, são outros tantos responsáveis pelo encarecimento de nossa produção. Por último, o **câmbio negro**, sob as suas várias fórmas, encarece enormemente todos os nossos artigos importados, desde os automóveis de passeio, que também são necessários à produção, até os caminhões, tratores, adubos, inseticidas, etc.

Com todos esses fatores negativos, não é admirar que nossa produção seja cara, embora não seja diminuta, relativamente. Vários dêsses fatores pódem e devem ser combatidos pelo próprio govêrno, que, aliás, os está atacando, principalmente no setôr de transportes e no de energia, tendo também tomado algumas providências com relação a um melhor desenvolvimento dos serviços da Carteira Agrícola do Banco do Brasil e procurado conter a **inflação**, outro grande fator de encarecimento. Não obstante, a ação do govêrno ainda não está completa, (e quando dizemos govêrno queremos também referir-nos ao legislativo). Urge aprovar o projeto do câmbio livre, bem como o da reforma do nosso sistema bancário. E, não basta combater a alta dos preços do feijão ou do açúcar, pois também os artigos de maior preço, como os veículos e outros devem ser controlados.

Por sua vez, os particulares também pódem colaborar nessa cruzada de barateamento da nossa produção, metodizando-a e melhorando-a, sempre que possível, e limitando-se a ganhar o que seja razoável.

O caminho é difícil e demorado. Porém, muita cousa estamos realizando e, com um pouco de bôa vontade, paciência, espírito de sacrifício e método de trabalho, a vitória nos estará assegurada.

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro-agrônomo — Sub-Divisão de Estações Experimentais, Instituto Agronômico, Campinas.

(Continuação)

3.3 — SITUAÇÃO POLÍTICO ADMINISTRATIVA

3.3.1 — Situação Política

O primeiro homem branco a visitar Quênia foi Vasco da Gama. Em sua viagem à Índia, em 1498, aportou a Mombassa, dia 7 de abril, onde já encontrou um comércio organizado em mãos dos árabes. Êstes não estavam estabelecidos sòmente na costa, mas comerciavam com escravos e marfim no interior do país. Em pouco mais de 10 anos, os portuguêses haviam submetido os árabes, que apenas conseguiram se manter, com alguma independência, nas cidades de Mogadício e Malindi. Êstes foram os pontos de longa resistência muçulmana contra os lusos, que foram, afinal, vencidos. No fim do século dezessete, a influência portuguêsa, ao longo da costa oriental da África, entrava em acelerado declínio. Dos pontos fortes estabelecidos como entrepostos à conquista das Índias e domínio do Oceano Índico, restou a Portugal o que é hoje a Colônia de Moçambique. Desde a viagem do grande marinheiro português até fins do século dezenove, a história não registra a presença de europeus em Quênia. Coube ao explorador alemão, Dr. G. L. Fischer, a glória de haver sido o primeiro branco a penetrar o interior do país, fazendo-o, a partir da costa, no ano de 1882. E a Inglaterra, que já nutria a ambição de manter uma linha interrupta de possessões territoriais do Cairo ao Cabo, ante o evento do explorador germânico, organizou uma expedição, que, no ano imediato, sob o comando do geógrafo Joseph Thompson, da Sociedade Real de Geografia, iniciou a exploração da rota direta de Mombassa ao Lago Vitória. De 1898 a 1900, Eward Grogan realizou um dos maiores feitos de quantos se tem notícia no ciclo das penetrações de europeus no Continente Negro: o explorador, que era bastante jóvem, foi a pé do Cabo ao Cairo. Nesse reide, o excursionista atravessou Quênia no sentido norte-sul.

Neste país, como em muitas partes do Império Britânico, o comêço da dominação inglêsa, para posterior transformação do território em uma possessão, se fez atravéz da Companhia Imperial Britânica da África Oriental. Estabelecida na costa, esta entidade oficiosa, o primeiro passo para a extensão da influência britânica foi a disseminação de postos comerciais no interior, seguindo as batidas rotas dos mercadores árabes, de escravos e marfim. Em 1895 o Govêrno Britânico sucedeu à Companhia e passou a administrar o território que já estava sob contrôle daquêle instrumento de expansão política, camuflado em organis-

mo comercial. O país, que ainda não tinha o nome de Quênia, passou a se denominar Protetorado Britânico da África Oriental. Só em 1920 é que a terra toma o nome que tem hoje passando à categoria de Colônia da Corôa. Entretanto, pequena faixa costeira foi arrendada do Sultão de Zanzibar e se acha sob a condição de Protetorado. Assim, Quênia, cujo nome foi tomado ao Monte Quênia, se acha sob a dupla situação política de Colônia e Protetorado Inglês.

3.3.2 — Forma de Govêrno

O govêrno do país é exercido por um Governador de nomeação real, que o administra auxiliado por dois conselhos, sendo um Legislativo e outro Executivo. O organismo governamental se desdobra em departamentos, cujas sedes se acham em Náirobi. Telégrafos, viação terrestre, aérea, direção de minas, pesquisas científicas e demais atividades de interêsse geral aos quatro países que compõem a África Oriental Inglêsa, são dirigidos sob forma autárquica, pela Alta Comissão da África Oriental Inglêsa, que assim os livra dos embaraços comuns à burocracia governamental. O Conselho Legislativo de Quênia é integrado por representantes eleitos das comunidades européia, africana, hindú e árabe, em maior número que os membros nomeados pelo govêrno colonial. A sede do govêrno acha-se em Náirobi, que é capital do país. Na verdade, essa próspera e moderna cidade é o centro da "British East Africa", onde está instalada a "East Africa High Comission".

3.3.3 — Divisão Territorial

A Colônia e Protetorado de Quênia estão divididos, administrativamente, em cinco províncias e um grande distrito extra. Essas seis unidades, por sua vez, acham-se subdivididas em 37 distritos, a seguir mencionados:

Províncias	Distritos
Central	Náirobi, Cica, Quiambu, Fort-Hall, Nieri, Embu, Meru, Macacos, Quitui, Naniuqui.
Niansa	Niansa Norte, Niansa Central, Niansa Sul, Quericho.
Rift Valley	Trans-Nzoia, Uasin, Nacuru, Nandi, Elgeio, Baringo, Laiquipia, Suc.
Costeira	Mombassa, Digo, Quilifi, Malindi, Tana River, Taveta.
Norte	Garissa, Isiolo, Marsabit, Moiale, Mandera, Uagir, Turcana.
Masai (distrito extra)	Cajiado, Naroque.

O poder executivo é representado na periferia, por Comissários Provinciais e por Comissários Distritais. Nas cidades há poderes legislativos, representados por Conselhos Municipais, enquanto que nas áreas rurais, do "White Highlands", há os "Conselhos Distritais", que

legislam para as respectivas circunscrições. Nas áreas de populações africanas há os "Conselhos Locais de Nativos", com poderes legislativos equivalentes aos dos Conselhos Distritais, mas sob a tutela do Administrador Provincial. Embora haja em Quênia quase 30.000 britânicos, não existem partidos políticos. Entretanto, atendendo a fôrça que essa colonização representa, o govêrno patrocinou a organização de dois corpos políticos: a "União dos Eleitores", representada pelos europeus e a "União Africana de Quênia", que congrega os africanos intelectualmente mais evoluídos e que começam a esboçar sinais de uma consciência política. Há ainda duas agremiações nacionais, mais representativas de agrupamentos étnicos, que pròpriamente políticas, que são: o "Congresso Nacionalista Hindú da África Oriental" e a "Associação Central dos Muçulmanos".

A existência de colonização inglêsa em Quênia, determinou uma drástica política discriminatória de terras. Aos colonos britânicos, foram reservadas as áreas mais saudáveis do país, em detrimento das tríbos indígenas que as habitavam e que foram evacuadas para terras mais baixa, menos férteis, e menos saudáveis. Essa política determinou a separação do país em duas zonas: White Highlands e Reservas de Nativos.

"White Highlands": Esta região representa 20% da área do território de Quênia e, sem embargo, é a mais considerável extensão de terras altas da África tropical, excetuado talvez, o elevado planalto abssínico. O início da discriminação data de 1904, e foi ratificada em 1939, pela "Highlands Order-in-Concil. Essa terra para os brancos, se acha, precisamente, sob o Equador e se reparte por um e outro lado dessa linha, indo desde o limite sudoeste de Náirobi, à vertente ocidental do Monte Elgon e até Quisumo, no Golfo de Cavirondo, no Lago Vitória, com altitudes não inferiores a 1.200 metros acima do mar. O território dos imigrantes brancos abrange uma área de 44.000 km2, dos quais 10.000 km2 se acham em matas e constituem reserva florestal. Conforme já vimos, as florestas de Quênia medem 14.797 km2 e, portanto, no "White Highlands" se acham 71% das matas naturais de Quênia. Essa expropriação de terras foi levada a efeito, atingindo, duramente, sobretudo, os prêtos da tríbo "Quicuiu", que conta com cêrca de 800.000 indivíduos. Tiveram êsses indígenas e também os da tríbo "Acamba", que evacuar suas terras e se aglomerar nas "reservas" que lhes foram destinadas, criando sério problema de saturação demográfica nessas áreas, e a consequente carência de alimentos. Nos distritos de Náirobi e Fort-Hall, a evacuação dos prêtos assumiu aspecto dramático, de vez que as reservas que lhes são limitrófes, se congestionaram, passando a população humana de 45 hab/km2, para 80 a 130 hab/km2. O "White Highlands", começou a se colonizar com uns poucos pioneiros em 1904, que foram se estabelecendo com lavouras de café e de gado. Entretanto, foi depois da guerra de 1914 que se avolumou a corrente imigratória européia. Novo influxo vem recebendo essa corrente de colonizadores inglêses após a segunda grande guerra. Não obstante, a população branca das terras altas não chegava a .... 30.000 habitantes, em 1948, pois os britânicos de Quênia naquele

ano, somavam 30.542 pessôas. Em 1940, sòmente 1.900 indivíduos podiam ser considerados agricultores, incluindo mulheres e crianças. A expropriação das terras e a impossibilidade do seu aproveitamento, pelos 1900 agricultores, tomou aspecto odioso entre os indígenas de Quênia, especialmente entre os "quicuius", que se acham a braços com o problema de espaço para produção de alimentos necessários à sua subsistência. Os seguintes números nos dão uma idéia da proporcionalidade das terras em mãos de prêtos e de brancos na zona alta de Quênia: a) para cada agricultor inglês (homem, mulher ou criança, dentre os que realmente são agricultores), cabe uma área de ótimas terras de cêrca de 240 ha.; b) para cada indígena quicuiu, cabem sòmente 3 ha de terras, das quais, pelo menos, a quarta parte é de péssima qualidade para a agricultura e mesmo para pastagens. Aos indígenas que ainda se acham nas terras altas, é interdito o direito de aquisição da propriedade, prevendo, naturalmente, a administração de Quênia, futuras expropriações. Outro grave problema que a discriminação de terras de Quênia acarreta é a desorganização da vida do indígena, deixando-o sem terra e compelindo-o a trabalhar nas propriedades dos brancos. Em 1912 havia 12.000 indígenas (homens) trabalhando em propriedades de europeus, e hoje são quase 250.000. A gravidade do problema reside no fato de os indígenas só trabalharem nessas fazendas uma parte do ano e a preferência que os patrões inglêses dão aos homens sem as respectivas famílias. Sabe-se que nas reservas de "quicuius", limítrofes dos distritos produtores de café e sisal, cêrca de 70% dos varões deixam suas famílias para procurar trabalho nas propriedades de europeus. Êsse fenômeno é chamado pelos estudiosos de distribalização do prêto e tem sido o responsável pela existência do "indígena marginal". Aliás, êsse grande mal à sociedade nativa já vinha sendo gerado pelo trabalho nas minas nas Rodésias e União Sul Africana. A discriminação de terras em Quênia é levada ao extremo pela proibição extensiva aos hindús, de as adquirirem no "Highlands". Êstes só poderão comprar propriedades nas partes baixas, muito embora êstes filhos da Índia e seus descendentes nascidos no país sejam representados por mais de 90.000 indivíduos de nível cultural incomparàvelmente mais elevado que o dos prêtos e árabes. O regime de exceções em Quênia foi mais longe ainda: nas reservas nativas limítrofes dos distritos cafeeiros de Náirobi e Fort-Hall, os indígenas "quicuiu" são proibidos de cultivar café, embora as suas terras tenham excepcionais qualidades para êle. Também o cultivo de plantas, cujos produtos são exportáveis, como sisal e pireto, lhes é vedado, a fim de que a concorrência não venha a afetar o produto dos colonos brancos. Aos indígenas ficou reservada sòmente a permissão para o cultivo de plantas alimentares, necessárias ao seu sustento. Êste foi também um expediente do qual lançaram mãos as autoridades de Quênia para forçar os nativos a prestarem serviços aos brancos.

Reservas de nativos — Sob essa designação e nas adjacências do "White Highlands", foram reservadas terras aos indígenas. As reservas estão divididas em glebas, que tomaram o nome de "Native Land Units". Estas entidades estão sob contrôle de um "Conselho de Nati-

vos", cuja presidência sabe a um britânico do "Conselho Executivo" de Quênia.

3.3.4 — Leis, Justiça e Segurança Pública

O código civil de Quênia é vasado nos princípios das Leis Comuns da Inglaterra e o Código Penal é uma adaptação do mesmo instrumento, que vigorou na Índia, durante a dominação inglêsa. Nas áreas de africanos a justiça é administrada pelos comissários de província ou de distrito. Em grau superior, a justiça é administrada pela Alta Côrte, por meio de Juízes da Suprema Côrte, enquanto que nas instâncias inferiores, a justiça é exercida por "Magistrados". A polícia de Quênia obedece a mesma organização que a de Uganda. É uma fôrça composta de nativos, comandados por oficiais britânicos.

3.4 — POPULAÇÃO

3.4.1 — Origem

Relatam os historiadores de Quênia que, quando os inglêses alí chegaram, em 1890, os povos do país achavam-se em um estágio cultural dos mais primitivos de que havia notícias na época. Até habitantes da faixa litorânea, sempre com maiores possibilidades de contato com o mundo exterior, não fugiam à regra. O atrazo chegava ao ponto de aquêles prêtos não conhecerem calendário e nem possuirem noção do tempo. Entretanto, Uganda, apesar de ser país interior, e limítrofe de Quênia, apresentava um grau de evolução política e social que surpreendeu os primeiros exploradores que a visitaram. Contudo, os inglêses são unânimes em afirmar que o progresso realizado pelos indígenas de Quênia, nos últimos 50 ános, chega a ser quase um mistério.

A população nativa do país origina-se de 80 tríbos, cada qual com língua própria, não obstante filiarem-se apenas a dois troncos étnicos e a duas famílias linguísticas: a) o grupo Nilótico e Nilo-Hamitico; b) o grupo Bantu. No primeiro agrupamento, destacam-se as tríbos Luo, Nandi e Masai, enquanto que no segundo, salientam-se as tríbos Camba e, sobretudo, a Quicuiu. Os nativos desta que ainda habitam o "Highlands", são os mais evoluídos e os que vêm manifestando inequívocos anseios de emancipação política. Conquanto a origem dos povos de Quênia seja a mesma dos Uganda, percebem-se acentuados traços de mestiçamento árabe entre as populações da costa e as tríbos que demoram ao longo das rotas dos mercadores muçulmanos que palmilharam aquêles sítios por diversos séculos. Os negros Swahili, sobretudo, são o produto dêsse cruzamento e da aculturação árabe de seis séculos, não obstante o atrazo em que se encontravam no fim do século passado.

3.4.2 — Demografia

a) **População de fato** — Segundo o senso de 1948, a população de Quênia contava mais de cinco milhões de almas, que se distribuiam, por nacionalidades, de acôrdo com a relação a seguir:

Nacionalidades	Habitantes	Percentagens
Africanos	5.218.232	96,95%
Hindús	90.528	1,76%
Europeus	29.660	0,57%
Árabes	24.174	0,45%
Goanos	7.159	0,13%
Outros (inclusive prisioneiros de guerra em campos de concentração)	7.640	0,14%
TOTAL	5.377.393	100%

Fonte: — East African Statistical Bulletin n. 7, 1950, publicado pelo East African Statistical Dep. Quênia.

b) **Distribuição geográfica** — O quadro 10 representa uma síntese da população de Quênia e sua distribuição por províncias e distritos, segundo o senso de 1948. Nêle se poderá verificar que as maiores concentrações humanas se encontram nas províncias de Niasa, Rift Valley e Central. Essas condensações demográficas correspondem às regiões mais férteis do país: a primeira à margem do Lago Vitória e a última nas fraldas do Monte Quênia. Nessas circunscrições territoriais se acham aglomerados 83% da população do país. Há ainda discreta concentração populacional na costa, ao redor de Mombassa, que é o principal porto de Quênia. Quanto à localização dos alienígenas, o que se observa no país, é o seguinte: colonos britânicos concentrados no "Highlands"; hindús por tôda a parte; árabes nas cidades da costa; goanos nas do interior, especialmente em Náirobi.

c) **População quanto à ocupação** — Neste particular, a população de Quênia difere da de Uganda, apenas porque o contingente humano inglês não é representado sòmente pelo funcionalismo administrativo colonial, mas também por fazendeiros britânicos. Verificamos que em Náirobi e nas maiores cidades, a profissão de alfaiate é quase que privativa dos goanos, êsses simpáticos "portuguêses de Gôa", como êles mesmo se chamam. Os hindús monopolizam a atividade comercial do país, nos seus mínimos detalhes e são os milionários da Costa Oriental da África. Os prêtos são os obreiros da produção, quer nos campos como agricultores ou pastores e assalariados, quer nas cidades, como operários nas pequenas indústrias e nos serviços de transporte, etc.

d) **Saturação demográfica** — Quênia ainda não apresenta aquêle aspecto de concentrações extremas sôbre as áreas úteis, que é regra em Uganda e constitui a grande incógnita do futuro daquêle país. Nas adjacências do Golfo de Cavirondo, onde a distribuição das chuvas proporciona boas condições para a agricultura, é que se verifica a maior aglomeração humana. A densidade demográfica de Quênia é de 10 hab./km2, e na margem do lago ultrapassa a casa das 50 pessoas por quilômetro quadrado. A relação entre os três maiores contingentes humanos de Quênia, em 1948, era a seguinte: um europeu (britânico) para três hindús e para 171 prêtos.

QUADRO 10 — POPULAÇÃO DE QUÊNIA, COM DISTRIBUIÇÃO DE RAÇAS POR PROVÍNCIAS E DISTRITOS, SEGUNDO O SENSO DE 1948.

PROVÍNCIAS	DISTRITOS	RAÇAS							
		Europeus	Hindús	Goanos	Arabes	Outros	TOTAL		
							Alienígenas	Africanos	Todo o País
CENTRAL	Nairobi	14.049	38.812	3.948	723	1.381	58.913	102.501	161.414
	Cica	726	1.608	82	73	88	2.577	66.475	69.052
	Quiambu	75	407	9	—	31	522	263.961	264.483
	Fort-Hall	112	686	13	—	—	811	301.236	302.047
	Nieri	294	905	77	7	23	1.306	182.205	183.511
	Embu	41	392	7	29	17	486	202.125	202.611
	Meru	112	557	12	24	80	785	312.917	313.702
	Macacos	279	873	39	42	24	1.257	356.345	357.602
	Quitui	31	175	13	242	5	466	210.788	211.254
	Naniuqui	989	818	39	42	49	1.937	28.495	30.432
	TOTAL	16.708	45.233	4.239	1.182	1.698	69.060	2.027.048	2.096.108
NIANSA	Niansa Norte	261	1.512	47	110	82	2.012	633.568	635.580
	Niansa Central	521	5.943	256	215	41	6.976	461.772	463.748
	Niansa Sul	225	898	20	108	55	1.306	545.284	546.590
	Quericho	632	1.407	82	14	16	2.151	212.608	214.759
	TOTAL	1.639	9.760	405	447	194	12.445	1.853.232	1.865.677
RIFT VALLEY	Trans Nzoia	1.281	1.310	55	4	13	2.663	61.424	64.087
	Vasin	2.433	2.283	149	84	33	4.982	79.492	84.474
	Nacuru	3.981	4.758	374	302	318	9.733	199.179	208.912
	Nandi	82	97	8	42	5	234	80.562	80.796
	Elgeio	20	15	3	4	—	42	64.455	64.497
	Baringo	18	76	2	6	11	113	65.534	65.647
	Laiquipia	634	328	12	1	32	1.007	33.926	34.933
	Suc	18	28	6	2	—	54	42.777	42.831
	TOTAL	8.467	8.895	609	445	412	18.828	627.349	646.177

PROVINCIAS	DISTRITOS	RAÇAS							
		Europeus	Hindús	Goanos	Arabes	Outros	TOTAL		
							Alienígenas	Africanos	Todo o País
COSTEIRA	Mombassa	2.186	23.892	1.741	13.487	801	42.107	55.438	97.545
	Digo	120	455	8	504	28	1.115	113.780	114.895
	Quilifi	87	445	11	799	1	1.343	126.036	127.379
	Malindi	135	348	14	1.702	21	2.220	54.368	56.588
	Tana River ...	14	387	14	4.972	103	5.490	34.796	40.286
	Taveta	117	367	51	41	12	588	61.463	62.051
	TOTAL	2.659	25.894	1.839	21.505	966	52.863	445.881	498.744
NORTE	Garissa	8	13	1	111	—	133	25.000	25.133
	Isiolo	15	131	14	38	3	201	14.500	14.701
	Marsabit	17	27	6	—	8	58	16.500	16.558
	Moiale	2	27	5	160	8	202	9.100	9.302
	Mandera	2	—	2	62	—	66	19.500	19.566
	Uagir	6	36	2	220	—	264	32.500	32.764
	Turcana	7	15	5	—	—	27	75.900	75.927
	TOTAL	57	249	35	591	19	951	193.000	193.951
MASAI (Distrito) ..	Cajiado	76	371	20	3	25	495	28.889	29.384
	Naroque	54	126	12	1	11	204	42.833	43.037
	TOTAL	130	497	32	4	36	699	71.722	72.421
PESSOAS EM TRÂNSITO		676	461	90	669	598	2.494	1.633	4.127
EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO ..		188	—	—	—	—	188	—	188
TOTAL — POPULAÇÃO DE FATO ..		30.524	90.989	7.249	24.843	3.923	57.528	5.219.865	5.377.393

Fontes: — East African Economic Statistical Bulletin, n. 7, 1950 publicado pelo East African Statistical Dept., Quênia.

3.5 — ATIVIDADES ECONÔMICAS

3.5.1 — Pecuária

3.5.1.1 — Estatística

Na África, as altitudes superiores a 1.500 metros acima do mar, constituem ambiente impróprio à vida da terrível tsé-tsé, disseminadora da tripanossomíase. O "Highlands" acha-se, pois, livre da mosca do sono e constitui uma espécie de oasis a vida dos animais domésticos, no centro do continente africano. O "Year Book and Guide to East Africa", edição de 1950 (1), consigna a seguinte estatística zootécnica para Quênia, segundo o senso de 1947:

Espécies	Números
Bovina	4.117.864
Suina	34.854
Ovina (só pertencentes a europeus)	231.842

A mesma fonte consigna um rebanho bovino, pertencente a britânicos, de 542.865 cabeças, das quais, 5.547 são de rezes de pedigree, de origem européia. A estatística não menciona o número de ovinos e caprinos de propriedade dos nativos. A diversos agrônomos a que nos dirigimos para saber a quanto montavam êsses rebanhos, foram unânimes em afirmar que ultrapassavam, com larga margem, a casa do milhão de cabeças.

(1) O "Manual e Guia da África Oriental", que é editado por A. Gordon-Brown de Londres, para a Union-Castle Mail Steamship Company, constitui um dos melhores repositórios informativos sôbre quase tôda a África que demora ao sul do Equador.

QUADRO 11 Exportação de produtos de origem animal de Quênia, aumento e valor verificados, no período compreendido entre 1943 e 1947.

PRODUTOS	Quantidades em toneladas					Valor em milhares de cruzeiros				
	1943	1944	1945	1946	1947	1943	1944	1945	1946	1947
Carne verde*	260,0	373,0	274,7	365,6	234,5	924	1.366	1.121	1.307	1.240
Bacon e presunto*	67,7	124,0	150,0	236,0	334,8	507	997	1.344	2.083	3.330
Manteiga*	134,5	289,8	731,6	1.192,0	1.449,8	959	2.078	5.117	8.007	14.234
Queijo*	3,9	4,8	10,8	25,0	45,6	21	26	61	161	344
Cêra de abelha*	10,0	—	20,0	36,0	30,0	91	—	175	472	485
Lã**	311,0	377,0	0,9	303,0	412,0	1.427	1.738	9	1.620	2.176

(*) Nas conversões de Cwt a toneladas métricas, desprezamos as quantidades inferiores a 500 quilos.
(**) Nas conversões de "centals" a toneladas métricas, adotamos critério idêntico ao acima citado.
FONTE: — "East African Agriculture", editado por J. K. Mathenson, 1950, Londres.
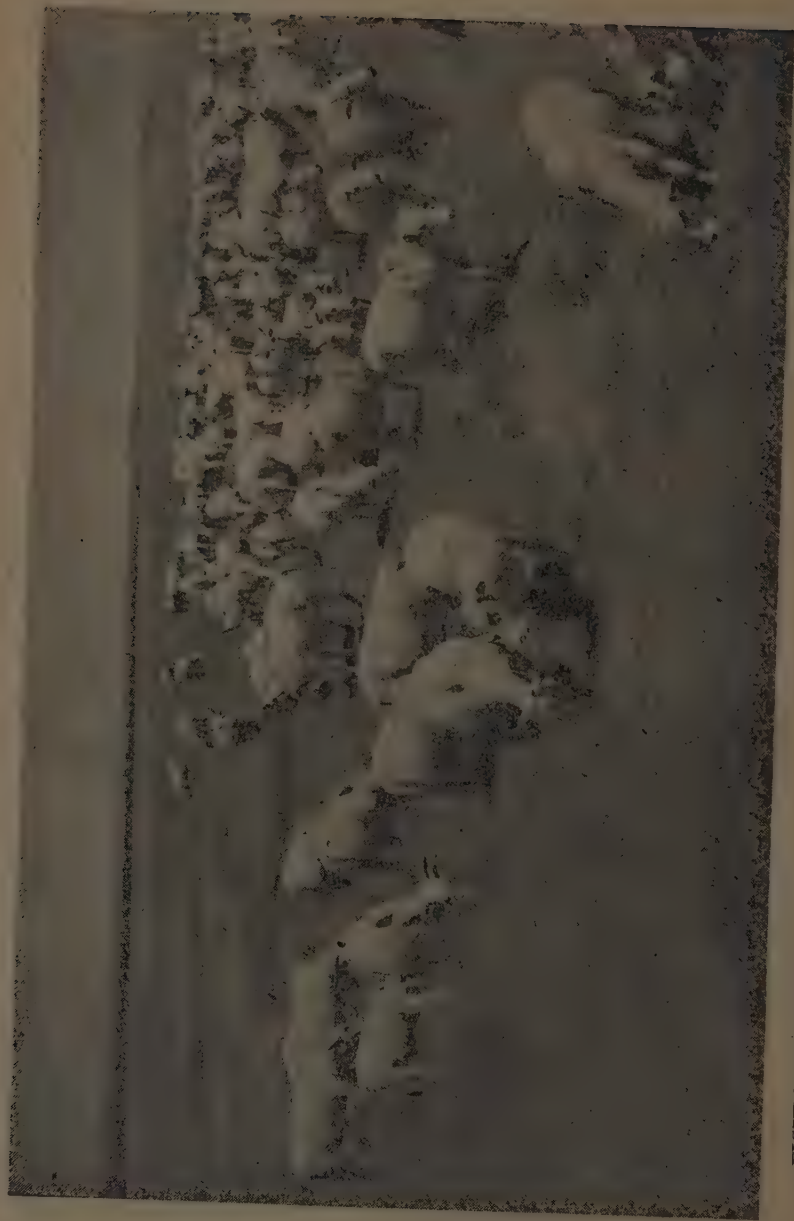
FIGURA 9. Aspectos de Quênia — gado branco mochado "rancho" do Major Brian Curry, Laiquipia, Província do Rift Valley, 10-7-50.

Além dos produtos constantes do quadro 11, o "East African Economic and Statistical Bullet., n. 7, March 1950, órgão da Alta Comissão da África Oriental Inglêsa, consigna, na exportação de 1947, mais os seguintes; de origem animal: peles diversas, 2.073 toneladas métricas, no valor de Cr$ 17.971.200,00; couros, no valor de Cr$ 17.160.000,00.

3.5.1.2 — Importância Econômica

As cifras que compõem o quadro 11 refletem o desenvolvimento da pecuária de Quênia, através da exportação do quinquênio 1943/47. Adicionando-se ao valor de 1947 o da remessa de couros para fora do país, no mesmo ano, verifica-se que a exportação de produtos pecuários daquela colônia se exprime, na nossa moeda, pela cifra de Cr$ 56.939.844,00. A exportação geral de Quênia em 1947 foi de pouco mais de trezentos milhões de cruzeiros, representando, portanto, os artigos de origem animal uma contribuição de 17,9% para aquêle movimento. O quadro 11 permite verificar também, que a produção pecuária desta possessão inglêsa não é totalmente extrativa como a de Uganda, mas revela sinais de exploração intensiva. Pois, enquanto a estatística de produtos mandados para fora de Uganda consigna sòmente peles de animais silvestres, couros de gado e marfim, a de Quênia contém números referentes à manteiga, carnes, presunto e lã. A remessa de carnes só é feita para países da própria África, pois o perigo da veiculação da "rinderpest" impede que tal produto seja mandado para a Europa.

3.5.1.3 — Finalidade da exploração pecuária

A presença de brancos de elevado padrão de vida no "hinghlands" e a necessidade do boi como fator indispensável para a conservação da fertilidade da terra, emprestam grande significação econômica à pecuária naquela parte do país. Paralelamente, nas reservas de nativos, ou em outras áreas por êles habitadas, a função econômica do gado, pouco difere da de Uganda, à qual já nos referimos. Contudo, observa-se em Quênia um maior consumo de leite e mesmo de carne, entre os nativos, mas sempre sujeito a preceitos religiosos. Entre os prêtos da tribo Masai, que são pastores, é comum, na sua alimentação, o uso de uma espécie de tancage, preparada com o sangue de boi e farinha da aleusine "finger millet". As rezes não são abatidas mas, periòdicamente, submetidas a sangrias na jugular, de onde verte o sangue para o preparo daquêle alimento bizarro, mas rico de proteína animal.

3.5.1.4 — Sistema de criação

Na pecuária de Quênia tem-se que distinguir uma "exploração zootécnica", praticada pelos colonos britânicos, de um simples "processo de criação do gado", corrente entre os nativos, tão primitivo quanto o verificado em Uganda. E a atitude do prêto em relação ao boi não varia — a posse do animal continua como elemento de ostentação de opulência na sociedade nativa e meio para aquisição de esposas.

E o rebanho Zebú dos indígenas, sem aquela função econômica que o homem civilizado concebe, é considerável. Essa população bovina é estimada em três e meio milhões de cabeças. Como no caso das concentrações humanas, os gados indígenas acham-se aglomerados em determinadas áreas, onde as condições climáticas, principalmente a distribuição das chuvas, são mais favoráveis à sua existência. Em muitos dêsses lugares é o boi o grande responsável pela deterioração da fertilidade da terra, como resultante de uma elevada densidade animal que toca a saturação. E' a "overstocking" sob o Equador, com tôda a série de graves problemas gerados por essa situação. Próximo ao Rio Athi, foi instalado um matadouro-frigorífico, com o fim de aproveitar o gado indígena para o consumo interno de Quênia e exportação dos seus produtos a outros países da África. Durante a guerra, em 1945, quando em Quênia e colônias vizinhas havia tropas britânicas e campos de prisioneiros, aquêle estabelecimento de abate atingiu o máximo da sua atividade, matando 70.000 cabeças. Cessado aquêle fator de demanda, a atividade do matadouro entrou em declínio, que se vem acentuando de ano para ano. Os britânicos tentaram a exploração do Zebú africano no "hinghlands", porém com insucesso. O boi de Quênia, sem função econômica especializada, foi fàcilmente suplantado pelas raças européias, mais cosmopolitas, como a Ayrshire e especialmente a Holandêsa.

3.5.1.5 — Espécies animais exploradas

O gado indígena de Quênia é o "Zebú-africano", de cuja origem já nos ocupamos, quando discutimos êsse pormenor do gado de Uganda (2.5.1.5 — Bovinos). Enquanto o zebú dêste último país revela traços bastante acentuados do nelore, o zebú de Quênia deixa perceber, no seu exterior, características que denunciam predominância de sangue de Guzera: animais mais angulosos, pelagens mais escuras, estrutura da armação quase sempre em lira fechada, cujo conjunto, forma, invariàvelmente, nítido ângulo com a linha da cabeça. São também raras as rezes com as mucosas e extremidades rosadas, que observamos no zebú de Uganda. Embora o boi nativo de Quênia seja sempre um animal maior que o seu congênere de Uganda, é ainda uma rez pequena e destituída de maior valor econômico. Possìvelmente, introduções mais recentes de gado da Índia, através da costa a que já nos referimos, lograram imprimir ao gado dêste país, características predominantes de Guzerá que o tornam diferenciado do de Uganda. Já no gado das reservas de nativos do "highlands", começam a aparecer traços de gado europeu resultante, possìvelmente, de algum cruzamento com "Ayrshire" ou "Holandês". A pecuária indígena de Quênia, repousa no pastoreio. Pastos vedados é coisa que só se observa no "White Highlands". Entre os nativos não há demarcação de terras para distinguir o quinhão de cada um, ou melhor, não há instrumento legal que discrimine as confrontações dos lotes, embora os membros de cada família conheçam, com minúcias de detalhes, os limites das glebas respectivas. Assim, em Quênia, o abastardamento dos rebanhos de gado indígena encontra as mesmas facilidades verificadas em Ugan-

da, decorrentes da promiscuidade inevitável entre incontáveis talhas de gado, cuja separação não vai além da precária ação do pastoreador, a cuja guarda se acham entregues. Cada lote é constituído de 8 a 10 animais, dos quais, pelo menos dois são inteiros, mas sem possuirem o menor requisito para padreadores. Não obstante, o govêrno de Quênia está tentando a prática de medidas tendentes a melhorar a aptidão leiteira do gado nativo, com introdução de touros, embora zebús, mas descendentes de genitores conhecidos. Visitamos a "African Lands Units" de Quericho e o agrônomo que nos acompanhou, esclareceu-nos que ,durante os rodeios para a premunição obrigatória contra a "rinderpest", os marrocos eram castrados à revelia dos respectivos proprietários. A medida pode ser considerada como extrema ao se considerar o cuidado que os inglêses têm em não alterar certos hábitos dos nativos, que as conveniências da sua política colonial recomendam.

Atê há bem poucos anos, as atividades rurais dos colonos britânicos do "White Highlands" cingiam-se exclusivamente à agricultura e repousavam, sobretudo, na exploração das culturas de café, milho, trigo e piretro. Após 3 décadas de cultivo da terra sob o Equador, verificaram como é caro o tributo cobrado ao agricultor que, no trópico, tenta divorciar a agricultura da pecuária. Ao cabo de 30 anos, verificaram que só a exploração vegetal e animal associadas poderá constituir elemento de recuperção da fertilidade perdida, e fator oponente à morte da terra. Hoje a idéia da transformação das fazendas agrícolas dos colonos britânicos em entidades de exploração mista, está vitoriosa e marcha a passos largos para a generalização. A impossibilidade da exportação de carnes para fora da África, por causa do perigo da veiculação da "rinderpest", mesmo através do produto congelado e o reduzido tamanho das fazendas, determinaram o estabelecimento de uma pecuária de leite para o entrosamento do boi no processo rotativo do uso racional da terra. Nos primeiros passos para a obtenção de um boi que representasse real elemento econômico no processo agro-pecuário, os britânicos foram levados a tentar o melhoramento do gado nativo por meio da introdução de reprodutores de raças leiteiras européias, para hibridação com as vacas zebú-africanas da região. O primeiro obstáculo à iniciativa, apareceu com a contaminação dos reprodutores europeus por doenças tropicais, transmitidas pelos carrapatos, especialmente a "east cost fever", que vitimava 100% dos animais atacados pela doença, embora se procurassem limpar certas áreas do parasito vetor, para a introdução dos touros chegados da metrópole. Resolvido êsse primeiro entrave, verificaram que os produtos F_1 (primeira geração) resultantes de hibridação de vacas nativas com touros Ayrshires ou Holandêses puros, apresentavam alto nível de produção leiteira e apreciável grau de resistência às moléstias, passando-se a depositar grandes esperanças nos mestiços. Entretanto, os produtos F_2 decepcionaram por não revelarem a aptidão leiteira e a resistência à "east cost fever", manifestada pelos híbridos de primeira geração.

As tentativas efetuadas fora do "highlands", em altitudes inferiores a 1.500 metros redundaram em fracasso ainda maior. A prática, aliada à pertinácia do inglês, demonstrou que só em regiões acima de

1.500 metros seria possível o estabelecimento de uma pecuária leiteira econômica, mas assim mesmo após a extinção completa dos carrapatos transmissores da terrível "febre da costa oriental". Meteram os fazendeiros inglêses, mãos à obra e, os mais decididos, iniciaram a descarrapatização dos seus campos, para receber vacas e touros Ayrshire p.s.o. A limpeza das invernadas consiste na soltura de gado nativo, à guisa de isca, e no posterior recolhimento, para o banho-carrapaticida, quando a rez se acha carregada de parasitos com a evolução ainda incompleta. A operação é assim repetida semanalmente, durante 8 a 12 meses, até completa limpeza da área atacada. Êste processo, o único até hoje considerado como eficiente, prossegue no "White Highlands" e ganha novas áreas à expansão dos rebanhos de gado fino de origem européia, à medida que a idéia da exploração agro-pecuária faz novos adeptos e as antigas fazendas de agricultura permanente vão se transformando em emprêsa de exploração mista A extinção do carrapato começou nos arredores de Nairobi e de Nacuso, lentamente e agora prossegue rítmo acelerado ante a necessidade de associar o boi à agricultura e de aumentar o rendimento econômico que o leite e derivados vêm proporcionando. Na África do Sul a descarrapatização dos prados é compulsória e, graças a essa medida, aquêle país tem conseguido notáveis progressos na sua pecuária, não obstante as condições favoráveis ao desenvolvimento do carrapato e a semi-acidez da maior parte daquela nação. Em Quênia, nas regiões de colonização britânica, embora as condições de umidade e temperatura sejam favoráveis às raças européias, estas se deparam com outro sério obstáculo ao seu desenvolvimento, embora não tão grave como o do carrapato: — a pobreza das pastagens. Neste particular, é invejável o esfôrço que o Departamento de Agricultura está dispendendo na busca da forrageira, graminea ou leguminosa, que solucione o problema da pobreza dos prados naturais. Em todos os estabelecimentos agrícolas oficiais que visitamos, deparamos, invariàvelmente, com coleções de gramíneas, leguminosas e oleaginosas, cujos representantes são objeto de carinhosas observações e estudos bromatológicos, para a solução do problema alimentar do gado, quer como pasto, feno ou silagem. Na "Egerton School of Agriculture", em Njoro, que se destina à formação de agrônimos europeus, vimos uma gramínea para pasto, representada por uma variedade do Capim de Rhodes, que vegeta satisfatòriamente em região, cuja coluna dagua não vai além de 750 mm anuais. Esta forrageira foi obtida por melhoramento em Quitale, e difere do capim cloris que conhecemos em São Paulo. Enquanto a daqui é erecta, aquela é reptante e "grama" totalmente o chão, dando ótimo pasto. A essa variação do capim cloris ou Rhodes (**Chloris gayana**), os inglêses chamam "TRANS-ZOIA RHODES GRASS".

Tivemos conhecimento de ensaios com uma gramínea muito semelhante à nossa grama sêda, a que os inglêses denominam "STAR GRASS" (**Cynodon dactilon**). Na Coleção da Egerton vimos o nosso CATINGUEIRO ROXO (**Panicum melinis trinius**), que não deu bons resultados, segundo o diretor do Estabelecimento. O capim quicuiu (**Pennisetum clandestinum**), que é originário daquela região e tem o nome da tríbo que a habita, não obstante as suas excepcionais quali-

dades, não pode ser utilizado no "alternate husbandry", por ser planta invasora de difícil extinção, como a grama seda o é em São Paulo.

A raça leiteira européia que tem se adaptado melhor no altiplano queniano é a holandêsa, mesmo ante a relutância dos britânicos, que tudo vinham fazendo para aclimatar o seu gado Ayrshire. Embora as tentativas com esta raça hajam precedido a qualquer outra, e existam finos planteis em Quênia, o gado da Frisia vai se impondo e acabará por tomar o lugar da raça inglêsa. Tentativa de criação do gado Guernsey e Gersey foram feitas, porém com menor sucesso ainda que a Ayrshire. A grande preocupação dos criadores de Quênia é a produção de manteiga, cujo processo tem sido notável e pode ser avaliado pelos seguintes dados: em 1927 a produção foi de 25 toneladas métricas, com o valor de Cr$ 246.000,00; em 1948, de 952 toneladas métricas, com o valor de Cr$ 11.700.000,00.

A transformação das fazendas agrícolas em propriedades mistas de que vimos falando, não se refere às de café, que continuam extritamente monocultoras. Visitamos a fazenda de C. B. Farms Limited, onde se processa a conversão para a exploração mista, mediante interessante plano de uso da terra. As notas a seguir foram por nós tomadas nessa util visita e não podemos nos furtar ao desejo de passá-las para êste artigo, por julgá-las da maior importância para nós.

Notas sôbre a fazenda de G. B. Farms Limited: a) **Área** — 800 ha. b) **Posse da terra** — As terras da fazenda estão na planície que constitui o fundo do "Rifit Valley", que é desprovida de água. Segundo os atuais proprietários, a região tinha sido abandonada pelos nativos, havia muito tempo, por êsse motivo. Também a ausência de cobalto no solo tornava impossível a vida não só do gado bovino como da raça de porte grande. c) **Água** — O suprimento dágua é feito por meio de uma adutora, com 32 km de extensão, cuja construção foi custeada pela cooperativa de agricultores inglêses da região e a conservação vem sendo mantida pela mesma organização. A água para bedida da população é obtida por meio de coletores colocados nos telhados das casas que a recolhem para depósitos metálicos, onde permanece em uso, de uma estação chuvosa a outra. d) **Altitude** — A fazenda se encontra a 2.400 metros acima do mar, embora situada no fundo do "Rift". e) **Chuvas** — A coluna dagua, local, se expressa por uma altura de 756 milímetros. A estação chuvosa vai de abril a setembro, sendo os meses de julho e agôsto os de maiores precipitações. f) **Agricultura** — A exploração agrícola gira ao redor das culturas de milho, trigo, cevada, aveia, linho, girassol e piretro. Têm sido registradas boas produções de milho, da ordem de 1.000 quilos por acre, ou 2½ toneladas por ha. (100 sacos de 60 kg por alqueire de 24.200 m²). Vimos o produto colhido, que é do tipo dente, semelhante ao da variedade Armour. g) **Pecuária** — Resume-se na produção do leite e derivados, com apreciável grau de especialização. Possui um rebanho de 250 cabeças, em regime de pasto e subsídio forrageiro de concentrados. Durante a estação sêca, as deficiências das pastagens são supridas com feno e silagem de milho. A exploração foi iniciada com gado nativo, zebú africano, trazido de fora, que era banhado de 7 em 7 dias para o expurgo de carrapatos. Após a eliminação do parasita, foi iniciada

a introdução do "Short Horn", porém, sem resultados. Passaram então para o "Ayrshire", que também não correspondeu à espectativa. No momento, o rebanho está em fase de substituição completa, com a introdução do holandês, branco pintado de prêto, e, inicialmente, com sucesso. Parece ser mesmo a única raça européia capaz de suportar os fatores hostís, presentes mesmo em regiões tão altas como o "highlands". A finalidade principal da exploração será a produção de creme, que encontra grande aceitação entre os inglêses, tradicionais consumidores dêsse derivado do leite. O elemento residual, que é o sôro, é aproveitado para a criação de porvos. h) **Plano para uso do solo** — A total execução do programa levará 12 anos, uma vez que será observada a alternância agro-pecuária ("alternate husbandry"). O planejamento foi delineado levando em conta o regime termo-pluviométrico, a fim de evitar a falta de pasto e silagem ao gado, na sêca. O plano inclui defesa das terras contra erosão, adubações, rotações de culturas e destas com pasto. A ordem na alternância agro-pecuária é a seguinte: **pastagem** — 264 ha, durante 4 anos, sôbre os quais serão mantidas as 250 cabeças, com subsídio alimentar de concentrados; **culturas** — trigo, 92 ha, milho 48 ha, cevada, 32 ha, linho e girassol, 64 ha, pasto em formação, 16 ha; i) **Adubações** — Os terrenos são particularmente pobres em potássio e azôto e o plano de uso do solo prevê o emprêgo de "Uganda Rock" e guano para suprir as deficiências dêsses dois elementos. Aliás, são os primeiros passos tendentes a introduzir o uso de fertilizantes. j) **Defesa contra a erosão** — As medidas complementares à construção de terraços, para perfeito domínio sôbre as enxurradas, prevêm ainda: caminhos em curvas de nível e também as cêrcas que vedam os pastos. Estas, embora de arrame farpado (as únicas que até então víramos na África) são sempre provisórias porque os prados se mudam cada 4 anos. As cercas em linhas retas teriam, forçosamente, que acompanhar o declive do terreno, pelo menos num sentido e o gado, com o hábito que tem de "beirá-las", mataria o capim com o pisar constante e provocaria a formação de sulcos de erosão ao pé das mesmas. Cabe aqui alusão à tremenda erosão nos pastos, verificada entre nós, porque os animais bebem nos córregos e as cêrcas divisórias que vão do espigão à água, seguem, invariàvelmente, o sentido da maior rampa. E quando há os célebres corredores para o gado ir à água, então a erosão assume proporções desastrosas, sem que isso impressione muito os nossos fazendeiros. Já há muito que deveríamos ter legislado sôbre áreas máximas ou mínimas dos pastos, para evitar êsse tremendo câncer dos pastos, que é a erosão motivada pela ação da água no trilho deixado pelo casco do animal, do espigão à margem dos bebedouros. k) **Milho para silagem** — E' plantado em julho, em carreiras contínuas espaçadas de 30 centímetros, chegando a produzir até 50 toneladas por hectare. l) **Formação de pastagens** — O plano de uso do solo na G. B. Farms Limited, recomenda a seguinte técnica para a formação dos prados para pastos: 1.º) semeadura de aveia no mês de abril; 2.º) semeadura do capim cloris "RHODES GRASS" (**Chloris gayana, var. Trans-Zoia**); 3.º) Ceifa da aveia em agôsto, para silagem, que desimpedirá o terreno, para crescimento do cloris, sob o efeito das chuvas de setembro; 4.º) Logo que o capim

FIGURA 10. Aspectos de Quênia — "A" — vaca zebu vermelha, 4 anos, mochada, "rancho" do Major Brian Curry, Laiquipia, Província do Rift Valley, 10-7-50; "B" savana recoberta pelo capim "RED OAT GRASS" (THEMEDA TRIANDRA) e por ACACIA S. P. espinhosa, campos de criar do Major Brian Curry, Laiquipia, Província do Rift Valley, 10-7-50; "C" — touro zebu "Sahiwal", 8 anos, 700 quilos de pêso vivo, "Livestock Improvment Centre", Maseno, Golfo do Cavirondo (Lago Vitória); 14-7-50; "D" — reprodutor zebu, "rancho" do Major Brian Curry, Laiquipia, Província do Rift Valley, 10-7-50.

floresce, soltam sôbre êle o gado, para caldeamento das sementes com a terra, sob o pisoteio dos animais; 5.º) Nó fim de um ano o pasto está formado e assim permenecerá por espaço de 4 anos, de acôrdo com o plano racional de uso da terra. E' notável a facilidade com que o cloris "forma" o pasto naquelas paragens, mesmo com colunas dágua escassas Mr. A. Storrar, que nos acompanhou, informou-nos ainda que o levantamento topográfico das propriedades em planejamento, era acompanhada de um "survey" dos tipos de solo e do estado de desgaste de cada um. No processo rotativo, a formação de pasto começa em primeiro lugar e atendendo sempre o trecho mais erodido. Segundo o mesmo informante, o "Soil Conservation Service" está atacando uma área de 40.000 ha (16.000 alqueires) e executando o plano de uso racional do solo. Os dirigentes do serviço de Conservação de Solos pretendem sistematizar o ataque anual a outros 40.000 ha. O trabalho, segundo êles, que mais demora acarreta, é o do levantamento geral e dos sulcos deixados pela erosão. Em tôda a África, é Quênia o país onde a degradação do solo ocasionada pela erosão e pelo fogo do nativo, atingiram maiores proporções. E é nas reservas de nativos que a erosão da terra adquire maior extensão e onde o mal ostenta as formas mais típicas. Parece-nos que talvez só as terras de Quivu, no Congo Belga, apresentam estado de exaustão tão avançado quanto as de Quênia, nas reservas de nativos. À nossa chegada a Náirobi, pelo norte, procedentes do Lago Naivacha, pudemos verificar o desolador estado em que se encontram ali as terras depredadas pelos nativos da tríbo Quicuiu, que as habitam, pela prática de um "shifiting cultivation" a curto prazo. A pecuária de corte em Quênia não acompanha a exploração leiteira e, possìvelmente, jamais terá a importância que esta vai adquirindo. A área livre da tse-tse é dotada de boas condições de clima, é o "highlands", mas ali também estão as melhores terras do país e se acham tomadas pela agricultura. As fazendas mistas como a que descrevemos, não só são mais lucrativas que os "ranchos", como também posuem área reduzida, econônicamesnte incompatível com a bovinocultura de corte extensiva. Se a extinção do carrapato e da tse-tse, bem como os suprimentos dágua fôssem viáveis econômicamente, no "planalto baixo de Quênia", estaria reservado àquela colônia importante papel como supridora de carnes no mercado internacional. Não obstante, os britânicos alimentam a ambição de um dia realizar êsse sonho. Já se conta por muitas dezenas os criadores de gado de leite, na colônia, enquanto só se tem notícia de dois pecuaristas especializados em gado de corte, que se localizaram com "ranchos" em zona de escassa pluviosidade, à margem do Rift Valley. O primeiro dêles iniciou suas atividades por volta de 1910, às margens do Lago Naivacha, tentando cruzamentos entre touros Hereford, importados da Grã Bretanha, com fêmeas Boran. Embora os produtos F_1 dessa mestiçagem apresentassem boa aptidão econômica, êsse sucesso parcial foi anulado pela elevada percentagem de fêmeas estéreis. Diante dêsse insucesso, o mesmo pecuarista, a partir de 1920, começou a selecionar o Boran, procurando obter boas linhagens dêsse gado. Embora de pequeno porte, êsse boi da região do Lago Naivacha representa a esperança do Govêrno de Quênia para a valorização da região semi-árida, por meio de uma pecuária de corte.

O outro criador de gado para o talho é o Major Brian Curry, cujo rancho em Laiquipia foi por nós visitado. Desfruta êste criador do conceito de possuir o melhor rebanho de reprodutores para corte da África Oriental Inglêsa.: São os seguintes os apontamento que tomamos sôbre a organização do Major Curry: **Altitude** — 1.980 metros acima do nível do mar; **Chuvas** — 300 mm por ano, mal distribuídas, sendo junho, julho, agôsto os meses mais chuvosos; **Água** — O gado e a séde da fazenda são supridos dagua proveniente do lençol friático que se encontra entre 82 a 220 metros. A extração é feita por meio de bombas acionadas a motores Diesel, de cisternas de trabalhosa perfuração, devido às camadas rochosas que interceptam o lençol subterrâneo. Não há água corrente; **Área da fazenda** — 25.000 ha. (10.000 alqueires paulistas); **Início da exploração** — O próprio Major Curry iniciou-a em 1925; **Finalidades** — Produção de reprodutores zebuinos; **Origem do gado** — O estoque básico foi importado da Somália Britânica; **Descartes** — Cêrca de 90% dos machos são castrados e enviados para corte, porque não se enquadram no tipo de reprodutor que o criador objetiva; **Combate ao carrapato** — O gado é banhado mensalmente; **Imunização** — Vacina sistemàticamente os bezerros aos 30 dias de vida contra a anaplasmose (East Cost Fever); até aos 90 dias contra o "Anthrax"; os garrotes e novilhos, do 14.º ao 40.º mês, contra a "rinderpest"; **Pastagem** — A região é de savana, recoberta por um capim expontâneo, muito semelhante ao nosso jaraguá, porém mais baixo e mais macio ao gado, quando sêco. E' o RED OAT GRASS dos inglêses (**Themeda triandra**). Segundo nos informaram, é êste capim muito nutritivo; **Vegetação arbórea** — Não há, pròpriamente, **Acácias S.P.** arbustivas espinhosas, vicejam muito esparsas e cujos brotos são apetecidos pelas girafas; **Solo** — E' de côr prêta, de origem granítica e muito pedregoso; **Capacidade do pasto** — Uma rez de criar, por ano, para cada 8 ha (3,3 alqueires); **Rendimento do gado em pêso** — Os machos castrados, vão para o corte dos 5½ aos 6 anos, onde alcançam pêso morto de 319 quilos (700 libras); **Preço dos reprodutores** — O criador vende os tourinhos com 3½ a 4 anos, ao preço de Cr$ 1.800,00 a Cr$ 2.000,00. **Observações** — O gado do Major Curry é um zebú branco, Nelore, sem ser puro, que denuncia, no conjunto, mistura mais ou menos recente com gado europeu, provàvelmente do Hereford. Vimos também um lote vermelho, bem mais heterogêneo que o branco. Não há da parte do criador preocupação no aprimoramente das características raciais do Nelore, mas a de melhorar os atributos do gado para o talho. Todo o rebanho é de animais de porte médio, que ostentam aparência do ótima saúde. Entretanto pouco precoces. O trabalho realizado pelo melhorista representa magnifica vitória do homem sôbre o meio e avulta mais ainda quando comparado com o ordinaríssimo zebú nativo de Quênia. Entretanto, longe está ainda o gado do Major Curry de merecer as honras de um confronto com os nossos extraordinários Nelore, Gir e Guzerá. Notamos, por outro lado, que os touros do rebanho exibem uma chocante inferioridade em relação às fêmeas do plantel.

3.5.1.6 — Organização da pesquisa e defesa sanitária dos rebanhos

O trabalho de melhoramento dos rebanhos e sua defesa sanitária e pesquisas respectivas, estão a cargo do East Africa Veterinary Research Organisation (E.A.V.R.O.) situado em, Cabete, próximo a Náirobi. Na visita que fizemos àquele importante estabelecimento, verificamos que a maior preocupação dos seus dirigentes é a das pesquisas sôbre doenças e dos meios de combatê-las. E o combate às moléstias tropicais, ante a sua tremenda incidência, se converte, sem dúvida, na África Oriental, em problema de muito maior relevância que o da seleção dos animais. Para o Diretor de Cabeta, a pecuária na British East Africa se põe da seguinte forma: a) A "rinderpest" é o maior fator oponente ao desenvolvimento dos rebanhos. b) A pneumonia e moléstias transmitidas pelo carrapato são o segundo obstáculo à criação. c) A tuberculose se manifesta de maneira muito discreta nos rebanhos de europeus e afeta severamente o gado dos nativos. d) O Zebú africano, da vertente do Oceano Índico, é de porte pequeno que reflete a pobreza das pastagens e falta de seleção. Em média, um garrote de 3 anos não alcança 100 kg de pêso morto. e) As pastagens naturais do Rift Valley são de boa qualidade, fazem exceção à regra, mas a falta dagua dificulta o povoamento dos seus prados. f) O norte e o leste de Quênia são regiões áridas e representam 3/5 partes do país; entretanto, o rebanho bovino atinge quase 5 milhões de cabeças e o resultado é o saturamento pelos animais, das áreas mais chuvosas. Não perdendo de vista a limitação que também a "tse-tse" impõe, a capacidade de Quênia se acha esgotada para o progresso da pecuária. g) O excesso do gado, o primitivismo do nativo, a aridez e as doenças tropicais, completam o quadro de impossibilidades que impedem o estabelecimento da pecuária, como os inglêses a desejam. Falando-nos da tse-tse, disse-nos o Diretor de Cabete, que a existência da mosca não constitui para Quênia, o gravíssimo problema que ela representa para Tanganica, e também para as Rodésias do Norte e do Sul. Segundo aquêle técnico é, econômicamente, impraticável a extinção da Glossina. Relatou-nos que um ensaio levado a efeito, no último dêstes países, para debelação da mosca, por meio de dedetização por avião, deu o seguinte resultado: o tratamento e expurgo de uma área de 518 km², ficou em Cr$ 41.600.000,00, e, ao cabo de dois anos, achava-se a região dedetizada novamente infestada de moscas contaminadas pela caça migrante. Para referência, na avaliação da extensão da empreitada, basta lembrar que o município de São Paulo mede 1.571 km², o de Campinas 1.297 km² e o de Piracicaba, 1.616 km², etc.

INTERESSANTE ENSAIO COM O ZEBÚ LEITEIRO DA ÍNDIA

Até aqui passamos em revista o esfôrço do homem branco de Quênia, em pról do estabelecimento da exploração zootécnica no país, os métodos nativos de criação do gado e os esforços dispendidos pelo govêrno da Colônia na defesa dos rebanhos. Relatamos agora uma interessante experiência que a E.A.V.R.O. (East Africa Veterinary Research Organisation) está levando a efeito em Maseno no "Livestock

Improvement Centre", para melhorar a produção leiteira do zebú de Quênia, por meio do zebú da Índia. Esta estação de melhoramento do gado fica na zona do Golfo do Cavirondo. A experiência tem, para nós do Brasil Central, particular interêsse, por se tratar do cruzametno das vacas zebú de Quênia, com touros da raça Sahiwal, um dos melhores zebús leiteiros da Índia. Trata-se pròpriamente do cruzamento por ser um processo de reprodução entre indivíduos da mesma espécie. O "Centro de Melhoramentos do Gado" de Maseno foi criado em 1938 com o objetivo de melhorar a aptidão leiteira do boi indígena por meio da obtenção de linhagens de bons reprodutores para distribuí-los pelos distritos do país. Paralelamente a êsse objetivo principal, resolveu o E.A.V.R.O. tentar cruzamentos entre fêmeas zebú de Quênia, de boas linhagens, com touros da raça "Sahiwal". Os resultados dessa hibridação são ainda preliminares. Só são conhecidos os resultados dos produtos F_1 e F_2, que se resumem no seguinte: **a)** a produção anual de leite das vacas zebú nativas, melhoradas, alcança 908 quilos (2.000 libras), com 5 a 7% de gordura; **b)** as mestiças Zebú africanas x Sahiwal, geração F_1, alcançaram média anual de 2.724 quilos de leite (6.000 libras), com 4,3 a 6,5% de gordura; as mestiças Zebú africanas x Sahiwal, geração F_2, não ultrapassaram as zebú africanas, pois a produção média leiteira caiu para os 908 quilos (2.000 libras), com 4,1 a 5,7% de gordura. Os produtos meio sangue, ganharam em tamanho e pêso, enquanto que os da segunda geração desmereceram totalmente, também nesses atributos. Segundo o melhorista de Maseno, os indivíduos F_2 decepcionaram completamente, sem deixar qualquer esperança de melhoramento do gado de Quênia, segundo essa linha de trabalho. O touro Sahiwal que vimos é um belo representante dos zebuinos indús. Os apontamentos a seguir são uma síntese de um julgamento muito rápido, que a pequena duração da vista ao estabelecimento nos permitiu fazer do animal. **Cabeça** sêca de perfil sub-conexo. **Olhos** elípticos, atitude sonolenta. **Armação,** composta de chifres pequenos, curtos e grossos, que emergem abruptamente do osso da fronte. Os chifres saem ligeiramente para trás, curvando-se, depois, quase imperceptìvelmente para a frente. O conjunto da armação dá a impressão de 2 paus fincados, lateralmente, na cabeça, em esquadro com a linha do chambro do animal. **Pescoço** curto, bem guarnecido de músculos e fortemente ligado ao tronco. **Peito** largo, profundo, e bem decido. **Costelas** curtas nas axilas do animal, porém bem arqueadas no meio do corpo.

Cupim bem implantado na projeção vertical dos aprumos dianteiros, não muito estendido posteriormente e bem firme, sem qualquer indício de queda lateral ou para trás. **Dorso e lombo** curtos, formando o conjunto linha ligeiramente inclinada da garupa para a base da cernelha. **Garupa** comprida, caída para trás e para as pontas das ancas. Estas são pouco afastadas, tornando o animal fechado de trás. **Coxas** com bom polpão, fartamente guarnecido de músculos. **Pernas e mãos** finas, bem descarnadas e curtas. **Orelhas** pequenas, em forma de concha com a concavidade sempre voltada para a cara do animal, um pouco mais pendentes que as do Nelore e sem possuir a mobilidade rapida que se nota neste último especialmente quando o animal tem a atenção despertada para alguma coisa. **Cauda** de isenção baixa, com-

prida e terminada por basta vassoura flexível e bem caída. **Couro** sôlto, fino, bem pigmentado de prêto, abundante, denunciado por farta barbela e umbigo decido. **Pelagem** côr vermelho-laranja, com nuanças claras nas extremidades e escuras nas saliências musculares. Entradas naturais e extremidades bem prêtas. **Pelos** fins, sedosos e individualmente de côres lisas. **Aparência geral,** de mansidão, vigor, compacidez. **Observações.** O animal tem 8 anos e pesa 700 quilos. E' um boi bem curto, com defeitos fáceis de corrigir. Aparenta ser mais de carne que de leite. E', na verdade, um interessantíssimo boi misto, cujos ensaios em nosso meio deveriam ser tentados, pois estamos quase certos que dentro de duas décadas teríamos o nosso indubrasil leiteiro ou o zebú leiteiro do Brasil, como já possuímos o nosso extraordinário zebú de corte.

(Continua)

Enxada

Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

J. BEMELMANS
(Engenheiro Agrônomo)

Embora pouco difundida ainda, a contabilidade agrícola torna-se cada dia mais necessária, porque as possibilidades de lucro são cada vez menores devido a concorrência e a outros fatores.

O fazendeiro esclarecido conhece perfeitamente a importância duma boa contabilidade, porque certamente já verificou por exemplo que, uma parcela de algodão deu uma produção magnífica, enquanto a vizinha de mesma área deu bem pouco. Êle suspeita que esta última deu prejuízo, porque o lucro total foi pequeno. Mas não há provas.

Êsse fazendeiro ocupa um guarda-livros, mas pouco consegue, porque pelo sistema comum descrito na maioria dos tratados, é preciso recopiar três, quatro ou mais vêzes todo o movimento contábil nos múltiplos livros e registros.

Entretanto é possível simplificar bastante o trabalho deixando-o mais claro e mais perfeito.

O primeiro ponto para conseguir eficiência é a classificação dos títulos, ou seja o "Plano Geral de Contabilidade".

Essa classificação deve ser lógica. Não é imutável para tôdas as explorações. Por exemplo: criando-se burros com o fim de venda com lucro, a conta será: CRIAÇÕES — Muares, e essa conta será saldada por Perdas e Lucros; existindo burros apenas para os trabalhos da fazenda, não existirá a conta acima, mas sim: SERVIÇOS DE ANIMAIS — Muares e Cavalares (conta de custeio). Essa conta será saldada pela repartição entre os empregadores dos animais.

Deverão ainda ser evitadas denominações imprecisas como: Rendas Diversas, Receitas Eventuais, Diversas Despesas, etc.

Para estabelecer o Plano Geral de Contabilidade consideramos a chave mestra da Economia Rural:

- CAPITAL
  - FIXO ou imóvel
    - Imóveis
    - Capitalização (ou Benfeitorias novas, ou Melhoramentos permanentes)
    - Mato (e sua exploração)
    - Semoventes (todos os animais)
    - Material: Arreios — Armas — Caixas e vasilhas — Encerados e panos — Ferramentos e utensílios — Maquinários — Máquinas agrárias — Móveis — Veículos.
  - CIRCULANTE ou móvel ou de exploração
    - Material: Acessórios e Peças — Adubos — Cadernetas — Combustíveis e Lubrificantes — Drogas e medicamentos — Madeiras — Materiais para construções — Produtos — Sacos — Salários — Sementes.
    - Contas de exploração (culturas, criações, adiant.)
    - Caixa
    - Contas Correntes
    - Despensa

Os Títulos do Razão para uma grande fazenda serão:

Contas essenciais:	CAPITAL
	HIPOTECAS
	IMÓVEIS
	CAPITALIZAÇÃO
	ADIANTAMENTOS ÀS CULTURAS
	SEMOVENTES
	MATERIAL
	CAIXA
	CONTAS CORRENTES
	C/C EMPREGADOS
	PERDAS E LUCROS
Contas de repartição:	FINANCIAMENTOS
	DEPRECIAÇÕES
	CONSERVAÇÕES
	DESPESAS GERAIS
	SERVIÇOS DE ANIMAIS
	SERVIÇOS DE MOTORES
	ESTERQUEIRA
	MÃO DE OBRA
	MATO
Contas de exploração:	PARCERIAS
	CULTURA DE ALGODÃO
	CULTURA DE AMENDOIM
	CULTURA DE ARROZ
	CULTURA DE CAFÉ
	CULTURAS DIVERSAS
	CULTURA DE MILHO
	Etc.
	CRIAÇÕES
	OLARIA
	USINA
Contas especiais:	DESPENSA
	NEGÓCIOS DIVERSOS

Contas essenciais: são as contas imprescindíveis à clareza e ao funcionamento de qualquer contabilidade, e que, dum modo geral, saldam-se no fim do ano agrícola, pelo Inventário e Balanço.

Contas de repartição: são as contas provisórias que servem para agrupar certas despesas que oferecem interêsse em ser conhecidas, e se poder julgar de sua amplitude e de sua possível redução. Essas contas podem ser repartidas ou redistribuidas nas outras de exploração, mensalmente (mão de obra) ou anualmente, no balanço final.

Contas de exploração: são as contas de ganho, que se fecham, passando seu saldo para a conta Perdas e Lucros.

Contas especiais: são também contas de ganho, que se fecham por Perdas e Lucros, mas que se referem a atividades estranhas à propriedade principal focalizada pela contabilidade.

NOTA: temos aqui bem delineado todo o funcionamento da contabilidade agrícola e pastoril. Êste é o único meio do agricultor saber se está ganhando ou perdendo em cada exploração de sua fazenda. Veremos em seguida como realizar esta precisão na grande complexidade da agricultura. Justificaremos também porque a contabilidade agrícola deve ser diferente das outras.

Porém desde já declaramos que os títulos do plano acima permitem perfeitamente, e com grande clareza, confeccionar os balanços oficiais do comércio e da indústria, classificados em Imobilizado, Realizável, Disponível etc.

DOS TÍTULOS E SEUS SUB-TÍTULOS

Título CAPITAL:

Deve representar o valor do capital total invertido (empatado) na exploração, no começo de cada ano agrícola.

O Capital onera a produção:

1.º) pelos juros: FINANCIAMENTOS;
2.º) pelas amortizações ou depreciações: DEPRECIAÇÕES;
3.º) pela sua manutenção: CONSERVAÇÕES;
4.º) pelos riscos de destruição eventuais: SEGUROS — Sinistros.

Êste título só existe no livro Razão.

É para êle que tendem todos os outros títulos do Razão. Êle é sempre o primeiro título a ser aberto, e o último a ser fechado.

É creditado:

pelo capital inicial (debitando-o aos diversos títulos do Razão);
pelo capital de origem estranha à exploração, incorporado durante o ano;
pelo lucro líquido do ano agrícola (ou seja o saldo devedor da conta Perdas e Lucros).

É debitado:

pelas retiradas feitas para fim estranho à exploração;
pela perda líquida do ano agrícola (ou seja o saldo credor da conta Perdas e Lucros).

É saldado:

pelo capital líquido.

Título HIPOTECAS:

Êste título do Razão não exige livro auxiliar.

É creditado:

pelo valor da hipoteca feita sôbre a propriedade (debitando Caixa ou C/C — Proprietário conta capital);

É debitado:

pelo valor das quantias pagas para resgatar a hipoteca.

Título IMÓVEIS:

Êste título do Razão não exige livro auxiliar, pois pelo método aqui descrito, seu movimento é insignificante. Todavia, deverá ser aberta uma ficha de Inventário Permanente para cada rubrica da lista dada mais adiante.

No Razão êste título será debitado:

pelo valor total verificado pelo Inventário inicial ou anual, e cuja discriminação minuciosa será feita no Livro dos Inventários, uma vez por ano;

pelo valor da compra eventual dum bem imóvel anexo ou já existente na propriedade, porém pertencendo a terceiro;

no fim do ano agrícola, pelo valor das benfeitorias novas feitas durante o ano (Capitalização).

Êle será creditado:

pela venda eventual duma parte da propriedade, ou dum bem imóvel;

pela destruição ou desmontagem duma benfeitoria (debitando-se o título Matérial pelo material recuperado; Perdas e Lucros pela diferença; ou outra conta responsável);

pela desvalorização anual dos prédios e benfeitorias.

Para tornar êste título bem claro, convém subdividí-lo, no Inventário, em dois sub-títulos:

TERRAS: o terreno pròpriamente dito, com as diversas áreas ocupadas;

VESTIMENTO DAS TERRAS: compreendendo:

1.º) as construções existentes;

2.º) as culturas permanentes;

3.º) os adiantamentos às culturas. Êstes porém formarão um título especial no Razão, devido a sua redistribuição logo após o Inventário.

A classificação detalhada e sua ordem, será pois, a seguinte:

IMÓVEIS:

TERRAS: ...... hectares com a sede
...... " " pastos e invernadas
...... " " matas e capoeiras
...... " " culturas diversas
...... " " terras de culturas
...... " " terras inaproveitáveis (brejos, barrocas, lagôas etc.)

VESTIMENTO DAS TERRAS:

Sede: Jardim

Construções: casa de residência
" do administrador
" do guarda-livros
e outras que estiverem perto da residência;

casas da colônia: colônia nova
" velha
" Juruti etc.

garage
cabine elétrica
paiol
silo
casa do moinho
tulhas
depósitos

oficinas
rancho para combustíveis
" " máquinas agrárias
" " carroças
" " secador
terreiros
câmara de expurgo
lavador de café
esterqueira
cocheira
estábulo
currais para gado
maternidade para porcos (ou
ceva para porcos (pocilgas
cosinha para porcos (
piscina
mangueirão da fazenda
" da colônia

Rêde da água
Poços
Reprêsas
Caminhos
" de ferro Decauville
Cêrcas
Rêde elétrica de alta tensão
" " de baixa tensão (parte externa)
" telefônica
Campo de futebol

Pastos e Invernadas
Matas
Capoeiras
Cafèzal: .... pés de café de .... anos
.... " " " " .... "
Pomares: ...... pés
Eucaliptal: ...... pés
Tungal: .... pés
Etc.

NOTA: É de tôda conveniência serem as áreas determinadas por um agrimensor, estabelecendo assim uma vez por tôdas o mapa detalhado da propriedade.

Título CAPITALIZAÇÕES:

Êste título do Razão agrupa os sub-títulos abertos no Livro Auxiliar. No Razão só ocupa uma linha por mês.

Êle reune todos os serviços com benfeitorias novas, ou melhoramentos permanentes que ficam ligados ao patrimônio, como por exemplo, os prédios novos, cêrcas novas, caminhos novos, formação de pastos novos, formação de pomares, ou de cafèzal, eucaliptal, uma destoca pesada, os serviços de conservação do solo etc.

Em fazenda é comum a reforma dum prédio, como a residência por exemplo, custar três ou quatro vêzes o valor pelo qual êste prédio figura no Inventário. Neste caso é justo que essa reforma ou "conservação" figure como "capitalização" para não agravar um exercício só.

Os sub-títulos, no Livro Auxiliar, serão abertos à medida do início dos serviços de capitalização.

Cada sub-título será debitado:
pelo valor da mão de obra gasta na obra;
pelo valor do material gasto na obra;
pelo valor dos transportes efetuados;
pelo valor das despesas gerais, quando essas obras alcançam vulto.

Cada sub-título será creditado, no fim do ano,
pelo título Imóveis, valor por saldo.

Título INSTALAÇÕES:

No caso duma emprêsa muito importante, e especialmente si tiver uma parte industrial ligada (usina de açúcar por exemplo) ou no caso dum gôsto pessoal, poderá ser utilizado êste título do Razão.

Em caso contrário as despesas de instalações (das máquinas, das linhas elétricas ou de água, internas, etc.) serão debitadas, seja a cada prédio relativo, seja a cada máquina em particular (no título Material), etc.

Os sub-títulos no Livro Auxiliar serão abertos à medida do início dos serviços de instalação.

Cada um é debitado:
pelo valor da mão de obra gasta no serviço;
" " do material gasto no serviço;
" " dos transportes efetuados;
" " das despesas gerais quando essas obras alcançam vulto.

Cada um é creditado, no fim do ano:
pelo valor da quota de depreciação.

Cada um é saldado:
pelo valor verificado no Inventário.

Título ADIANTAMENTOS ÀS CULTURAS:

Êste título do Razão agrupa os sub-títulos abertos no Livro Auxiliar. No Razão só ocupa uma linha por mês.

Êle reune as despesas feitas no terreno, para as culturas do ano agrícola seguinte, antes do término do ano em curso, tais como arações, etc.

Para sua posteriora distribuição entre as culturas responsáveis, essas despesas serão debitadas separadamente a cada talhão (ou parcela) pelo número ou nome dêste. Por exemplo: Lote n.º 5, — Retiro, — Cachoeira, — Maniçoba etc.

É muito comum modificações no destino duma terra preparada, destinada a algodão por exemplo, que no fim é plantada em milho, por falta de semente ou de meeiro, ou outro motivo.

O mesmo local (Retiro por ex.) poderá ser plantado com duas ou mais lavouras, sendo a despesa repartida proporcionalmente ao número de hectares.

Normalmente êste título só funciona dois ou três meses por ano, até o balanço anual. Na reabertura da escrita, suas contas são saldadas pela repartição entre as culturas que ocuparam o terreno.

Cada sub-título é debitado:
pelo valor da mão de obra gasta no terreno;
" " dos serviços de animais utilizados no terreno;
" " dos serviços de motores utilizados no terreno.

Cada sub-título é creditado:
pela repartição do saldo devedor entre as culturas beneficiadas.

Títulos SEMOVENTES:

Estão reunidos neste título do Razão todos os bens vivos, que se movem por si isto é, todos os animais existentes na fazenda, tanto os animais de trabalho como os animais de renda. Êste título apresenta assim o capital fixo imobilizado em animais, complemento necessário para explorar os pastos e invernadas.

Êste capital, embora seja de fácil realização em dinheiro, não pode ser considerado como capital circulante, pois êle faz parte integrante dos imóveis "pastos" da fazenda. Como tal dá uma certa renda anual, como as terras de cultura. Essa renda, que exige também uma certa despesa, terá a sua apuração na conta de exploração CRIAÇÕES. Ela depende, como é natural, das qualidades intrinsecas do gado, e do tratamento que a êste se der.

Êste título e seus sub-títulos são debitados:
pelo valor estimativo de todos os animais, no Inventário;
" " das compras de animais, e das despesas de compra;
" " das despesas de venda (comissões, etc.);
pela valorização verificada pelo Inventário anual (valor de acêrto que vai à crédito de CRIAÇÕES).

Êles são creditados:
pela venda de animais;
" morte de animais desmamados;
" desvalorização verificada pelo Inventário anual.

Êles são saldados:
por Balanço, pelo valor verificado no Inventário.

Não intervem a conta Perdas e Lucros nêste título.

Os sub-títulos no Livro Auxiliar poderão ser:
Aves — Semoventes
Bovinos de trabalho — Semoventes
Bovinos para leite — Semoventes
Bovinos para carne — Semoventes
Caprinos — Semoventes
Cavalares; Muares; Ovinos; Peixes; Suinos etc.

Título MATERIAL:

Está reunido neste título de Razão, todo o material existente na fazenda.

Uma parte pode ser considerada capital fixo, e a outra capital circulante. Querendo diferenciá-las, poderia-se agrupar a primeira sob

o nome de DEPÓSITO, e a segunda de ALMOXARIFADO. Isto não corresponde porém a uma utilidade prática importante, podendo, pelo contrário trazer confusão e complicações.

Os sub-títulos, no Livro Auxiliar, relativos ao capital fixo são:

armas
arreios
caixas e vasilhas
encerados e panos
ferramentas e utensílios
maquinários
máquinas agrárias
móveis
veículos

Os valores dêsses sub-títulos estão sujeitos a desvalorizações anuais.

Os sub-títulos, no Livro Auxiliar, relativos ao capital circulante são:

acessórios e peças
adubos
cadernetas (oficiais)
carvão (eventual)
combustíveis e lubrificantes
drogas e medicamentos
lenha (eventual)
madeiras
materiais para construções
produtos
sacos (vasios)
salários
sementes

Os valores dêsses sub-títulos não estão sujeitos a desvalorizações anuais.

Êles representam as reservas de material em depósito, para as necessidades do serviço, como se fôsse dinheiro em caixa, pronto para comprar êsses materiais; ou também o contrário: representam os produtos da fazenda, prontos a serem vendidos para fazer numerário.

Pelo título MATERIAL devem passar tôdas as compras de materiais, e tôdas as vendas, embora sejam êles comprados ou vendidos diretamente pela cultura por exemplo. Apenas farão excessão os produtos de derrubada do Mato, quando esta fôr de vulto.

Isto afim de dar uma idéia do volume anual das transações, bem como para encontrar nas respectivas fichas do Inventário permanente as quantidades, os preços unitários e o valor total de todos os materiais e produtos.

Para conhecer a cada momento o estoque existente dum certo objeto (Inventário permanente), cada espécie de objeto tem sua ficha especialmente onde vão registradas as quantidades entradas e saídas, com os respectivos valores, despesas etc.

O total dos saldos de tôdas as fichas dum sub-título (acessórios e peças por ex.) deve ser igual ao saldo apresentado pelo sub-título, no

Livro Auxiliar. Uma verificação anual, um pouco antes do balanço final, bastará para um contador cuidadoso.

O total dos saldos de todos os sub-títulos de MATERIAL, no Livro Auxiliar, dará no Razão o valor exato dos objetos e produtos existentes na fazenda e suscetíveis de serem vendidos eventualmente.

É pois o total do material morto que mobilía a fazenda, à semelhança do material vivo (semoventes) que mobilía os pastos.

Da classificação desta conta depende grande parte da clareza da contabilidade, e da possibilidade de sua precisão.

Com a prática verificar-se-á a classificação mais lógica pelo agrupamento parcial do material que tem o mesmo destino e que se achará, naturalmente, no mesmo local do almoxarifado.

Os sub-títulos do MATERIAL referentes ao Capital Fixo estão sujeitos à depreciação anual (cada peça na sua ficha) que vai à crédito, bem como o valor duma venda eventual dêsse material.

A débito escritura-se:

o valor da existência, no início do ano agrícola;
o valor das compras durante o ano;
o custo ou a mão de obra utilizada em certos consertos (soldas etc.).

O saldo verificado de tôdas as fichas, de todos os sub-títulos constituem o valor do Inventário Permanente mensal ou anual.

"Maquinário" agrupa as máquinas fixas e móveis, das oficinas e usinas, utilizadas para beneficiar ou ultimar os produtos colhidos, inclusive os acessórios necessários ao funcionamento da máquina, como engrenagens dum tôrno etc.

"Máquinas agrárias" agrupa as máquinas utilizadas nos amanhos da terra, inclusive os tratores.

Êstes dois sub-títulos podem eventualmente serem reunidos num só, embora o material agrário se estrague mais depressa e por isso esteja sujeito a uma depreciação anual maior.

"Móveis" são os espalhados nos diversos prédios e que interessam à fazenda.

"Veículos" comporta os meios de transporte (auto, cabriolet, locomotiva etc.).

Para os sub-títulos acima, as depreciações variam de objeto para objeto. A título de orientação podem ser aceitas as seguintes amortizações sôbre o capital global:

Armas	5%
Arreios	20%
Caixas e vasilhas	5%
Encerados e panos	30%
Ferramentas e utensílios	15%
Maquinários	5%
Máquinas agrárias	20%
Móveis	5%
Veículos	10%

Os sub-títulos do MATERIAL referentes ao Capital Circulante englobam todo o material miudo que deve existir numa fazenda para evitar paradas longas de serviços.

Cada material (ou artigo) terá sua ficha.

As despesas de transporte e mão de obra (para os adubos por exemplo) serão debitadas nestes sub-títulos, que serão creditados pelo valor do material recuperado (sacos vasios por ex.) e pelo valor do material fornecido aos consumidores. Êles são saldados pelo valor verificado no Inventário.

(continua no próximo número)

Aqui está numa classe única

FERGUSON "30"

Com suas novas e excepcionais características de trabalho incorporadas às incomparáveis vantagens do *único* e *exclusivo* Sistema Ferguson, o novo FERGUSON "30" veio preencher plenamente as necessidades de um trator agrícola de baixo custo e alta eficiência. Procure você mesmo conhecer o novo Ferguson "30" e certifique-se das qualidades que o colocam na vanguarda de sua classe.

Distribuidores exclusivos para São Paulo, Paraná, Goiás, Norte de Santa Catarina, e Triângulo Mineiro:

MAIOR EM FORÇA...

MAIOR EM PERFORMANCE...

MAIOR EM ECONOMIA...

VARAM MOTORES S.A.

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1099 - São Paulo

NOVOS RUMOS DA ADUBAÇÃO NA RESTAURAÇÃO DOS CAFÈZAIS

CONTRIBUIÇÃO PARA A RECUPERAÇÃO CAFEEIRA

BRUNO LOTTI
Engenheiro Agrônomo

DECADÊNCIA DOS CAFÈZAIS PAULISTAS

Negar a impressionante decadência dos cafèzais da gleba bandeirante, é negar a sua evidência meridiana. As tulhas de cada cafeicultor, e a produção total do Estado são, mais do que o aspecto desolador dos cafèzais, o índice eloquente e desconcertante, de nosso declínio cafeeiro. Já não é mais perdoável, nem possível silenciar, pelo bem de S. Paulo e do Brasil, a respeito de uma situação que os fatos demonstram ser calamitosa.

Não é verdadeiro nem justo se afirmar que a totalidade dos cafèzais encontra-se em situação desesperadora. Uma parte apenas, na realidade, está apresentando colheitas deficitárias mas, incipiente ou acentuada, a decadência está progredindo paulatina mas quasi irremediàvelmente, para safras reduzidas, anti-econômicas. Quasi irremediàvelmente porque, embora possível sustar a progressão do grande mal, medidas acauteladoras e de combate, não são enérgica e prontamente adotadas pela maioria dos cafeicultores.

A expressão material da grandeza de S. Paulo é a terra e o que proporcionou a sua riqueza, foi o trabalho aplicado ao solo, na cultura do café, especialmente do café. A continuidade da elevada produção cafeeira, não é apenas uma questão econômica de vital importância mas, também, humana e social. Outrossim, o ouro que fomenta o nosso progresso, é carreado pelo café.

O café teve, é verdade, suas grandes infelicidades econômicas mas, contudo, a decadência prematura dos cafèzais, é fruto de êrros evidentes, cometidos durante um largo período de nossa história cafeeira. Pecou-se, principalmente, pela imprevidência. Julgaram-se as matas inacabáveis e a fertilidade do solo inestinguível. Não houve freios inibitórios para a ambição desmedida e a cafeicultura tornou-se uma cultura andeja e avassaladora. Faltou, em tempo oportuno, a justa compreensão da prática refertilizadora, acertada e generalizada, orientada por uma técnica supervisora, capaz de transformar uma cultura rotineira, numa cultura cientìficamente organizada. A decadência de nossa cafeicultura é, positivamente, a afirmação inequívoca de nossa derrota na batalha pela conservação do solo.

A pujança de nossa cafeicultura, dever é confessá-lo, mais que da ciência agronômica, foi obra da capacidade desbravadora, do arrôjo, do bandeirismo, do trabalho e da ambição de nossa gente. Plantou-se o café bem ou mal, deu-se-lhe tratos certos ou errados, mas enquanto houve solos ricos, houve cafèzais renovando-se e multiplicando-se, em progressão constante, e café em abundância.

Acabaram-se as matas. As condições do solo são, agora, de penúria. A era gorda dos desbravadores, bem cedo findou-se, sucedendo-lhe a era difícil dos recuperadores do solo. Êstes terão de reconstruir o que os outros afoitamente destruiram. Não se soube prevenir e, agora, é preciso remediar.

À nossa cafeicultura, para a sua sobrevivência, resta apenas uma alternativa: Restaurar-se ou perecer. Mas, si os desbravadores puderam dispensar a ciência agronômica, para povoar de cafèzais imensos as terras humosas do torrão paulista, os restauradores, sem a estrita observância dos preceitos técnicos, não conseguirão o seu intento e uma grande riqueza, fatalmente, perecerá. Consequentemente, aos restauradores dos cafèzais, tècnicamente orientados, caberá escrever, com renovado empenho de modernos bandeirantes, o capítulo de maior benemerência e patriotismo, de nossa epopéia cafeeira.

PUJANÇA E DECADÊNCIA DOS CAFÈZAIS

A exuberância, o elevado porte, as palmas longas e vigorosas, anualmente renovadas e o enfolhamento escuro, eram as peculiaridades dos cafèzais de grande produção, em terras de excelente fertilidade. Foi êsse o passado de uma cafeicultura por excelência, propiciadora de riquezas.

A perda das características da vegetação, orgulho de todos os cafeicultores, decretou, inexoràvelmente, a decadência dos cafèzais, nela espelhando-se, nítida e fielmente, os maiores males que afligem nossa cafeicultura atual. E' êsse o presente sombrio de nossa cultura, prenhe de ameaças para nossa economia.

A decadência dos cafèzais é, exclusivamente, crise tremenda de vegetação. As terras, não excluídas as mais afamadas, já esgotadas, não prodigam mais, espontâneamente, aos cafeeiros, os atributos de uma vegetação satisfatória, seu melhor predicado e as frutificações, mesmo razoáveis, estão se tornando, cada vêz mais, uma esperança anualmente frustada, porque impossíveis. Colheitas abundantes, prescindindo-se da primordial vegetação abundante, equivaleria, em cafeicultura, à materialização da quimera.

A decadência clama por uma urgente restauração, para a reestruturação dos cafeeiros, oferecendo-lhes, assim, novas possibilidades de frutificação remuneradora.

ADUBAÇÃO, IMPERATIVO DA RESTAURAÇÃO

A decadência cafeeira é, consequentemente, crise manifesta de nutrição das plantas. É, pura e simplesmente, fome de determinados elementos, visìvelmente reclamados. Sòmente a reposição equilibrada dêsses elementos nutritivos essenciais, devolverá à terra depauperada, pelo suceder das colheitas, a capacidade de produzir vantajosamente. Um solo empobrecido para poder dar, precisa antes receber. Impossível exigir do cafeeiro, o que o cafeeiro não pode exigir do solo.

Adubar, eis a solução, eis o magno imperativo do momento! Da adubação criteriosa depende, ùnicamente, a salvação de nossa maior riqueza agrícola, o café. Precária, precaríssima, é a nossa situação ca-

feeira, exclusivamente porque foram e ainda são relativamente poucos os que adubaram e adubam e, destes, muitos os que não souberam adubar, com acerto.

Em matéria de adubação do cafeeiro, na falta dos mais elementares conhecimentos de agronomia, que não deviam e não podiam ser ignorados, foram e ainda são cometidos erros gravíssimos que comprometem os resultados e significam sempre perda de tempo, de dinheiro e de entusiasmo. A pluralidade exagerada de opiniões, divergentes ou disparatadas, é índice significativo da confusão reinante, com relação à adubação dos cafèzais.

RESTAURAÇÃO PROGRESSIVA

A restauração dos cafèzais, os fatos demonstram-no cabalmente, é bem possível e econômica mas, ninguém se iluda: não será, certamente, em poucos mêses, empregando-se umas centenas de gramas de fertilizantes acertados por cafeeiro que os mesmos readquirirão seu primitivo aspecto. A persistência é, nesse intuito, uma virtude absolutamente necessária. E é, sem dúvida, fator primordial de bom êxito. Ou, mais positivamente, sem a continuidade das práticas refertilizadoras, não haverá possibilidade de recuperação e as tentativas iniciais, redundarão em fracasso inevitável.

Para renovar-se, razoàvelmente, a capacidade de frutificação de cafeeiros decadentes, não será suficiente a qualidade, a quantidade ou o acerto das fórmulas e dos fertilizantes empregados mas, ainda, é essencial o fator tempo. No solo, à disposição das plantas, não existem mais reservas apreciáveis de elementos nutritivos básicos e, para a satisfação de necessidades fisiológicas conhecidas, prementes e permanentes, a refertilização deverá ser lògicamente constante.

A pretenção de numerosos cafeicultores de limitar, o mais das vêzes, por falso conceito de economia, a prática restauradora dos cafèzais a apenas uma, ou à adubações esporádicas, além de ser absurda, é antieconômica. De fato, uma adubação acertada, provoca nos cafeeiros longas palmas que, infalìvelmente, frutificarão no ano sucessivo. Na falta, porém, de um novo estímulo vegetativo, pela interrupção da adubação, as palmas secarão com os frutos e a restauração terá de ser reiniciada, talvêz, em condições piores, recomeçando do ponto de partida. E os fertilizantes serão, invariàvelmente, culpados por males que cabem, exclusivamente, à inconstância dos aplicadores.

ERROS DA ADUBAÇÃO DOS CAFÈZAIS

Os erros mais comuns na adubação dos cafèzais, são cometidos pelo desconhecimento, parcial ou integral, das funções predominantes ou interdependentes dos elementos básicos da nutrição vegetal e, pior ainda, pela proporção desiquilibrada de seu emprêgo, de acôrdo com as fórmulas clássicas, anacrômicas nas circunstâncias atuais, prejudicando os resultados, não raro opostos aos visados. Existe identidade de objectivos, sim, mas nota-se, em alto grau, diversidade, confusão e desacerto nos meios adotados para alcançá-los.

Haja vista, por exemplo, o que está acontecendo em relação à vegetação do cafeeiro: todos, unanimemente, almejam exhuberância de vegetação, empregando, porém, via de regra, adubos fortemente fosfatados, em vez de predominantemente azotados e potássicos. O mesmo está ocorrendo no tocante à frutificação: pretendem-se safras abundantes de cafeeiros desnudos, aplicando-se, em evidente contraste com a lógica, as clássicas fórmulas fortemente ou unilateralmente fosfatadas.

É preciso compenetrar-se e convencer-se, uma bôa vez, que a adubação atual dos cafèzais, não pode identificar-se com a dos tempos áureos de nossa cafeicultura, em terras virgens e ricas. A decadência dos cafeeiros, sem o recurso fácil e cômodo da sua renovação incessante, inverteu, definitivamente, as suas exigências nutritivas. Mas, entrementes, as fórmulas de adubação não foram alteradas, não foram adatadas à nova situação, criada pelo empobrecimento do solo, unico responsável pela decadência dos cafèzais.

Objectivava-se, outrora, mui razoàvelmente, a frutificação máxima de cafeeiros exhuberantemente vegetados e pretende-se agora, absurdamente, o mesmo fito de plantas definhadas. O que era perfeitamente possível, então, torna-se explicitamente impossível e ilógico atualmente, empregando-se com a mesma finalidade, mas em situações opostas, idênticas fórmulas de adubação. É natural, justíssimo, que do cafeeiro exija-se café, mas não perdendo tempo na inversão de fatores, contrários à lei da natureza.

NOVOS RUMOS NA ADUBAÇÃO DOS CAFÈZAIS

Na adubação dos cafèzais, não pode e não deve ser sub-estimada a importância vital do fósforo, indispensável à vida vegetal e, principalmente, na sua qualidade de maior agente da frutificação. Em tratando-se, porém, da sua restauração, em vêz de aplicá-lo, em muitos casos, si fosse possível, deveria ser retirado do solo, porque a frutificação de cafeeiros debilitados, embora relativamente pequena, ocasiona sempre um sério contratempo, para a maior eficiência da sua recuperação. Em qualquer hipótese, entretanto, os fosfatos deverão ser aplicados sempre com criteriosa parcimônia, em virtude da grande carência de azôto no solo, e, lògicamente, de vegetação adequada dos cafeeiros.

Caberá, então, ao azôto e ao potássio, o desempenho importantíssimo de agindo como elementos mínimos, favorecer a frutificação, tirando o melhor proveito do fósforo presente no solo e, ao mesmo tempo, prevenir e impedir, o sacrifício exagerado dos cafèzais. Consequentemente, o fósforo, nessa prática restauradora, além de mais comumente desnecessário, pode tornar-se até prejudicial, atrasando o processo restaurador. Com fosfatos aduba-se, nesse caso, perigosa e anti-econômicamente, a terra, quando em excesso, e, com azôto e potássio, adubam-se as plantas e, no caso particular do cafeeiro, nunca estes serão em excesso porque o seu frondamento máximo, nunca será defeito mas, sim, virtude.

Ao observador atento, conhecedor de nossa cafeicultura em toda a sua extensão, não poderá escapar o fato comuníssimo de os cafeeiros,

mesmo não adubados, frutificarem em tôdas as suas palmas renovadas, disponíveis. Estas, porém, no período de amadurecimento dos frutos, secarão, denunciando, da maneira mais inequívoca, a existência, à disposição das plantas, do fósforo necessário à frutificação e, ao mesmo tempo, a deficiência evidente do azôto que, além de estimular o projetamento de novas palmas, garantiria a vitalidade das existentes.

Assim sendo, deixem-se de um lado as teorias e as controvérsias técnicas e recorra-se ao auxílio decisivo dos fatos e da lógica, impondo uma mudança radical de rumos, às adubações clássicas dos cafèzais. Urge uma troca de posições, na ordem quantitativa dos elementos nutritivos fundamentais. A ordem não poderá ser mais: Fósforo, Azôto e Potássio, mas: AZÔTO, POTÁSSIO e FÓSFORO, ou AZÔTO E POTÁSSIO exclusivamente.

A corroboração prática dessa inversão revolucionária, pode ser constatada, amplamente, nas adubações, em vasta escala, em todos os quadrantes cafeeiros do Estado, onde dominou o emprêgo de fertilizantes azotados e potássicos. O fósforo, quando não foi excluido totalmente, foi aplicado, quasi sempre, sob forma tricálcica, de três em três anos, em rodízio, juntamente com matéria orgânica de qualquer natureza. Está sendo conseguido, dessa maneira, um dos mais ambicionados objetivos da cafeicultura: Frutificações médias, mas aproximadamente constantes e a recuperação paulatina e progressiva dos cafèzais.

Nossa já periclitante cafeicultura, para poder subsistir, precisa do remédio básico e drástico da adubação mas, sem uma mudança formal de orientação, ela, compreensìvelmente, não sobreviverá.

O AZÔTO NA RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS CAFÈZAIS

Sendo o desenvolvimento vegetal, função precípua do azôto e, em menor escala, dos demais elementos nutritivos, é evidente que o cafeeiro, diferenciando-se, marcadamente, das outras plantas, pela necessidade absoluta de ramificações anualmente renovadas, como condição absoluta de frutificação, tem exigências particularmente excepcionais a êsse respeito. A conhecida preferência do cafeeiro pelas terras humosas das matas virgens, é, um atestado insofismável da sua gulosidade de azôto. A lição não foi, porém, convenientemente compreendida e aproveitada.

É sabido que a decadência dos cafèzais aumenta sempre em proporção inversa à diminuição de azôto no solo. Não importa que os cafeeiros tenham à sua disposição, mesmo em quantidade elevada, os elementos mais diretamente responsáveis pela frutificação. Esta, estará sempre rigorosamente condicionada, ao maior ou menor número, comprimento e vigor das palmas, conseguidas no período vegetativo anterior. A adubação fortemente azotada, será sempre, por esse motivo, a reguladora exclusiva, da capacidade de frutificação dos cafèzais.

Em cafeicultura, errou-se desde o princípio, na premissa duvidosa, ou muito exagerada, de uma riqueza superlativa de azôto em nossas terras. Entretanto, foi excessivamente efemera, a vida satisfatòriamente produtiva dos cafèzais, condenados pela emigração constante do azôto com o café, a um nomadismo ininterrupto, sempre à cata de húmus, ou melhor dito, de azôto.

Sem a predominância absoluta de azôto, inelutàvelmente, fracassarão todos os planos de recuperação cafeeira, porque é prerogativa essencial dêsse elemento, a reestruturação dos cafeeiros, fase inicial, imprescindível da frutificação remuneradora.

O AZÔTO NÍTRICO, AZÔTO IDEAL

Existe azôto sob forma orgânica, amoniacal e nítrica mas, as plantas assimilam esse elemento, exclusivamente, em sua qualidade nítrica e, assim sendo, tanto o azôto orgânico como o amoniacal terão de, prèviamente, transformar-se no solo, em azôto nítrico, condição essencial para seu aproveitamento, durante o processo da nutrição vegetal.

Dessa maneira, não se compreendem nem se justificam, as divergências, as dúvidas e os receios, relativamente à qualidade de azôto que deve ser escolhido e preferido para a adubação, especialmente, na restauração dos cafèzais. É de uma evidência palpável, a superioridade do azôto nítrico. Os alimentos mastigados, naturalmente, são sempre mais proveitosos que os alimentos crús, mórmente em casos de fome.

Si não existisse o azôto nítrico, os cientistas estariam, com toda certeza, afanosamente empenhados em sua descoberta, tendo em mira, principalmente, a restauração dos cafèzais. De fato, para todos os efeitos, o azôto nítrico é o azôto ideal para esse fim. Além do mais, não deixa de ser uma garantia tranquilizadora para o cafeicultor, o fato de depender exclusivamente dêle, a faculdade de rejuvenecer, de provocar e regular a vegetação e o crescimento dos cafèzais, quando mais julgar necessário. Portanto, o azôto nítrico natural, sem depender de transformações, sempre ao alcance do cafeicultor, na quantidade desejada, apresenta a solução mais fácil, cômoda e lógica. Assim, não haverá desculpas, mas culpas graves, em caso de decadência negligenciada.

Uma das maiores vantagens do azôto nítrico, é a sua assimilação direta, rapidíssima. Num país onde há pressa para tudo, mórmente para se ganhar dinheiro, preterindo-se o azôto nítrico, complica-se inùtilmente, pela morosidade voluntária, uma solução tão clara, de tão palpitante urgência e atualidade, atrazando-se, prejudicialmente, êxitos econômicos, ansiosamente desejados. Entretanto, alhures, onde a adubação racional generalizada, é estudada meticulosamente sob o seu aspecto fertilizante e econômico, mais vantajoso, o azôto é aplicado gazeificado, por meio de injeções no solo. Entre nós, onde uma riqueza inegualável periga, reclamando providências urgentes, para um mal que não consente esperas, os cafèzais morrem à míngua de azôto nítrico, fàcilmente aplicável em cobertura.

A MELHOR FONTE DE AZÔTO NÍTRICO

O Salitre do Chile, ou mais exatamente, o Nitrato de sódio, por tratar-se de fertilizante natural é, sem a menor dúvida, a maior e melhor fonte conhecida de azôto nítrico. Alía êle a êsse elemento precioso, o Nitrato de Potássio, no Salitre Duplo Potássico, o mais aconselhado em cafeicultura e 32 elementos menores, justamente tidos elementos vitamínicos das plantas. Para a adubação do cafeeiro, a fórmula do Salitre

Duplo Potássio, com 15% de azôto nítrico e 10-12% de nitrato de potássio é, de fato, ideal.

"O magnífico Salitre do Chile", na palavra autorizada do eminente agrônomo Apolônio Sales, fertilizante nitrogenado por excelência, mercê os resultados expressivos, altamente satisfatórios, constatados onde tenha-se adubado cafèzais, está ganhando ràpidamente terreno e adeptos, à medida que fôr experimentado. Está êle, sem receio de se errar, fadado, si empregado em tempo e criteriosamente, a representar a âncora de salvação, de uma cafeicultura em franco declínio.

São, também, vantagens utilíssimas do Salitre: "segurar" a florada e os chumbinhos, atenuar os efeitos prejudiciais das estiagens prolongadas, socorrer os cafèzais atingidos pelas geadas e pelo granizo e alcalinizar as terras ácidas.

O emprêgo do Salitre Duplo Potássico nos cafèzais, deverá ser feito em doses parceladas, em partes iguais, em duas e, possìvelmente, em mais vêzes. De julho, antes da esparramação do cisco, possìvelmente, até outubro a primeira e de novembro, após a capina, até o fim de janeiro, a segunda. É rigorosamente necessário que, entre as duas aplicações, haja o espaço mínimo de trinta dias e, isso é essencial, a começar da primeira bôa chuva, após a última aplicação. A quantidade máxima total será, para cafeeiros adultos e de elevado porte, salvo casos especiais, de 400 grs. (200+200), mas 300 grs. (150+150), será considerada quantidade suficiente, na maioria dos casos. Para cafeeiros novos, as doses diminuirão gradativamente com a idade e o tamanho, até a quantidade mínima de 10 grs. quando trata-se de cafeeiros ainda na cova. Nesse caso, as aplicações poderão ser mais numerosas e menos distanciadas, mas sempre durante o período das chuvas.

Em tratando-se de fertilizante concentrado, de solubilidade e de assimilação rápida, são necessários alguns cuidados na sua aplicação, evitando-se, de uma só vêz, doses exageradas que, poderiam causar distúrbios fisiológicos nas plantas, como por exemplo, chamuscar as fôlhas, fato esse, aliás, de pouca importância. Isso, porém, de forma alguma, acontecerá si forem observadas as instruções impartidas a esse respeito.

O Salitre tem o enorme mérito, pràticamente privilégio seu, de ser aplicado em cobertura. Essa prática não é adotada como recurso de economia e de tempo, na verdade dos maiores, mas atendendo-se ao seu maior e melhor aproveitamento, pela totalidade das radicelas, ao mesmo tempo. Essa modalidade de aplicação, apresenta ainda, a extraordinária vantagem de possibilitar o seu emprêgo, pela sua facílima maneira de distribuição, nas épocas mais aconselháveis, ao contrário de outros fertilizantes, obrigatòriamente aplicados em covas ou sulcos que, não raro, por falta de operários, sobram inaproveitados, "adubando" as tulhas. As covas custariam, ademais, mais ou menos, quanto o preço da dose total de Salitre aplicado por cafeeiro.

O Salitre Duplo Potássico, aplicado em cobertura, será uniformemente espalhado na superfície, sem necessidade de covas, sulcos ou riscos, formando um círculo completo em redor do cafeeiro, na projeção das "saias". Não existindo essas, o círculo ficará distanciado 60-70 cms. dos troncos. Essa norma será igualmente observada, quando do em-

prêgo, em covas ou sulcos, da matéria orgânica e dos fosfatos, necessàriamente, de dois ou de três em três anos, em rodízio, numa parte dos cafèzais cada vêz.

O Salitre não dispensa o emprêgo de matéria orgânica de qualquer natureza, especialmente em terras arenosas .Em solo humificado, o Salitre reparte com a matéria orgânica, a glória de um resultado pleno. A eficácia dêsse fertilizante, entretanto, ao contrário do que alguns afirmam sem base, será sempre satisfatória, convincente e, mesmo, surpreendente, embora a matéria orgânica seja empregada de dois, ou de três em três anos. Não faltam provas, em vasta escala, perfeitamente concludentes, para uma afirmação categórica nesse sentido.

O Salitre é o único fertilizante que, de setembro à abril de todo ano, é perfeitamente capaz de preparar os cafeeiros para as frutificações sucessivas e, portanto, constantes.

Que o Salitre "força" a vegetação do cafeeiro para, em seguida, precipitá-lo no aniquilamento, que "esgota" ràpidamente as terras, que "vicía" irremediàvelmente as plantas, são lendas nas quais muitos, ingenuamente acreditaram, no tempo em que êsse fertilizante, na prática, era um grande desconhecido. Enquanto isso, a maioria dos cafèzais, apesar de nunca terem sido "viciados", "forçados" "esgotados" pelo Salitre, apresentam o espetáculo triste das varas dominando em toda a sua extensão, salvo poucas excepções.

Foi verdadeira infelicidade para a nossa economia, não ter sido o Salitre empregado mais amplamente, em tempo oportuno, porém, a consciência agrícola cafeeira, ainda está em tempo de acordar, de averiguar, de raciocinar e de meditar. Sem Salitre, é certíssimo, não poderá haver salvação, porque sem azôto nítrico não haverá vegetação rápida e sem vegetação haverá simulacros de cafeeiros, mas não cafeeiros de verdade e nem café.

A MATÉRIA ORGÂNICA NA ADUBAÇÃO DOS CAFÈZAIS

Em cafeicultura, a matéria orgânica de qualquer natureza, pelas suas múltiplas, complexas e imprescindíveis funções, é de excepcional importância embora, sòzinha, por melhor que seja a sua qualidade, sem a associação dos elementos nutritivos básicos, não possa operar o milagre da conservação, produtividade e, tão menos, da restauração dos cafèzais.

Criou-se, com facilidade, a mentalidade de que a matéria orgânica exclusivamente, poderá resolver o problema aflitivo da decadência cafeeira e, uns tantos, a maioria mesmo, assim, erradamente, acreditam. Mas, ao lado dessa mentalidade mal informada, é decepcionante a apatia pela sua obtenção, aliás fácil, pelo método mais rudimentar, quasi sempre havendo capinas, e vegetais em quantidade, pelo menos para uma produção parcial, abandonados ou para serem devorados, criminosamente, pelo fogo. Com água facilita-se a sua decomposição, favorecida pelo emprêgo da palha de café. No domínio agrícola não faltam dificuldades mesmo para empreendimentos úteis, mas deverão elas ser vencidas, em tratando-se do composto orgânico, custe o que custar. O café merece e paga esse sacrifício.

Entretanto, constatando-se realìsticamente fatos, averiguando-se a incapacidade atual para a obtenção da matéria orgânica e sem grandes indícios promissores para um futuro próximo, si a cafeicultura depender, para a sua salvação, de um jacá de matéria orgânica por cafeeiro, não haverá, irremediàvelmente, salvação, ainda mais porque as condições dos cafèzais, não admitem mais longas esperas.

Seja qual fôr o motivo, porém, que impeça a obtenção de composto orgânico em quantidade satisfatória, recorra-se à adubação verde, cultivando leguminosas nos cafèzais, onde a acidêz não seja acentuada, ou alcalinizando os terrenos, em caso contrário. A re-humificação dos cafèzais reclama, com urgência, uma solução.

Portanto, existe sim, premente e angustioso, o problema da matéria orgânica, mas como correctivo das propriedades físicas do solo e ambiente propício à vida e proliferação dos indispensáveis micro-organismos, para uma maior atividade biológica do solo e geradora de ácido carbônico, mas não como fornecedora, especialmente, de azôto. Para compensar a conhecida pobreza dêsse elemento, seria necessário o emprêgo de quantidade muito volumosa, o que não está ao alcance de nenhum cafeicultor. Não existe, consequentemente, nenhum problema de azôto mas, exclusivamente, ao contrário do que pensa a maioria dos cafeicultores, de massa orgânica e nada mais.

Nem técnica, nem econômicamente, justifica-se a preferência dominante pelo azôto orgânico. Sòmente as tortas oleaginosas e, em menor quantidade, o estêrco de galinha, contêm-no em quantidade apreciável. Na quantidade mínima, assim mesmo raramente, que é consentido o emprêgo dessas matérias, o problema da re-humificação, continua insoluto. A sua aplicação obrigatòriamente efetuada em covas, o seu preço de custo e transporte elevados, podem conduzir a um êrro, pelo menos, econômico. Os adubos precisam ser avaliados, não pelo pêso ou volume, mas pela concentração e qualidade dos elementos nobres contidos. O azôto vale, acima de tudo, pela rapidez da sua assimilação.

Seja qual fôr a forma do azôto, orgânico ou amoniacal, terá de transformar-se em azôto nítrico para ser possível a sua assimilação pelas plantas e êsse, seja qual fôr a sua origem, será sempre perfeitamente idêntico ao azôto nítrico contido no Salitre, ou Nitrato de sódio.

Mas, do momento em que não existe matéria orgânica para o seu emprêgo na quantidade necessária e continuada, o meio têrmo será a única solução prática aconselhável. Empregue-se a matéria orgânica de qualquer natureza, em menor quantidade, de dois, ou de três em três anos, juntamente com os fosfatos. O azôto nítrico e o nitrato de potássio, serão aplicados anualmente, sob forma de Salitre Duplo Potássico. Não será uma solução de emergência, porque largamente experimentada, apresenta resultados inconfundíveis.

A PODA DOS CAFÈZAIS E O AZÔTO NÍTRICO

Quando os cafeeiros definham e apresentam ramos ameaçadoramente desnudos, atestado de uma vitalidade que esvae-se e de uma fome de azôto e de potássio que, progressivamente, acentua-se, o remédio que numerosos cafeicultores preferem aplicar, é o machadinho e o

serrote. Pode-se ser a favor ou contra a poda, suave ou violenta que ela seja, mas o fato incontestável é que quando há necessidade de poda, há necessidade premente de adubação. Pode-se si quiserem, mas adube-se, ao mesmo tempo. Em caso contrário, tiram-se as provas da fome, mas o mal continua. Os efeitos serão eliminados, apenas, temporàriamente, si as causas determinantes não forem eliminadas definitivamente. Nesse caso, além da matéria orgânica, o Salitre Duplo Potássico é o único fertilizante que deverá ser aplicado.

A não ser o desbaste, ou a poda suave, manual, de arejamento, a poda dos cafèzais, deverá ser sempre precedida, no mínimo com um ano de antecedência, de uma adubação à base de Salitre Duplo Potássico, afim de se conhecer a reação vegetativa das plantas que traçará uma orientação segura ao podador na eliminação dos ramos realmente inúteis.

O BICHO MINEIRO E O AZÔTO NÍTRICO

Gastam-se somas elevadíssimas no combate ao bicho mineiro e outras pragas que afetam, insidiosamente, as fôlhas do cafeeiro. Dinheiro bem gasto sem dúvida, mas sòmente com insecticidas, será lento o seu extermínio e faltará a recuperação dos prejuízos sofridos pelas plantas.

Essa praga, embora conhecida de longa data, pràticamente não apresentou danos, enquanto os cafeeiros mantiveram-se bem frondados. Provocando-se uma nova vegetação, coopera-se, ao mesmo tempo, para o combate ao bicho mineiro e às outras pragas afins. Na luta implacável, os insecticidas e o Salitre Duplo Potássico, deverão ser as armas preferidas, porque são as mais eficientes. Ademais, onde encontra-se o mineiro, é obrigatória a presença do Salitre Duplo Potássico afim de reparar, provocando um novo enfolhamento das plantas, os estragos das pragas.

IRRIGAR SEMPRE TERRENOS ADUBADOS

A intenção precípua e evidente do cafeicultor arrojado, ao instalar, dispendiosa irrigação artificial, é conseguir uma vegetação bem mais abundante, para os seus cafèzais.

Êsse objetivo predominante e certo, não é, porém, previlégio exclusivo da água, mas sim e principalmente do azôto nítrico e do nitrato de potássio magnìficamente representados pelo Salitre Duplo Potássico. A água de irrigação agirá, essencialmente, como dissolvente e veículo, dos elementos da nutrição vegetal. Em terrenos depauperados, por consequência, sem o complemento da fundamental adubação refertilizadora adequada, os resultados serão, lògicamente desanimadores, ou sempre inferiores às suas reais possibilidades, não justificando plenamente, os onerosos gastos da irrigação. Porém, na falta da irrigação, "irriguem-se" os cafèzais com Salitre Duplo Potássico e os resultados serão, igualmente, excelentes, e obtidos de maneira muito mais prática e econômica. O que valem são os resultados e não os meios empregados para alcançá-los.

RESUMO

1: — A cafeicultura paulista, alicerce granítico de nossa economia, minada por uma decadência indisfarçável, está clamando por providências urgentes, confiando na capacidade técnica e de trabalho dos recuperadores da fertilidade do solo, reconstruindo uma riqueza que os cafèzais e outros fatores desgastaram.

2: — Os cafèzais de grande produção, caracterizam-se pela sua grande exhuberância. A decadência, evidencia-se pela crise tremenda de vegetação dos cafeeiros. É necessário restaurar, para restituir aos cafèzais, a vegetação e a possibilidade de, novamente, poder frutificar satisfatòriamente.

3: — A restauração cafeeira será possível sòmente adubando racionalmente.

4: — A restauração dos cafèzais depende, além de uma adubação acertada e criteriosa, de tempo e de persistência.

5: — Errou-se e erra-se na adubação do cafeeiro, pelo desconhecimento evidente da função específica dos elementos da nutrição vegetal e pelo emprêgo invariável de fórmulas de adubação antiquadas e impróprias por não corresponderem mais às necessidades da cafeicultura decadente.

6: — O fósforo, nas atuais contingências de decadência dos cafèzais, salvo as excepções, tornou-se perigosamente prejudicial para a restauração, anulada pelas frutificações excessivas, patenteando a necessidade absoluta da inversão quantitativa dos elementos nobres, devendo ser abandonadas definitivamente as fórmulas clássicas da adubação dos cafèzais, confiando-se a predominância absoluta ao azôto e, em seguida, respectivamente, ao potássio e ao fósforo. Êste último, em determinadas condições, deverá ser totalmente excluido das fórmulas de adubação do cafeeiro.

7: — Caberá ao azôto, juntamente ao potássio, o papel de maior relevância na recuperação cafeeira, por serem mais diretamente responsáveis pelo desenvolvimento e da vegetação das plantas, fase primária essencial da restauração e da frutificação do cafeeiro.

8: — O azôto nítrico, pela rapidez e urgência da sua assimilação, é o azôto ideal da restauração cafeeira. Abunda no mercado, é de fácil aplicação e de eficiência largamente comprovada.

9: — O Salitre do Chile Duplo Potássico, contendo, concentrados, azôto nítrico e nitrato de potássio, de origem natural, da terra para a terra, pela sua rápida assimilação e reação imediata, pela facilidade extrema de sua aplicação em cobertura e por outros relevantes motivos, prenhes de vantagens econômicas evidentes, é, incontestàvelmente, a melhor fonte dêsses preciosos elementos nutritivos, neles repousando as melhores esperanças para o reerguimento de nossa periclitante cafeicultura.

10: — A matéria orgânica desempenha, também, um papel importantíssimo na conservação e restauração cafeeira, mas os cafeicultores, imbuidos quasi todos dessa verdade, precisam, com empenho, abandonar as cogitações inoperantes para o campo das realizações práticas, não falando, apenas, em necessidade, mas em produção real da necessária

matéria orgânica de qualquer natureza, resolvendo, em definitivo, o angustioso problema da re-humificação dos cafèzais. Deverão os mesmos compenetrar-se que sem a associação de adequados elementos minerais, não haverá possibilidade de êxito completo.

11: — A poda dos cafèzais, deverá ser precedida e acompanhada pela aplicação de Salitre Duplo Potássico.

12: — O bicho mineiro e outras pragas que afetam as folhas, além dos conhecidos inseticidas, encontram no Salitre Duplo Potássico um sério inimigo. Êste fertilizante, serve de preventivo e de restaurador dos prejuízos sofridos pelos cafeeiros.

13: — A irrigação artificial dos cafèzais, sem uma adubação adequada, apresentará resultados incompletos.

N. R. — O trabalho do sr. José Setzer, publicado em o n.º 302 dêste Boletim, não era uma colaboração especial, tendo sido por engano incluido na Seção de "Colaborações". Tratava-se da Transcrição do resumo de uma conferência proferida em junho de 1945, na série do Instituto de Economia.

Resumos e Transcrições

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 788 CARTA SEMANAL DO MERCADO 1 de Agôsto de 1952

SITUAÇAO GERAL: A onda de calor neste país, que até agora era comentada na imprensa apenas sob o ponto de vista do desconforto para a população, começou já a afetar as safras no Sul dos Estados Unidos a tal ponto que o Departamento de Agricultura estima as perdas já ocasionadas pela prolongada seca como sendo muito altas. Segundo o Govêrno, a seca no Sul é a mais severa dos últimos vinte e cinco anos e por esse motivo está tomando as necessárias medidas no sentido de enviar auxílio aos lavradores daquela região.

No caso de se prolongar a seca, a economia geral do país seria desfavoràvelmente afetada como resultado da inevitável redução nas colheitas, a qual provocaria uma alta nos preços e uma diminuição na qualidade dos produtos afetados, entre os quais contam-se o milho, legumes, frutas, algodão, tabaco e gado. Aliás, e como resultado dessa nova situação, já se nota um movimento altista no índice geral dos produtos primários sôbre o qual influem, principalmente, os produtos agrícolas.

Outrossim, o recente aumento nos preços do aço e aluminio deverá exercer pressão no índice geral e portanto poder-se-ia dizer que o custo da vida vae subir. Assim, a economia encontra-se de novo sob a ameaça de uma nova onda inflacionista a qual se não for controlada poderá afetar desfavoràvelmente a vida econômica da nação. Evidentemente ninguém pode afirmar desde já que o país vae presenciar outra onda inflacionista, mas à vista de poderosos fatores inflacionistas atualmente presentes na economia essa possibilidade constitue uma constante ameaça.

MERCADO DE CAFÉ: O aumento na atividade durante a semana em apreço. continuou presente e correm notícias de que os torradores, embora evitando que o assunto receba publicidade, estão expandindo suas atividades de compra. Consequentemente, está se generalizando um ambiente gradual de firmeza através do mercado o qual, em suas flutuações, desde algumas semanas que está avançando mais do que retrocedendo com indícios, aliás, que as tendências de firmeza torna-se-ão mais positivas à medida que o outono se aproxima.

No têrmo local registrou-se um aumento no volume de operações no Contrato "S", sendo de 463 o número de lotes negociados em comparação com 382 lotes na semana anterior. Para o fim da sessão de ontem as cotações registravam altas de 23 a 38 pontos segundo as posições. À vista de que a posição aberta baixou em 52 lotes durante a semana, sendo esta manhã 2.152, poder-se-ia dizer que os níveis atuais foram suficientemente atraentes para estimular liquidações para realizar lucros.

ÚLTIMAS COTAÇÕES O ambiente mais firme do mercado reflete uma absoluta falta de pressão nas ofertas de todas as procedências. Consequentemente, embora se mencione um preço de 52c/ FOB para o Santos 4, essa cotação parecia puramente nominal e sensìvelmente abaixo do preço real. No que respeita aos colombianos os preços flutuam entre 57c/ e 57-1/2c/, sendo aliás a este último preço que se registraram operações.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Do boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, reproduz-se a seguinte nota: "O comércio já nem se lembra do projetado Instituto Nacional do Café, mas no Brasil é corrente a opinião de que sua criação vae ter grande importância para a indústria tanto local como no exterior. O Congresso brasileiro ainda estuda o projeto e é possível que o Instituto comece a funcionar dentro de uns meses.

"A comissão especial dirigida pelo Sr. Garibaldi Dantas terminou seus trabalhos a 16 de Março de 1951 e propôs ao Ministério da Fazenda a criação do referido Instituto. Há um ano que o Presidente Vargas enviou ao Congresso um projeto de lei criando um Instituto Nacional do Café. A lei, entre outras cousas previa a criação de um imposto especial de exportação de 10 cruzeiros por saca. Na base da exportação anual de 16 milhões de sacas, a receita total seria de Cr$ 160.000.000.000 por ano. O Instituto também vae apropriar os fundos do Departamento Nacional do Café depositados no Banco do Brasil, os quais atingem cêrca de um bilhão de cruzeiros.

"Na sua mensagem ao Congresso há um ano, o Presidente Vargas disse que a receita proveniente do novo imposto seria usada para melhorar a cafeicultura, reduzir os custos de produção, aumentar o rendimento e estudar os métodos modernos e a possibilidade de semear café unicamente naquelas terras adequadas para tal cultura. A mensagem também dizia que o Govêrno propunha-se obter justos preços para os lavradores na proporção com a concorrência estrangeira; aperfeiçoar a distribuição, incluindo transportes, expandir a propaganda ao produto e fomentar novos mercados de consumo".

O Salvador: Da revista "Tea & Coffee", edição de Julho, transcreve-se o seguinte: "A safra 1951-52 vae ser 15 a 20% inferior à safra anterior devido em grande parte aos prejuízos causados por um inseto chamado "chacuatete". Esse fato coincide com o informe dado pelo Banco Central de Reserva de que as exportações declinaram de Novembro de 1951 a Abril do corrente ano. Os embarques para o exterior foram calculados em 653.047 sacas, ou seja, uns 202.668 sacas menos que durante o mesmo pariodo do ano passado.

"As entregas nos portos atingiram 750.780 sacas de 69 quilos, isto é, uma diminuição de 154.953 sacas relativamente ao nivel de há um ano. A diminuição nas exportações demonstra a necessidade de se expandir os mercados estrangeiros e os cafeicultores estão contando com os esforços de dois organismos internacionais para fomentar as vendas na Europa. O informe anual da diretoria da Associação Cafeeira de O Salvador deu a entender que a Federação Cafeeira Centro-América-México-El Caribe e o Bureau Pan-Americano do Café são os organismos com que o país conta para aumentar suas vendas na Europa e assim suplementar as exportações para o seu principal cliente: os Estados Unidos da América".

CANADÁ

Importações de Café: A revista "Tea & Cofee" diz o seguinte: "Segundo o Sr. B. T. Huston de Toronto, as cifras oficiais das importações de café e chá no Canadá durante Março último revelam um pequeno aumento nas importações

de café e uma redução substancial nas importações de chá. Durante esse mês o Canadá importou 9.057.584 lbs. de café, ao passo que em 1951 havia importado 8.971.685 lbs, o que representa um aumento de 0,9%. Das importações em Março 3.429.839 lbs. vieram do Brasil ao passo que Colômbia figurou em segundo lugar com 2.578.059 lbs."

EUROPA

Itália: Esse país importou nos primeiros cinco meses do ano em curso .... 432.502 sacas de café cru, cifra que é de comparar com 327.740 sacas importadas durante o mesmo período do ano passado, ou seja um aumento de 32%. Se for mantida até ao fim do ano a média mensal de importações, Itália deverá importar cêrca de um milhão de sacas, o que por certo representaria a cifra de importação mais alta na história daquele país. Durante o mês de Maio último a Itália importou 80.127 sacas, das quais 33.515 vieram do Brasil, ou sejam 42% do total importado para o referido mês.

Depois do Brasil, os países que exportaram mais café para a Itália no período sob consideração, foram: Indonésia, África Oriental Inglesa, Equador, Haití, O Salvador, Etiópia, Aden, Costa Rica, Congo Belga, cujas exportações atingiram em cada caso mais de 5.000 sacas.

Noruega: Durante os primeiros cinco meses do ano corrente, a Noruega importou um total de 139.506 sacas; ou sejam uns 18% mais do que as importações durante o mesmo período do ano passado. Os principais países exportadores de café para a Noruega durante o período em apreço, foram: Brasil, África Portuguesa, África Oriental Inglesa, Etiópia, África Oriental Francesa e Guayana Holandesa.

N.º 789 CARTA SEMANAL DO MERCADO 8 de Agôsto de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Um exame da posição econômica neste país após as recentes greves nas indústrias de aço e de petróleo, bem como em face da seca ao longo da costa do Atlantico, revela que esses fatores vão contribuir para dar firmeza aos preços até ao fim do ano ou até mesmo ao primeiro trimestre de 1953.

Por um lado, as greves industriais tiveram o efeito de reduzir grandemente os inventários de artigos manufaturados de todos os gêneros; os aumentos conseguidos pelos operários significam um incremento sensível em seu poder aquisitivo, ao passo que por outro lado a subida no custo de produção também promete aumentar os preços dos artigos manufaturados. Por outro lado, as consequências da seca prometem já um aumento nos preços dos artigos agrícolas e firmeza na indústria de tecidos.

Portanto, poder-se-ia dizer que se apresenta como quase certo um aumento no nível do custo da vida ao passo que o público vae estar em boa posição para absorver esse incremento de vez que poderá contar com maior renda devido aos salários mais altos e à maior atividade necessária para recuperar-se a produção perdida em consequência das greves. Finalmente, deve-se notar que essas perpectivas de firmeza não são ignoradas pelo público, o qual continua comprando ativamente, contribuindo assim para reforçá-las.

MERCADO DE CAFÉ: Perante a perspectiva de que que o Govêrno brasileiro ia tomar medidas no sentido de colocar os preços de Santos ao nível dos

preços de Paraná, e elevar os preços dos cafés Rio e Vitória, o mercado local adotou durante a semana em revista uma atitude de espetativa com o resultado de que os torradores reduziram notàvelmente suas atividades de compra. Essa redução na procura, contudo, não teve até agora qualquer influência baixista sôbre os preços atuais, de vez que ela foi acompanhada de uma diminuição não menos notável nas ofertas dos países produtores.

Até a hora de escrevermos a presente CARTA, não há notícias sôbre aquela perspetiva acima mencionada e nem mesmo se sabe se tudo isso não irá eventualmente tornar-se em rumores sem fundamento. Entrementes as cotações dos cafés brasileiros mostraram durante a semana uma notável estabilidade quer para o tipo Santos quer para o tipo Rio.

No Contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar desta cidade, o volume de operações limitou-se a 150 lotes em comparação com 453 na semana passada. Para o encerramento de ontem as cotações apenas mostravam mudanças insignificantes, o mesmo aliás sucedendo com a posição aberta, a qual esta manhã era de 2.143 lotes em comparação com 2.152 lotes na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A falta de pressão quer na oferta quer na procura, teve por resultado manter os preços no mercado físico do produto e praticamente os mesmos níveis que existiam no fim da semana passada. Portanto, poder-se-ia dizer que o preço para o Santos 4 continua flutuando de 52c/ para cima, FOB, ao passo que os Excelsos colombianos continua ao redor de 57-1/4c/ quer para os disponíveis quer para embarque.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

República Dominicana: Do boletim da firma local George Gordon Paton & Co., de 30 de Julho último, reproduz-se a seguinte nota sôbre a produção naquele país: "Segundo informa o Sr. Joaquim Cocco, lavrador e exportador de café, há indícios de que a próxima safra, embora inferior em quantidade à do ano passado, deverá superar essa em qualidade, de vez que não só o Govêrno como também a indústria local estão fazendo todos os esforços no sentido de melhorar a qualidade do café. Tanto a lavagem como a limpeza do grão serão melhores este ano. O Govérno, por seu lado, tem auxiliado o melhoramento dos estabelecimentos de benefício por meio de empréstimos. Entre a maquinária recentemente adquirida com esses empréstimos, contam-se novos secadores de café. Todos esses melhoramentos deverão contribuir para valorizar o café nos mercados estrangeiros".

ESTADOS UNIDOS

Compras do Exército: O Exército vae abrir as ofertas, a 28 do corrente, para 28.728 sacas de café Santos e 9.720 sacas de colombianos, para entrega de 1 a 15 de Novembro próximo. Esses lotes de café destinam-se à Marinha de Guerra. Segundo as especificações, 9.828 sacas de Santos são para Brooklyn; 18.900 sacas do mesmo tipo são para Oakland/Stockton; 3.240 sacas de café colombiano são para Brooklyn e o resto dêsse mesmo tipo, isto é, 6.480 sacas para Oakland/ Stockton.

Hoje o Exército abriu as ofertas para 43.092 sacas de Santos e 14.256 sacas de colombianos para entrega de 1 a 15 de Outubro próximo. De acôrdo com os cálculos preliminares, as ofertas susceptiveis de ser aceitas, oscilam entre os seguintes preços:

Santos — Entrega em Brooklyn	de 53,58c/ a 54,23c/ líquido
Santos — Entrega em California	de 54,42c/ a 54,80c/ líquido
Colômbia — Entrega em Brooklyn	de 57,42c/ a 57,57c/
Colômbia — Entrega em California	de 57,60c/ a 58,01c/

Café Solúvel: Do boletim de George Gordon Paton, reproduz-se a seguinte nota:

"Três companhias estão introduzindo café solúvel puros ao lado de suas marcas de solúveis com hidratos de carbono, em mercados selecionados. Nestle introduziu seu novo café solúvel puro em Detroit, Boston, Rochester e Buffalo durante os meses de Maio e Junho e diz-se que está expandindo a distribuição numa base de mercado a mercado. A Companhia realça que "Nescafe" continuará a ser distribuido e receberá vigorosa propaganda. "Chase & Sanborn's 100% Café Puro" é agora vendido na Nova Inglaterra e Chicago em vidros de dois tamanhos, um duas onças e outro de quatro onças. Finalmente a prova de mercado da nova marca "G. Washington Pure Instant Coffee" teve lugar no Estado de Nova York.

Entrementes, Tenco, Inc. de Linden, N. J., uma organização cooperativa de dez firmas torradoras deverá ter café solúvel pronto para consumo no próximo mês. A produção começou no fim de Junho. A fábrica trabalha 24 horas por dia, sete dias por semana, excepto durante um período de seis horas cada semana em que suspende operações para permitir completa limpesa das instalações. Diz-se que todo o café alí produzido será do tipo "puro" apenas com as variações peculiares das respetivas marcas dos dez torradores. Cada membro de Tenco proporciona sua própria mistura (blend) mas o produto soluvel é empacotado na fábrica em vidros de duas e cinco onças, com a excepção de um torrador o qual usa latas".

CANADÁ

Importações: Durante os primeiros cinco meses do ano em curso, o Canadá importou 316.696 sacas de café ou sejam uns 3,5% mais que as importações durante o mesmo período do ano passado. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações, distribuidas por países de origem:

Países de Origem	Jan./Maio, 1952	Jan./Maio, 1951
Brasil	131.761	126.606
Colômbia	86.420	69.888
África Oriental Inglesa	33.459	30.777
Guatemala	10.001	10.814
México	9.072	17.690
O Salvador	8.806	9.790
Costa Rica	7.790	5.147
República Dominicana	5.279	5.018
Haití	3.400	2.995
Equador	3.055	6.034
Jamaica	2.935	3.310
Venezuela	2.742	5.195
Estados Unidos	2.702	2.797
Nicarágua	2.575	4.057
Trinidad	1.706	2.308
Holanda	1.691	——
Congo Belga	1.254	341
	314.648	302.767
Outros países	2.048	3.130
TOTAL	316.696	305.897

N.º 790 CARTA SEMANAL DO MERCADO 15 de Agôsto de 1952

SITUAÇÃO GERAL: A semana decorreu sem acontecimentos de consequência. De uma maneira geral, os comentários da imprensa giram ao redor da relativa firmeza e estabilidade dos fenômenos econômicos e sôbre os efeitos da solução das recentes greves industriais. A esse respeito, a imprensa de hoje publica uma análise do Federal Reserva Bank sôbre a situação do país na qual se observa que os índices gerais de preços continuarão em seu movimento moderado durante o resto do ano, com ligeiras tendências altistas e que a procura continuará relativamente limitada. O Federal Reserve Bank toma em consideração o aumento no poder de compra do público consumidor devido aos recentes aumentos de salários, bem como o resultante incremento no custo de produção dos artigos manufaturados. Por outro lado, o banco nota a estabilidade nos índices das vendas do comércio em geral.

Assim, e de acôrdo com aquela análise, tudo parece indicar que o país vae presenciar certa inflação moderada, de vez que o aumento nos preços é acompanhado de um alto nível de renda individual. Os observadores do mercado concluem, portanto, que as perspetivas para os negócios apresentam-se alviçareiras.

MERCADO DE CAFÉ: A atividade geral do mercado foi melhor esta semana quer no têrmo quer no mercado do grão. Não obstante o fato de que o mercado

manteve-se notavelmente tranquilo nos primeiros dias da semana, as cotações fecharam a semana num tom melhor acompanhado de maior atividade.

No Contrato "S" da Bolsa de Café desta cidade observou-se um avanço nos preços numa média de 20 pontos sôbre o nível médio da semana anterior. E apesar de que o volume de operações foi unicamente de 199 lotes, esse total representa uma cifra superior em comparação com a da semana passada. Para o encerramento de ontem, o mercado mostrou particular atividade em comparação com os primeiros dias da semana e os preços tornaram-se decididamente mais firmes com cotações entre 8 e 26 pontos acima do nível ânterior. As posições mais distantes mostraram particular atividade.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O mercado físico do produto mostrou maior procura por parte dos torradores e os preços subiram, de uma maneira geral, entre 1/4c/ e 1/2v/. Por consequencia, o tipo Santos 4 foi negociado entre 52c/ e 52-1/4c/ FOB ao passo que café da mesma procedência foi vendidos até 54,40 c/ na base ex-doca Nova York. No que respeita aos Excelsos colombianos as cotações mantiveram-se firmes entre 57c/ e 57-1/4c/.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

O Salvador: Do boletim de George Gordon Paton & Co.., desta cidade, edição de 11 do corrente, reproduz-se a seguinte nota: "Este país assinou um acôrdo comercial com a Alemanha Ocidental por meio do qual ficaram eliminadas as quotas para produtos de primeira necessidade, sendo os comerciantes autorizados a escolher os produtos que preferem importar. Os importadores alemães usaram 75% do total de suas exportações para o Salvador para compra de artigos nacionais. O Salvador exportará para a Alemanha principalmente café, algodão e outros produtos agrícolas. Crê-se que o valor total dêsse intercâmbio comercial deverá ultrapassar a cifra de 20 milhões de dólares correspondente a 1951".

ALEMANHA OCIDENTAL:

Consumo e Impostos: "Esse país, segundo informa a firma de Londres Edm. Schluter & Co. Ltd., surpreendeu o mercado com uma consignação de cafés centro-americanos para pagamento em dólares acumulados em bonus de exportação. O comércio cafeeiro alemão parece que está encontrando dificuldade com o consumo de suficientes quantidades de café brasileiro para cumprir com o convénio bilateral de intercâmbio. Para remediar essa situação, crê-se que as autoridades vão reduzir drasticamente o exorbitante imposto sôbre o café, possivelmente para o fim do ano, com o fim de aumentar o consumo. Tendo o govêrno arrecadado durante o ano fiscal 1951-52 mais de 35 milhões de libras em impostos sôbre o café, resta saber se a redução no imposto prevista, poderá produzir a mesma renda com o aumento de pelo menos 50% no consumo. Espera-se encontrar um remédio no novo pacto Germano-Brasileiro que permitirá a re-exportação de café brasileiros pela Alemanha para outros países além dos Estados Unidos e países escandinavos".

CAFÉS COLONIAIS:

Kenya: Do boletim do Coffee Board of Kenya, edição de Maio último, reproduzem-se os seguintes trechos do relatório anual daquela entidade: "Têm aparecido

na imprensa notícias sôbre a expansão da cafeicultura na África e a Junta considera conveniente esclarecer a verdadeira situação. O café Arabica não é indígena de Kenya. Foi aqui introduzido por um inglês no fim do século passado. Muito dinheiro foi aqui arriscado e perdido por europeus em seus esforços de estabelecer a indústria cafeeira na colónia.

"O lavrador europeu sabe perfeitamente qual é a participação da mão de obra africana nas tarefas de cultura e conhece a contribuição que os imigrantes têm trazido à lavoura. Todos eles têm tomado parte, de uma maneira ou outra, no trabalho geral e receberam a merecida recompensa, mas a principal tarefa, cheia de riscos, coube ao lavrador-proprietário. Para se avaliar as dimenções do risco incorrido pelo lavrador basta dizer que de 104.000 acres plantados de café apenas restam 60.000 acres. Isto é, 40% da terra originalmente sob cultura não tem hoje uma árvore de café devido a má produção, reduzido rendimento e aos prejuizos causados pelas doenças e secas.

"Os lavradores que puderam sobreviver todas essas calamidades, finalmente organizaram-se com o fim de realizar estudos sôbre a cafeicultura e para encontrar métodos de produzir café de alta qualidade e melhor rendimento bem como para implementar medidas tendentes à melhor colocação de seu produto no mercado mundial. Todos os lavradores e o comércio em geral estão de acôrdo sôbre a vantagem de aumentar a produção. É por isso que a Junta Cafeeira de Kenya olha com simpatia para os esforços do Departamento de Agricultura no sentido de conseguir que indigenas aumentem suas plantações nas terras adequadas para tal cultura".

SUECIA

Importações: As importações de café cru durante os primeiros seis meses do ano em curso foram 16,8% superiores às importações correspondentes ao mesmo período do ano passado, como se vê pelo seguinte quadro comparativo:

Países de origem	Janeiro/Maio, 1952	Janeiro/Maio, 1951
Brasil	273.785	232.901
Colômbia	24.175	21.548
África Oriental Inglesa	8.172	3.504
Aden	2.718	907
Indonesia	2.359	2.096
África Ocidental Portuguesa	1.330	441
Congo Belga	1.669	1.952
Outros	4.211	8.647

N.º 791 CARTA SEMANAL DO MERCADO 22 de Agôsto de 1952

SITUAÇÃO GERAL: A maioria dos mercados mostraram avanços, durante a semana, fato que indica um aumento na procura por parte do público consumidor que aliás ocorre, normalmente, ao avizinhar-se o outono. Os índices de preços indicam um avanço de 0,5% no mercado atacadista em comparação com o nível que predominou na semana passada. Os círculos comerciais dizem que a atividade econômica geral tomou certo incremento, especialmente no que se refere a artigos para a casa, roupas e artigos alimentares.

Essa firmeza nos preços e o rumo ascendente que a carateriza desde há três semanas já influiu no custo da vida e indubitàvelmente trará ajustamentos nos salários daqueles grupos operários cujos contratos de trabalho estão ligados ao custo da vida. Tudo indica, pois, que as perspectivas econômicas neste país continuam boas e que à medida que o outono se aproxima a atividade geral econômica expardir-se-á.

MERCADO DE CAFÉ: A ligeira melhora neste mercado durante a semana passada, foi substancialmente ampliada durante a semana em revista. Tanto no mercado físico como no têrmo os preços mostraram decidida firmeza acompanhada de maior procura. Poder-se-ia dizer que a atividade de compra por parte dos torradores foi particularmente notável, como seria aliás de esperar nesta época do ano.

No têrmo local os preços do Contrato "S" ganharam uma média de 26 pontos sôbre o nível da semana passada, sendo negociado um total de 417 lotes em comparação com 199 lotes na semana anterior. Esta manhã a posição aberta era de 2.059 contratos cifra que é de comparar com 2.119 na semana passada, ou seja uma redução de 58 contratos.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Respondendo à maior procura por parte dos torradores, os preços avançaram uma média de 1/4c/. O Santos 4 manteve-se entre 52-1/4 e 52-1/2c/ na base FOB e diz-se que houve vendas até 54-3/4c/. Os Excelsos colombianos foram vendidos a 57-5/8c/ e para entrega em Agôsto e Setembro foram realizadas vendas a 58c/.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

O Salvador: Segundo informa o boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, as exportações de café crú daquele país, no período de 10 meses compreendido de Outubro 1951 a Julho de 1952, foram de 925.543 sacas, cifra que é de comparar com 1.099.082 sacas exportadas no mesmo período do ano anterior, ou seja uma redução de 15,8%. As exportações em Julho atingiram 19.530 sacas, contra 83.078 sacas em Junho e 16.913 sacas em Julho de 1951. Os estoques nos portos para 31 de Julho subiam a 14.397 sacas. A safra 1952-53 continua sendo estimada em 1.150.000 sacas, de acôrdo com o referido boletim.

KENYA

Secagem do Café: Do boletim da Junta de Café de Kenya reproduz-se a seguinte nota sôbre aquele assunto: "O trabalho de classificação da safra começou a princípio de Setembro de 1951 e neste momento ainda está em progresso. Os primeiros lotes recebidos eram compostos de café de muito boa qualidade com enorme preponderância de graus A, sugerindo uma boa safra de cafés de qualidade. Infelizmente as condições de secagem do grão durante a colheita foram tais que os lavradores não puderam realizar o cuidadoso trabalho de secagem ao sol, tão importante para a produção de cafés de boa qualidade. Como resultado, a qualidade média da safra baixou considerávelmente.

"Parece-nos claro que é necessário estudar o problema da secagem mecânica do produto, de maneira que em épocas como esta, a congestão nos estabe-

lecimentos de benefício possa ser aliviada. Sabemos que a secagem mecânica deve ser evitada, mas talvez se pudessem obter melhores resultados com a secagem artificial se os lavradores estivessem melhor familiarizados com as dificuldades do problema. Em condições climatéricas adversas à secagem natural, quando se procede à colheita de grandes safras enfrentando problemas de mão de obra, de certo que os lavradores acolheriam com favor a notícia de que os secadores mecânicos podem ser utilizados com bons resultados.

"Um sabor peculiar de cebola tem sido alvo de grande preocupação, sobretudo durante as últimas safras. É grato saber-se que a Estação Experimental tem já provas mais definidas sôbre a causa do sabor a cebola e esperamos que estudos adicionais poderão eliminar aquele inconveniente. As más condições do tempo contribuiram, em grande parte, para a quantidade de favas podres na safra atual. Alguns lotes tinham uma aparência tão má e desprendiam tão maù odor que foi desnecessário provar a bebida".

EUROPA

Inglaterra: Durante o mês de Junho último, a Inglaterra importou um total de 54.085 sacas de café cru com cuja cifra o total das importações para o primeiro semestre do ano em curso se eleva a 472.311 sacas em comparação com 427.311 sacas no mesmo período do ano passado, isto é, um aumento de 10,4%. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações distribuidas por países de origem:

País de origem	Jan./Junho, 1952	Jan./Junho, 1951
Tanganyika	94.386	76.074
Kenya	75.432	53.503
Uganda	62.706	86.384
Índia	5.528	——
Outras regiões do Império	1.565	10.789
Congo Belga	60.802	30.350
Brasil	124.398	161.708
Outros	494	974
TOTAL	472.311	427.782

Noruega: Este país importou em Junho um total de 41.770 sacas de café cru, das quais 30.882 do Brasil e 609 da Guayana holandesa. Durante o primeiro semestre do ano em curso o total das importações foi de 181.276 sacas, cifra que representa um aumento de 22% sôbre as importações realizadas no mesmo período do ano passado.

O Racionamento de Chá na Inglaterra: Segundo informa a imprensa o Ministro de Alimentos britânicos declarou há dias que o suprimento de chá no país é agora suficientemente amplo para que permita um aumento imediato na atual ração e até mesmo para se considerar a eventual abolição do racionamento num futuro próximo. O Ministro anunciou depois que a ração de chá, que era de 2 onças, seria aumentada para 2-1/2 onças.

N.º 792 CARTA SEMANAL DO MERCADO 29 de Agôsto de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Durante o transcurso da semana, economistas e técnicos da nação, tanto nos círculos governamentais como oficiais, teem expressado sua preocupação com referência a inflação que vem se desenvolvendo desde algumas semanas, segundo veem indicando gradualmente os índices dos preços pelos quais se verifica a atividade econômica do país. O escritório de Estatística do Departamento do Trabalho deu esta semana um novo record do nível para o índice do custo de vida correspondente ao mês de julho, equivalente a 1.5% sôbre o nível relativo ao mês de junho último, indicando que as perspectivas são de um contínúo aumento, colocando a estimativa para o mês de agôsto com mais um aumento de 1.5%. Adverteu aquêle escritório que apesar do aumento maior ter ocorrido nos produtos alimentícios quasi todos os componentes do índice demonstram aumentos, sobretudo aquêles produtos que constituem artigos de primeira necessidade. Por outro lado, o escritório de Estabilização dos Preços através do estabilizador Ellis Arnall, mostra-se alarmado com referência à inflação que vem se desenvolvendo, e aos efeitos da mesma no custo de vida da nação, ao comunicar em conferência da imprensa que os aumentos dos preços das indústrias de aço, alumínio e cobre, reverterão um aumento significativo de uns $100.00 ao ano, por família. Explicou o Sr. Arnall que ao permitirem aos fabricantes que utilizam êsses metais passar o aumento de preços dos mesmos ao público consumidor acarretará um maior gráu de inflação no futuro. De fato, os índices dos preços teem mostrado uma tendência ascendente desde abril último, situação essa que juntamente com as perspectivas acima mencionadas, explicam a razão da procura generalizada que se nota através de todo o país. Informações de círculos comerciais demonstram que ainda que o volume de vendas nos grandes armazens, nas grandes cidades, continúe bastante elevado o movimento é ainda seletivo, prosseguindo com certa lentidão.

MERCADO DE CAFÉ: Durante o curso desta semana êsse mercado demonstrou uma atividade bastante maior, sobretudo no mercado dos disponíveis e para embarque. Tudo parece indicar que o renovado interêsse dos torradores além de ser estimulado pela aproximação do outono, época de maior procura para o produto, toma maior incremento pela ameaça de uma possível greve nas docas de Nova York, segundo notícia a imprensa, ao relatar negociações iniciais que veem tendo lugar.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, houve uma alta de 28 pontos, na média, em todas as posições, em comparação com os níveis da semana anterior. O total das vendas do encerramento de hoje atingiu 302 lotes comparado com 417 lotes vendidos na semana passada. Na abertura se registou um aumento de 23 lotes contra o total da semana passada, e o volume de contratos por vender é de 2,082, comparado com 2,059 na abertura de sexta-feira última.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Respondendo à maior procura por parte dos torradores, os preços do mercado físico demonstram um aumento de 1/4 e 1/2 c/. O Santos 4 manteve-se durante a semana entre 52-1/2 e 52-3/4 c/ sôbre a base FOB e diz-se que houve vendas até 54-3/4 c/. Os Excelsos colombianos foram vendidos entre 58-3/8 c/ e 58-1/2 c/.

N.º 35 **O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA** **29 de Agôsto de 1952**

(P.A.)
BRASIL

Produção: Segundo informações recebidas recentemente da Divisão de Econômia Cafeeira (DEC), um lote de 14.469.342 sacas de café que se encontrava no interior do país até 30 de junho último, foi transportado para os portos de embarque; 492.721 sacas ainda estão aguardando o devido visto de exportação. Verificando os cálculos da distribuição de café que circulou até os portos de embarque constatámos que o porto de Santos recebeu café proveniente de cinco Estados, enquanto que o porto do Rio recebeu café para exportação, proveniente de seis Estados, inclusive 721.865 sacas de São Paulo, da colheita de 1951/1952.

Em seguida, apresentamos um quadro correspondente ao movimento do café na colheita de 1951/1952, figurando o café em sacas de 60 quilos:

REGISTROS NA D.E.C. POR PORTOS DE EXPORTAÇÃO ATÉ JUNHO 30/52

Portos:	Registrados	Entrados	Esperando entrada JUNHO 30
Santos	5.729.706	5.249.998	479.708
Rio de Janeiro	5.073.112	5.064.219	8.893
Paranaguá	2.694.022	2.694.022	—
Vitória	1.000.741	996.621	4.120
Angra dos Reis	324.669	324.669	—
Salvador	75.936	75.936	—
Recife	63.877	63.877	—
TOTAIS......	**14.962.063**	**14.469.342**	**492.721**

PROCEDÊNCIA DO CAFÉ REGISTRADO PARA OS PORTOS BRASILEIROS

Estados Produtores	Santos	Rio	Vitória	Paranaguá	Outros Lugares(*)
São Paulo	5.446.334	721.865	—	—	64.515
Minas Gerais	108.031	2.948.492	56.812	—	260.154
Espírito Santo	—	1.066.638	943.929	—	—
Paraná	147.994	—	—	2.694.022	—
Rio de Janeiro	—	324.211	—	—	—
Bahia	—	11.546	—	—	75.936
Pernambuco	—	—	—	—	63.877
Goiaz	21.965	360	—	—	—
Mato Grosso	5.382	—	—	—	—

(*) As 64.515 sacas produzidas em São Paulo e as 260.154 sacas provenientes de Minas Gerais, foram registradas para entrada em Angra dos Reis. As 75.936 sacas da Bahia foram destinadas a Salvador, e as 63.877 sacas de Pernambuco foram para Recife.

CANADA

Importações: No mês de junho último êste país importou 50.529 sacas de café crú, enquanto que no mês anterior importou 56.791 sacas. Incluindo o lote de Junho, o total importado no primeiro semestre do ano atinge a 367.225 sacas, ou seja, 6,2% mais do que importou no mesmo período no ano de 1951.

Damos a seguir um quadro comparativo destas importações, classificadas por seus países de origem e em sacas de 60 quilos:

Países do origem	Janeiro/1952	Jan.-Jun/1952	Jan.-Jun/1951
Brasil	20.806	152.567	146.103
Colômbia	14.167	100.587	76.265
África Oriental Britânica	4.504	37.965	33.986
Guatemala	2.457	12.458	12.225
México	2.720	11.792	18.606
El Salvador	1.264	10.070	11.811
Costa Rica	103	7.893	5.760
República Dominicana ..	—	5.279	5.985
Haíti	658	4.058	3.967
Venezuela	837	3.579	5.914
Holanda	1.491	3.182	—
Equador	—	3.055	6.266
Nicaragua	468	3.043	4.543
Jamaica	103	3.038	3.784
Estados Unidos	194	2.896	4.344
Trindade	302	2.008	2.542
Congo Belga	—	1.254	341
Outros países	455	2.501	3.214
TOTAIS:	50.529	367.225	345.656

ESTADOS UNIDOS:

Gasosas de café: Novas bebidas gasosas com sabôr de café teem aparecido no mercado durante os últimos anos. Uma bebida típica dêste tipo é o "Caffee-Time", da Coffee-Time Products Co. de Boston. Outra é a "Sparkoffee" que foi lançada no mercado há uns dezoito mêses. Sua distribuição, quasi toda na zona do Nordeste dos Estados Unidos, tem sido feita exclusivamente pela firma R. H. Macy & Co. A Airline Food Products Co., de Linden, New Jersey deu permissão para o engarrafamento do produto e informa que a sua venda é bastante grande. Êstes produtos estão tomando grande desenvolvimento apesar das dificuldades preliminares e a preferência do público pelo café.

A CULTURA CAFEEIRA NA ÁFRICA

Continuamos a publicação desta série de reportagens sôbre a cultura do café no Continente Negro, publicada pelo "O Estado de S. Paulo".

(V. Boletins n°s. 304, 305 e 306 de Junho, Julho e Agôsto do corrente ano.)

XXI

A Etiópia, país feudal sem estradas, sem portos e sem culturas racionalmente organizadas — O "Arabica" abissínio tem abertas para si as portas do mercado norte-americano.

O Berço da Cultura Cafeeira

Quando, em 1930, Hailé Selassié foi coroado rei dos reis, foram convidados para a cerimonia os governadores de todas as províncias abissínias. Um deles, residente a algumas centenas de quilômetros a Oeste de Addis Abeba, após haver estudado cuidadosamente as possibilidades de atingir a capital, acabou renunciando à viagem direta por falta de caminhos carroçáveis. Teve, pois, de ganhar o Nilo, por ele chegando ao Cairo, dali atravessando o Mar Vermelho até Djibuti, de onde seguiu, por estrada de ferro, até a capital etiope. Teve assim de percorrer uma extensão de cinco mil quilômetros! Não nos conta a história se ele chegou a tempo... Mas por ela ficamos sabendo que a Abissínia é ainda um país de estrutura medieval que, incrustado na África, protegido por suas altas montanhas, viu muitas vezes quebrarem-se em seus elevados platôs as vagas da civilização ocidental, sem que esta pudesse fixar-se em suas plagas. Provisòriamente, pelo menos, os ocidentais desistiram de firmar pé naquele país, um dos últimos vestígios da era feudal. Garantida, assim, sua independência, o reino da Etiópia pôde continuar mergulhado em seu sono milenar.

Não dispõe a Abissínia nem de estradas, nem de escoadouros para o mar; e em seu imenso território — que não possui até hoje mais de 1.700 telefones — a terra ainda é trabalhada como se fazia em França ao tempo de Felipe Augusto. Trata-se, porém, de um país de rara beleza, o mais belo da África, beneficiado por um doce clima. Mas não sairá de sua secular letargia enquanto milhares de quilômetros de novas vias de comunicação não quebrarem o compacto bloco formado por seu território, ligando às correntes do comércio mundial aquele alto, verdejante e, por vezes, opulento platô.

A agricultura é primitiva, mas a lavoura de café apresenta para nós singular importância, porque, embora semi-abandonada, como tudo ali, produz um dos melhores "Arábica" do mundo.

A Abissínia é, aliás, conforme já aludimos no início desta reportagem, o berço do café. Da Etiópia é que esse precioso produto se espalhou pelo mundo, por intermedio, em primeiro lugar, da Arábia. E por um curioso acaso, foi da Arábia que lhe vieram, no início deste século, as sementes já selecionadas com que se reiniciou no país, em mais larga escala, a cultura cafeeira. Este surto começou na província de Harrar, onde hoje se observam, ao lado de cafeeiros não cultivados, encontrados em estado selvático nas matas da região extensos cafèzais plantados em terras pertencentes a grandes companhias. Estas empresas foram, no início, de nacionalidade belga — desde 1912 os belgas começaram a explorar a cultura do café

na Abissínia — e depois italiana. Hoje já operam também no país emprêsas suecas, afirmando-se que os proprios norte-americanos já participam dessa exploração.

As culturas indígenas, extremamente primitivas são praticadas sobretudo no Sudoeste do país. Já analisamos, ao tratar da situação geral do "Arabica" no Continente Negro, as condições em que vive este cafeeiro, em estado natural, na Etiópia. Nas explorações indígenas nenhum cuidado é dispensado ao arbusto. Eles são encontrados, geralmente, nas encostas das colinas, constituindo geralmente a subvegetação das florestas. Os indígenas limitam-se à colheita e, ainda assim, realizam o trabalho do modo mais fácil: esperam que caiam as cerejas, procedendo então à catação!

A esse primitivismo corresponde a elaboração das estatísticas abissínias da produção cafeeira. As estatísticas, que são na África em geral inexatas, atingem na Etiópia o cúmulo da imprecisão! É com as maiores reservas, pois que alinhamos abaixo alguns dados estatísticos etíopes. Eles nos valerão, em todo caso, para apreciar, mais ou menos, a progressão dessa cultura na Abissínia:

PRODUÇÃO DE CAFÉ NA ETIÓPIA

(Em milhares de sacas de 60 quilos)

Ano	Produção
1931	351
1933	270
1935	330
1937	210
1939	56
1941	25
1943	198
1945	263
1947	293
1949	352
1951	500

Observa-se a forte queda registrada após a ocupação italiana. A lavoura sofreu muito, naquela ocasião, apesar da supressão, em 1935, dos impostos provinciais que pessavam sôbre a produção cafeeira. A mão-de-obra requisitada, em larga escala, pelos conquistadores para a construção de estradas fez muita falta aos trabalhadores agrícolas. Depois da guerra, porém, aumentou consideràvelmente a produção e os altos preços do café reinantes no ano passado incentivaram as colheitas.

Os produtores etíopes contam, ainda, com um grande estímulo: o mercado norte-americano está largamente aberto aos seus cafés. Mas se é de primeira ordem a qualidade do "Arábica" etíope, os metodos de colheita e de benefício são ali de tal modo rudimentares, que às compromete o valor comercial da produção. Daí, os esforços, ainda indecisivos é verdade, que já se notam no sentido do aperfeiçoamento desses métodos de trabalho. Tão atrasada, porém, é a organização daquele país, que neste, como em todos os domínios, não se pode

esperar uma rapida evolução. Por muito tempo ainda, prevalecerá o primitivismo nas culturas indígenas etíopes. (11-6-1952)

XXII

A conversão da cultura anárquica e primitiva em cultura cientìficamente organizada poderá retardar de dez a vinte anos o desenvolvimento da produção africana — Os promissores resultados obtidos em Kênia (África Oriental Britânica)

Inaugurada em 1950, em Ruiru, uma nova estação experimental

Em virtude da eliminação de várias plantações menos produtivas, reduziu-se quase à metade, entre 1939 e 1950, a superfície cultivada com café em Kênia (África Oriental Britânica). Em resultado dessa providência, a média da produção caiu a 8.700 toneladas anuais, entre 1945 e 1950, contra a média anual de 15.000 toneladas antes da guerra, queda que foi compensada, porém, por considerável melhoria da qualidade do produto daquela colônia inglesa. Segue-se alí, portanto, orientação absolutamente diversa da que observamos nas colonias francesas.

O primeiro cafeeiro da variedade "Arábica" foi introduzido em Kênia em 1896 pelos missionários jesuitas e as primeiras plantações de certa importância foram feitas perto de Nairobi, capital da colônia, por iniciativa dos missionários de Santo Agostinho. O café mais cultivado em Kênia é um "Arábica" do tipo "Bourbon", alí chamado "African Mocha". Nestes últimos anos, porém, foram introduzidas no país muitas outras variedades, entre as quais o "Harra", o "Amfilo" e o "Geisha" (da Etiópia) e o "Kent's Hybrid" e o "Jackson Hybrid" da Índia).

Após um rápido surto inicial, principalmente depois da primeira grande guerra, a cultura cafeeira de Kênia passou a desenvolver-se menos lentamente, estabilizando-se em 1936-37. Alguns anos mais tarde iniciou-se a redução da superfície consagrada ao café. Entretanto, foi inaugurada em Ruiru, em 1950, uma nova estação experimental da cultura cafeeira, o que prova que não diminuiu, naquela possessão britânica, o interêsse por esta lavoura. O que se dá é isto: observou-se que as condições naturais da região favorecem mais as culturas cientìficamente organizadas do que as empíricas; daí, os esforços que hoje se realizam com o objetivo de reorganizar as lavouras.

O "Arábica" é cultivado na parte alta de Kênia, cujo território apresenta as mais diversas altitudes, indo desde o nível do mar até 5.600 metros de altura, no Monte Kênia. Os cafèzais localizam-se nos "highlands", entre 1.500 e 1.800 metros de altitude, onde predominam condições muito favoráveis à cultura. O regime pluviométrico varia conforme a região, pois a influência das monções não é a mesma no Leste e no Oeste, o que determina variações pluviométricas. Assim, a zona oriental é mais favorável do que a ocidental.

Os solos, de origem vulcânica, são naturalmente ferteis, adaptando-se, em geral, à cultura cafeeira, mas sua rápida degradação acabou por impressionar a administração colonial. Kênia é, deste ponto de vista, um caso especialmente interessante na África, pois a atitude assumida em face do problema pelos poderes públicos indica o caminho a seguir às outras colônias, cujos administradores não tomaram consciência ainda da gravidade da questão representada pelo empo-

brecimento do solo. O primeiro esfôrço realizado em Kênia para a defesa do solo se verificou em 1940, mas a organização definitiva desses trabalhos se deu em 1943. Será eloquente um rápido confronto entre as verbas consagradas à solução dos diferentes problemas agrícolas pelo Plano Decenal de Kênia: 1.400.000 libras ao desenvolvimento da agricultura em geral; 1.000.000 de libras ao incremento dos trabalhos de irrigação; 2.500.000 libras de medidas de conservação e de regeneração dos solos. A administração colonial está desenvolvendo, junto ao lavradores indígenas, intensa campanha educativa com o fim de levá-los a adotar medidas em defesa da fertilidade das suas terras. É interessante notar que a resistência a esta campanha parte principalmente dos nacionalistas e extremistas! Apesar de tudo, porém, já se fazem sentir os efeitos da campanha. Na província de Nyanza, por exemplo, 35% das terras cultivadas já vêm sendo beneficiadas, de uma ou de ourta forma, pelas medidas tendentes a preservar a integridade do solo.

As autoridades locais dedicam idêntico cuidado a tôdas as fases da produção: na formação de novos cafèzais são empregadas exclusivamente sementes selecionadas; as doenças e pragas do cafeeiro são combatidas em larga escala; a colheita é feita cuidadosamente, visando mais a qualidade do que o volume, ao contrário do que se verifica em outras regiões africanas; as cerejas são bem escolhidas, só sendo colhidas as convenientemente maduras.

São necessárias estas precisões para que se dê o devido valor ao quadro abaixo, que revela a queda, nestes últimos anos, da produção de Kênia:

PRODUÇÃO DE KÊNIA
(Em milhares de sacas de 60 quilos)

Ano	Produção
1931	209
1933	208
1935	289
1937	231
1939	285
1941	209
1943	118
1945	126
1947	179
1949	145
1950	225

Verifica-se que em 1950 se registrou novamente um aumento, embora a produção não conseguisse ainda retornar aos níveis de 1939. Dever-se-á concluir disso que a cultura do café já recuperou alí o terreno perdido? Não parece. Os altos preços é que provocaram, em 1950, colheita mais completa, sendo de assinalar também que aquele ano foi particularmente favorável à cultura.

O problema da mão-de-obra é agudo naquela colônia, e agrava-se à medida que se visa o aperfeiçoamento dos métodos de cultura. A mecanização dos trabalhos tem-se revelado impossível alí, e esse fato, constitui um exemplo dos obstáculos que os cafeicultores africanos terão de vencer para poderem competir nos mercados mundiais. A posição do café de Kênia nos grandes centros consumidores consolidou-se, mas à custa do volume da produção. A conversão, que se está operando em Kênia, da cultura anarquica e primitiva em cultura cientìficamente organizada, prova que esta evolução poderá atrasar de dez a

vinte anos o desenvolvimento do volume da produção africana, conforme os meios de que dispõem as diferentes colônias e as condições naturais nelas reinantes. (12-6-1952)

XXIII

O surto da lavoura na Uganda coloca esta região à frente dos produtores britânicos de café no Continente Negro — O "Robusta" apresenta alí maior importância que o "Arábica" — Curioso uso do café entre os indígenas

O aumento do volume não parece ter comprometido a qualidade da produção

Liga-se a Kênia, do ponto de vista geográfico e geológico, o território de Tanganica, antiga possessão alemã, hoje em mãos dos colonizadores britânicos. É a mesma, com efeito, a distribuição do relevo geográfico: primeiro, a planície litorânea; depois, o planalto, com duas cadeias de montanhas, sendo estas dominadas, em Kênia, pelo Monte Kênia (17.000 pés de altura), e em Tanganica pelo famoso Kilimanjaro, ainda mais alto (19.500 pés), na fronteira entre as duas colônias. Uganda, porém, do outro lado do lago Vitória, é bem diferente.

Decidimos, entretanto, tratar num comentário — que foi o de ontem — da parte referente à colônia de Kênia, e num outro, que é o de hoje, da situação das duas outras possessões. Uganda e Tanganica, que apresentam, do ponto de vista da cultura cafeeira, incontestàveis caracteres de analogia. Ao passo que em Kênia só se cultiva o "Arábica", estes dois outros territórios dividem suas atividades entre o "Arábica" e o "Robusta", sendo este cultivado, aliás, há muito tempo, pelos indígenas.

Os primeiros brancos chegados a Tanganica verificaram, não sem surpresa, que os indígenas preferiam, a beber o café... comê-lo! Ainda hoje, muitas tribos não se servem do café como nós. Entre elas o café é colhido antes de amadurecer e, depois de sêco, é torrado, bem moído e misturado com manteiga e sal. As tribos em viagem alimentam-se da pasta assim obtida.

É relativamente recente a introdução, pelos brancos, tanto em Tanganica como na Uganda, do café da variedade "Arábica". Mas o "Robusta" continua ainda a ser alí a variedde dominante, pois a maior parte das terras, de altitude inferior a 1.500 metros, só se presta à cultura de variedades muito resistentes. Só nas encostas das montanhas se encontram plantações de "Arábica". A mais bela cultura cafeeira que alí apreciamos foi feita nas encostas do Monte Kalimanjaro, com a utilização da variedade "Arábica". Pertence a indígenas, que para tal se agruparam em cooperativa, sendo a produção elevada, tanto quanto nas culturas europeizadas do Usambaro, e o produto muito apreciado pela sua bôa qualidade. Na Uganda os indígenas possuem também belas plantações nas encostas do Monte Elgon (14.000 pés de altura), na fronteira de Kênia. As mais belas culturas européias encontram-se não muito longe, em Tororo, ao Norte do lago Vitória.

Deve-se assinalar, porém, que a cultura do café se desenvolve muito mais ràpidamente na colônia de Uganda do que na de Tanganica. A superfície cultivada, que em Tanganica, em 1930, ainda era muito maior, é hoje inferior à da Uganda:

Superfície cultivada (em 1.000 hectares)

	1930	1946
Uganda	15	65
Tanganica	45	40

Assim, a Uganda, que em 1930 pouca renda obtinha ainda do café, exporta hoje três vezes mais do que Tanganica (valor de 13 milhões de libras, contra 4 milhões). É interessante, a propósito, verificar a evolução da produção nas duas colônias:

PRODUÇÃO DA UGANDA E DE TANGANICA

(Em milhares de sacas de 60 quilos)

	Uganda	Tanganica
1931	59	155
1933	81	215
1935	106	208
1937	218	230
1939	290	280
1941	343	230
1945	342	244
1947	356	234
1949	472	205
1951	700	280

O ano de 1951 assinala o ponto culminante desta evolução, passando a Uganda, definitivamente, à frente de tôdas as colônias britânicas em matéria de produção de café, pois pràticamente desapareceu esta cultura do Nyassaland, onde apresentava certa importância.

Poderíamos resumir dêste modo a situação da cultura do café na África Inglesa: Kênia é uma região excelente para esta lavoura, sendo o "Arábica" cultivado alí cientìficamente, produzindo bom café; a cultura nesta colônia passa, presentemente, por processos de aperfeiçoamento que reduzem, momentâneamente, a área cultivada e o volúme da produção em benefício da qualidade do produto; Tanganica, sem que se possa falar em decadência, dá sinais evidentes de estagnação; a Uganda, enfim, progride extraordinàriamente, dobrando, quase, a produção de um ano para outro, sem que até agora êsse aumento tenha prejudicado a qualidade do produto, como se dá na África Francesa.

XXIV

Os métodos de colheita variam desde a colheita grão a grão, em Kênia, até a simples coleta das cerejas caídas, na Etiópia — Nota-se, no conjunto grande falta de cuidado

Influência da colheita sôbre o tratamento do café

Com o estudo que realizamos sôbre as colônias de Kênia, Tanganica e Uganda, concluímos a análise da produção nas grandes regiões cafeeiras da África. Vamos resumir agora todos os dados, agrupando-os num só quadro, de maneira a facilitar o confronto, comparando os totais com a produção mundial:

Já tendo sido analisados os aspectos essenciais da produção pròpriamente dita, convém agora completar o estudo com um golpe de vista sôbre as diversas operações de preparo a que é submetido o produto, desde a colheita até a sua comercialização. O sabor do café depende estreitamente das operações por que êle passa durante e após a colheita, o que influi no seu valor comercial nos mercados exigentes. São grandes, no imenso continente africano, as diferenças, entre uma e outra região, dos métodos de tratamento do café. Maiores ainda que as diferenças que distinguem os métodos em uso no Brasil e na Colômbia, por exemplo.

Essa diferenciação começa na colheita. Localizando-se as regiões em várias latitudes, sendo diferentes suas altitudes, regimes pluviométricos e clima em geral, a colheita se faz em épocas também diferentes. Pelo quadro abaixo poderão os leitores ter uma idéia mais exata do assunto:

PERÍODO DA COLHEITA PRINCIPAL

Costa do Marfim — Novembro a março
Madagascar — Julho a outubro
Congo Belga — Durante todo o ano
Kênia — Setembro a novembro
Tanganica — Março a outubro (conforme os distritos)
Ugunda — Setembro a dezembro
Etiópia — Outubro e novembro.

A colheita, para que possa ser feita de forma ideal, exige ou que sejam pequenas as plantações, ou que se disponha de abundante mão-de-obra. Êsse ideal consistiria na colheita, uma a uma, das cerejas, à medida que elas forem amadurecendo, o que é pràticamente impossível. Dever-se-ia, pelo menos, fazer cinco repasses, principalmente nas culturas de "Arábica", "Robusta" e "Excelsa". Na África, os repasses são, no máximo, três, e isso nas regiões que maiores cuidados dispensam a êsse trabalho. Ademais, é empregada nessa atividade mão-de-obra incompetente — na maioria mulheres e crianças — e, por preguiça, alguns trabalhadores colhem, logo de início, mesmo as cerejas verdes, deixando-as depois amadurecer em bacias e peneiras ou em fossos abertos no campo, para serem recolhidas por ocasião do próximo repasse. Os frutos provenientes de árvores atacadas por doenças e pragas são frequentemente incorporados à colheita.

PRODUÇÃO DE CAFÉ NA ÁFRICA

(em milhares de sacas)

	1931	1933	1935	1937	1939	1941	1943	1945	1947	1949	1951
Kênia	208	209	289	231	285	209	118	126	179	145	225
Uganda	59	84	106	218	290	343	334	342	356	472	700
Tanganica	155	215	208	230	280	230	184	244	234	205	280
A. O. F.	12	28	88	174	309	483	417	653	734	1.062	900
Madagascar	188	253	259	353	515	373	206	448	488	395	400
Camerum	0,4	8,3	22	43	89	—	142	111	135	137	125
Congo Belga	49	141	219	270	351	427	510	531	619	523	523
Angola	197	199	171	273	345	236	391	514	745	772	700
São Tomé	9	12	14	13	11	5	5	5	7,5	7	4
Etiópia	351	270	330	210	56	25	198	263	296	352	500
Total da África, inclus. regiões não mencionadas	1.259	1.463	1.872	2.102	2.635	2.425	2.697	3.478	4.057	4.248	4.765
Produção mundial	**28.215**	**26.655**	**27.385**	**25.746**	**29.049**	**21.002**	**22.612**	**27.198**	**29.087**	**34.358**	**33.000**

Dir-se-á, como desculpa aos lavradores africanos, que no Brasil a colheita se faz de uma só vez e que aqui são também colhidas cerejas em vários graus de maturidade. Não nos devemos esquecer, entretanto, de que entre nós a produção ascende a 15 milhões de sacas em média, ao passo que a do Congo Belga é de 500 mil e a de Madagascar de 400 mil apenas. Além disso, no Brasil, por dois principais motivos — a amplitude das superfícies cultivadas e as favoráveis condições do clima — o café, em sua maioria, é tratado por via seca. Se é verdade que êste método tem muitos inconvenientes, é verdade também que êle apresenta a vantagem de permitir o tratamento simultâneo de diferentes graus de maturidade.

Ora, as condições climáticas reinantes na África raramente aconselham o emprêgo do mesmo método usado entre nós. Em geral, o café tem de ser tratado ali por via úmida, o que exige a maior homogeneidade possível no grau de maturidade das cerejas. Em razão da precariedade dos conhecimentos dos lavradores africanos, predomina no Continente Negro o tratamento por via seca, mesmo em regiões cujas condições climáticas não se prestam absolutamente ao emprêgo dêsse método.

Aludiremos mais pormenorizadamente, no próximo capítulo, a êsses dois métodos, e aos resultados já obtidos na África nos trabalhos de tratamento do café colhido. (14-6-1952)

XXV

O tratamento por via úmida, que seria o ideal para os cafés africanos, torna-se difícil diante das onerosas condições exigidas para a sua aplicação — O papel das cooperativas de lavradores

Em Madagascar decorticam-se em Pilões as cerejas ainda frescas

A maioria das regiões cafeeiras africanas situam-se em zonas extremamente úmidas. Seu clima é equatorial, quente e úmido, não havendo estações pròpriamente secas, pois as chuvas caem durante o ano inteiro. Em algumas outras regiões — sem nos referirmos à Etiópia — o clima é tropical, mais ameno, com uma nítida estação seca; mas esta não coincide, infelizmente, com o tempo em que se procede ao tratamento do café colhido. Eis porque, na maioria dos casos, o próprio clima, ou melhor, o proprio regime pluviométrico aconselha, para o tratamento do café, o método por via úmida.

Este processo é, aliás, mais custoso que o tratamento por via seca. Já nos referimos suficientemente, no decorrer desta reportagem, ao atraso econômico em que a África, em geral, se encontra, para que se avaliem as dificuldades encontradas pelos lavradores para a aquisição dos materiais necessários ao tratamento do café por via úmida. Só algumas grandes companhias agrícolas ou alguns ricos colonos europeus conseguiram montar as instalações para isso necessárias. Diante dessas dificuldades, tentou-se, em varias regiões, a criação de usinas cooperativas, às quais os pequenos lavradores poderiam encaminhar o café a ser beneficiado. Esta seria uma solução acertada, mas para que haja cooperativas é preciso, primeiro, que o espirito de cooperação existe...

É evidentemente impossível, diante do primitivismo dos serviços estatísticos africanos, calcular com segurança a proporção dos cafés tratados, no Continente Negro, por um e outro método. Só conseguimos traçar, a este respeito, um pequeno quadro no qual se assinala o método predominante em cada região:

TRATAMENTO DO CAFÉ NA AFRICA

ANGOLA — Tratamento por via seca, exceto em algumas fazendas que possuem instalações apropriadas ao tratamento por via úmida (no Norte e no Centro do país).
KENIA — Por via úmida.
CAMERUM — Na maioria por via úmida.
ETIÓPIA — Por via seca.
CONGO BELGA — Por via seca ou úmida, segundo as regiões.
MADAGASCAR — Por via seca.
COSTA DO MARFIM — Por via seca, salvo quando se trata de café "Excelsa", de casca mais espessa.

Como se vé, o tratamento por via seca predomina, a despeito da adversidade do clima.

Quando se fala no tratamento por via seca, tem-se a tendência para imaginar que nas propriedades agrícolas se encontram as mesmas grandes instalações encontradiças, para esse fim, nas fazendas brasileiras. Mas tudo, ali, está longe disso! Na grande maioria dos cascos, o tratamento do café na África é feito da forma mais primitiva possivel. Em Madagascar, por exemplo, o beneficiamento consiste em pilar as cerejas ainda frescas, em pilões comuns, para decorticá-las.

Sempre, porem, que na África se pretenda obter um café de boa qualidade, seu benefício deve ser feito por via úmida, salvo em algumas regiões em que o clima permite o tratamento seco. O benefício por via úmida já obteve, em alguns casos, resultados notáveis, como na região de Kivu, no Congo Belga, em Kenia (tratamento do "Arábica"), e no Camerum (tratamento tanto do "Arábica" como do "Robusta").

Os métodos utilizados são muito parecidos aos usados nos paìses latino-americanos que tratam seus cafés por via úmida, tais como a Colômbia e o México. Para os leitores menos familiarizados com o processo, vamos resumir esso operação, tal como se procede na África:

No processo por via seca, as cerejas passam diretamente da operação da escolha para a da seca, e desta para o benefício, ou decorticação. No metodo úmido, porém, o tratamento passa pelas seguintes fases: escolha, decorticação, despolpamento, desmucilaginação, lavagem e secagem (note-se que a secagem se faz com os grãos já limpos, e não com as cerejas, como no caso do tratámento por via seca) e, eventualmente, polimento. Na África, ás vezes, após o despolpamento, segue-se uma operação de escolha densimétrica, não só para eliminar o resto de polpa, mas também para separar os grãos pela densidade, pois é diferente o tempo de fermentação para cada qualidade de café.

Influi no tempo de fermentação a altitude do local, pois a temperatura varia conforme a altitude das regiões. Parece que, em altitudes de 1.500 metros — como a região de Kivu, onde é cultivado o "Arábica" — a fermentação varia entre 48 e 60 horas. Usam-se também, em algumas zonas, processos de fermentação interrompida, mas só em regiões de menos de 1.700 metros de altitude, pois a temperatura mais amena reinante em regiões mais altas ameaça interromper muito abruptamente a fermentação após a lavagem do café, operação que leva doze horas. Em alguns lugares, finalmente, experimenta-se a substituição da fermentação pelo emprego de carbonatos alcalinos. Isto não passa, porém, por enquanto, de simples experiência.

Qualquer que seja o processo escolhido, úmido ou seco, o produto tem de passar pela operação de secagem (no processo por via seca as cerejas são espalhadas nos terreiros ainda com a casca). Ora, nas regiões extremamente úmidas e chuvosas, a seca é uma operação dificílima quando o lavrador não dispõe de maquinas para secagem artificial. Se não houver o maior cuidado nessa operação, a qualidade do café é prejudicada. Nota-se que nas regiões chuvosas da África essa fase do tratamento do café demora muitas semanas, com demoradas e custosas manipulações para que o produto não se molhe. Se a secagem não for muito bem feita, torna-se amargo o gosto do café, desagradável o seu odor, pouco uniforme sua coloração, mau seu aspecto, com a superfície enrugada dos grãos e com a aderência de sua película prateada.

Os mais adiantados lavradores africanos já compreenderam a importância dos cuidados dispensados ao café durante seu tratamento e benefício. Lutando com a medíocre qualidade das variedades ali cultivadas, compreenderam eles a necessidade de dedicar maior atenção ao tratamento do produto, para que o café africano possa competir nos mercados mundiais. A isso deverão submeter-se os lavradores, se não quiserem malograr no intuito de colocar no estrangeiro sua produção. Mas, para a obtenção de cafés de qualidade perfeitamente homogênea, é preciso que eles atentem também, e com idêntico interesse, para o problema do acondicionamento do produto. Também neste ponto, como veremos, a África, embora esteja longe de atingir a perfeição, já está conseguindo apreciáveis progressos. (15-6-1952)

XXVI

Falta frequentemente homogeneidade ao café exportado pela África — O exemplo da Costa do Marfim — Esforços desenvolvidos em Angola e no Congo Belga

A influência das cotações sôbre a qualidade

Em Abidjan, atendendo a um nosso pedido, o diretor do serviço de acondicionamento apresentou-nos uma amostra do café mais correntemente exportado pela Costa do Marfim. Não se precisa ser um perito para descobrir, a um simples golpe de vista, as principais diferenças existentes entre os cafés daquela colonia e os exportados pelo Brasil. Em primeiro lugar, são menores os grãos do café da Costa do Marfim, fato que se deve, porém, á variedade ali cultivada — o "Robusta". O que mais nos chamou a atenção, porém, foi a falta de homogeneidade dos grãos e o grande número de defeitos — grãos negros, falhos ou quebrados, residuos de peles e cascas. Quisemos depois, em outros centros, confirmar essa primeira impressão, mas nisso encontramos dificuldade, pois as classificações variam de uma região para outra, assim como variam as variedades dos cafés cultivados.

As classificações orientam-se, em alguns casos, pelas em vigor nos grandes mercados cafeeiros da Europa, principalmente nas praças do Havre, de Antuérpia ou de Londres. Em certas colonias os cafés são classificados em seis ou oito categorias. Para darmos aos nossos leitores uma idéia dessa classificação, deci-

dimos examinar, numa só colonia, as condições a que corresponde cada uma das categorias ou tipos de café. Escolhemos a Costa do Marfim.

Os tipos ali não são classificados pelo tamanho dos grãos (só se nota maior homogeneidade, a este respeito, nas partidas de café "Arábica"). O que se exige é o aspecto exterior são, a ausência de quebras, o grau de úmidade (13/100). Os defeitos são contados em amostras de 300 gramas. E não de 454 gramas, como habitualmente se faz em outros centros. Um grão preto ou uma pele grossa corresponde a um defeito; 10 grãos broqueados correspondem também a um defeito, assim como 5 grãos quebrados e três fragmentos de casca.

Os cafés são classificados segundo os defeitos que apresentam por amostra. Reunimos no quadro abaixo as diferentes categorias dos cafés exportados em 1950 pela Costa do Marfim:

EXPORTAÇÃO DE "ROBUSTA" PELA COSTA DO MARFIM EM 1950

Categoria	Defeitos por 300 gramas	Volume da exportação (em tons.)
Extra	15	285
Primeira	30	565
Superior	60	0
Corrente	120	41.248
Limite	240	8.641
Escolha	—	2.306

Como se vê, o maior volume do café exportado pela Costa do Marfim é de baixa categoria, contando de 120 a 240 defeitos por amostra de 300 gramas. O "Robusta Corrente" representou 71% do total da exportação daquela colonia.

Proporções analogas se verificam nas exportações de Madagascar e do Camerum. No Congo Belga a situação do "Robusta" é má também, mas já se notam ali grandes esforços, coroados, aliás, de êxito, para melhorar os tipos dessa variedade. Vêm-se aperfeiçoando na grande colônia belga, desde 1940, todas as operações de tratamento do café, a partir da colheita até a comercialização do produto, funcionando com esse fim duas grandes cooperativas, uma em Leopoldville e outra em Costermanville, as quais dedicam particular atenção à homogeneização das partidas destinadas à exportação. Esforço análogo vem sendo desenvolvido em Angola pela Junta de Exportação do Café Colonial. Na classificação adotada nesta colônia portuguesa influem quatro elementos: a região produtora e a qualidade do produto, o tamanho dos grãos e sua homogeneidade. Existem assim, segundo as regiões produtoras, o café Cazengo, o Golungo, o Cabinda, o Encoge, o Ambriz, o Libolo e o Novo Redondo. Do ponto de vista do tamanho dos grãos, existem os grandes, os médios e miudos. Enfim, do ponto de vista da homogeneidade, existem sete categorias, classificadas mais ou menos como na Costa do Marfim. Mas a classificação é mais severa na colônia portuguesa e os lavradores são nisto estimulados pelos resultados da atenção que dedicam ao tratamento do café. Com efeito, o "Robusto" angolês entra amplamente nos mercados de Londres e Nova York.

Verificou-se no ano passado uma queda geral da qualidade dos cafés exportados pela África, o que demonstra, ainda uma vez, não estar ainda, na maioria

dos casos, muito enraizada, nos habitos da generalidade dos agricultores africanos, a preocupação pelo aperfeiçoamento da produção. Sempre que sobem os preços, os lavradores, na ansia de lucros fáceis, deixam de dedicar maiores cuidados à colheita e ao tratamento do café, interessando-se principalmente pelo volume da produção.

Os preços influem, assim, poderosamente sobre a qualidade. Quando o leque dos preços se apresenta bem aberto, premiando mais largamente o cuidado dos produtores, a qualidade melhora; quando as diferenças de preços diminuem entre um e outro tipo, a qualidade decresce, aumentando a preocupação pelo volume da produção, em detrimento da qualidade. Os países metropolitanos não têm atentado suficientemente para esta questão, e os preços que oferecem constituem um estimulo à produção de qualidades inferiores.

Sòmente agora a África começa a esforçar-se seriamente no sentido de apurar a qualidade de sua produção cafeeira, para obter tipos bons, regulares e homogeneos.

(17-6-1952)

XXVII

Uma comercialização anárquica, uma série de taxas sôbre a exportação de café, os exageros da especulação, tudo contribui para diminuir o estímulo dos cafeicultores africanos

Os lavradores africanos isolados das realidades mundiais

As altas cotações do café reinantes nos mercados mundiais provocaram, no ano passado, o aumento das colheitas na África. Estimulados pela elevação dos preços, os lavradores entregaram-se com maior vontade á colheita. Mas isso representou um fato excepcional, e seria preciso realmente que fosse extraordinária a alta, para que se fizesse sentir entre os lavradores do Continente Negro. Já aludimos a este problema no início desta reportagem, ao tratar dos aspectos gerais da cafeicultura africana. A estrutura econômica daquele continente é, com efeito, em sua maior parte, das mais primitivas. A economia africana fecha-se em si mesma, não mantém contactos diretos com as grandes correntes da economia mundial. Assim, é necessario que a conjuntura internacional seja sacudida com brutalidade excepcional, para que suas repercussões alcancem os produtores do Continente Negro...

Eis porque os acontecimentos externos nem os estimulam nem os desanimam. Nem a ameaça de uma nova e perigosa concorrência os comoveria, e nem a promessa de possibilidades mais favoráveis os levaria a modificar o ritmo ancestral de suas atividades. Qualquer que seja a situação, eles continuam a colher vagamente o seu café, a tratá-lo de acordo com a rotina, a obter por ele um certo preço, sem se preocuparem com as cotações de Santos, Nova York ou Antuérpia, sem prestarem também atenção aos inumeráveis intermediarios que, dia a dia, se mostram mais vorazes ao seu redor, sem se preocuparem, enfim, com as taxas e impostos com os governos colonias gravam o produto do seu trabalho!

A politica dos preços é, aliás, imprecisa nas metropoles, e determinada mais por considerações provisórias do que por uma ampla visão dos problemas da cultura cafeeira africana. Já aludimos ontem a um dos aspectos desta anarquia, a propósito das diferenças minimas de preço entre as diversas categorias

ou tipos de café, o que tem por consequência inevitavel o estímulo ao aumento da produção em detrimento da qualidade.

Outra dessas incoerências se pode observar no império francês da África. Possui ele cafèzais tanto no Hemisfério Norte como no Hemisfério Sul, sendo as colheitas realizadas em épocas diversas, conforme se trata da África Ocidental Francesa ou de Madagascar. Ora, dois anos seguidos, no tempo em que não era ainda livre o comércio de café, os preços do produto foram elevados a quase o dobro quando já se havia concluido a colheita de Madagascar e quando já havia sido recolhida aos armazéns toda a produção. Acarretou esse fato prejuízos enormes aos lavradores da calônia, enquanto se beneficiavam os da África Ocidental Francesa e, especialmente, os intermediários, que então obtiveram lucros exorbitantes.

Estes intermediários não precisam, aliás, ser favorecidos pelas decisões metropolitanas para conseguir grandes lucros. Sendo elementares na África os processos de comercialização do café, toda sorte de manobras é possível, em prejuizo dos produtores, principalmente dos produtores indígenas. Estes são roubados tanto no peso como no preço e, ignorantes das condições do mercado mundial, nenhuma idéia têm do valor do que vendem, e não contam com ninguém para esclarecê-los e defendê los. Assim, quando a lei da oferta e da procura, como se deu nestes últimos anos, lhes pode ser favorável, é práticamente abolida, em seu próprio favor, pelo intermediário. O lavrador só se beneficia quando o intermediário, na ansia de maiores lucros, procura comprar toda a colheita, pagando para tanto um pouco mais. Não é raro receber o produtor, pelo seu café, a metade, e até menos, do preço que o intermediário em seguida exigirá pelo produto.

E os governos — tanto os coloniais como os metropolitanos — parecem caprichar na adoção de medidas desencorajadoras da produção. Os impostos sôbre o café — tanto sôbre a exportação pela África como sôbre a importação pelas metrópoles — sempre constituiram uma excepcional fonte de receitas públicas. Com as dificuldades financeiras decorrentes da guerra, a tendência dos governos agravar o produto aumentou ainda mais. Em alguns casos, parte da arrecadação colonial se destina á constituição de fundos necessários ao incremento da cultura e ao seu aperfeiçoamento e defesa. Mas os que examinam, em seu conjunto, a cafeicultura africana, verificam que esses fundos se têm mostrado, até hoje, muito pouco ativos... Suas atividades não se têm revelado, pelo menos, tão benefícas quanto o seria o estímulo representado pela redução dos impostos que pesam sôbre a produção.

No Congo Belga — para só citarmos este exemplo — estão em vigor as seguintes taxas sôbre o café:

IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO E TAXAS SOBRE OS CAFÉS "ROBUSTA" EM VIGOR A PARTIR DE 1.º DE AGOSTO 1951

"Robusta"	Valor básico em francos belgas 10 quilos	Direito de exportação		Taxa de seleção por 10 quilos (francos belgas)	Taxa de estatística		Total por 10 quilos (francos belgas)
		Taxa	por 10 quilos (francos belgas)		Taxa	por 10 quilos (francos belgas)	
Superior (favas)	437	10%	41,70	0,25	1,2% sobre o valor basico	0,22	44,17
Inferior (escolha ou quebrados)	417	10%	41,70	"	"	0,21	41,91

Em outras colonias as taxas variam, mas são sempre muito elevadas. Nas colonias inglesas, a comercialização do café está — em Kenia desde 1932 e em Tanganica desde 1936 — em mãos dos "Coffee Boards", beneficiados por um duplo imposto, um sôbre as exportações, outro sôbre as licenças para novas plantações.

Nas colonias francesas modificou-se sensivelmente a política cafeeira. A proteção até então dispensada á produção colonial foi abolida, em 1947, pela supressão dos direitos alfandegarios sobre a entrada, em França, dos cafés estrangeiros. Foram simultaneamente aumentados os impostos de exportação dos cafés africanos, impostos que se elevam atualmente a 25% "ad valorem" na África Ocidental Francesa, e a 15% em Madagascar. Para se avaliarem os lucros dos intermediários, basta dizer que o quilo de café, que custava na França, em 1947, 169 francos, era pago ao produtor africano a 34 francos!

O isolamento do produtor coloca a cafeicultura africana em condições artificiais, tornando-a facil presa do especulador. Sem contacto com as realidades externas, a cafeicultura africana — como, aliás, toda a economia do continente — é uma emprêsa votada á estagnação, sem possibilidade de ser fecundada pelas leis da concorrência e da livre iniciativa. Uma vez ou outra, porém, as flutuações da conjuntura mundial se tornam tão violentas, que chegam a repercutir entre os lavradores, como se deu no ano passado. Mas mesmo nestes rarissimos casos, percebem-se os sinais da má saúde econômica do continente, pois as reações do lavrador africano são primitivas: ao aumento dos preços, limita-se ele á cata mais cuidadosa do café, objetivando não a melhora da qualidade do produto, mas simplesmente o aumento da colheita. Desse modo, os resultados do "boom" do ano passado foram mais nefastas do que benéficos para a cafeicultura daquele continente. (18-6-1952)

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVIII | São Paulo, 13 de Setembro de 1952 | N.º 320

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1952/1953

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho	1.ª dezena agôsto	2.ª dezena agôsto	3.ª dezena agôsto	Totais
Santos a Jundiaí	20 736	2 872	2 988	6 428	33 024
Sorocabana	225 288	83 610	109 665	139 581	558 144
Paulista	843 816	274 054	315 625	323 012	1 756 507
Mogiana	84 003	25 422	31 656	44 201	185 282
Araraquara	448 701	156 789	179 672	197 407	964 569
N. Brasil	443 812	132 035	160 086	161 839	897 772
C. Brasil	—	—	* 458	—	458
Estrada de Rodagem	—	—	—	—	—
Total	**2 066 356**	**674 782**	**800 150**	**854 468**	**4 395 756**

NOTA: Os despachos na EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
mês de julho	26 453	40 946	—	—	67 399
1.ª dez. agôsto	4 668	30 231	—	910	35 809
2.ª dez. agôsto	9 400	36 696	500	9 266	55 862
3.ª dez. agôsto	19 030	38 948	—	7 451	65 429
Total	**59 551**	**146 821**	**500**	**17 627**	**224 499**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho	1.ª dezena agôsto	2.ª dezena agôsto	3.ª dezena agôsto	Totais
Paraná	45 848	15 898	30 247	* 11 952	103 945
Minas Gerais	2 535	3 254	7 865	* 15 269	28 923
Goiás	22 112	1 880	1 195	* 400	25 587
Mato Grosso	—	—	400	—	400
Espírito Santo	400	—	—	—	400
Total	**70 895**	**21 032**	**39 707**	**27 621**	**159 255**

(*) Incompletos

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1951/1952 — (ATÉ 31 DE AGÔSTO DE 1952)

Paulista	Despachado	Destino Alterado	Total	Liberado	A liberar
Comum	5 490 393	30 478	5 459 915	5 458 915	* 1 000
Despolpado	14 397	—	14 397	14 397	—
Rodoviário	402	402	—	—	—
Total	**5 505 192**	**30 880**	**5 474 312**	**5 473 312**	**1 000**
(Outros Estados até 3.ª dez. maio)					
Paranaense	147 629	710	146 919	146 914	5
Mineiro	109 003	872	108 131	108 031	** 100
Goiano	21 298	333	20 965	20 465	500
Goiano Rod.	1 500	—	1 500	1 500	—
Matogrossense	5 382	—	5 382	5 382	—
Total	**284 812**	**1 915**	**282 897**	**282 292**	**605**

OBS.: Destino Alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
Destino Alterado p/ "Interior e Cap." 28 832 30 478

* Apreendidas
** Anulado
SAFRA 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1 080 sacas)

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1952/1953 — (ATÉ 31 DE AGÔSTO DE 1952)

Paulista	Despachado	Liberado	Destino Alterado	A liberar
1.ª dez. julho	621 549	598 801	—	22 748
2.ª " "	503 817	339 208	—	164 609
3.ª " "	937 878	—	—	937 878
1.ª dez. agôsto	674 782	—	330	674 452
2.ª " "	799 171	—	—	799 171
3.ª " "	851 996	—	—	851 996
Total	**4 389 193**	**938 009**	**330**	**3 450 854**
Despolpado	6 105	3 676	—	2 429
Rodoviário	458	—	—	458
Total Geral	**4 395 756**	**941 685**	**330**	**3 453 741**
(Outros Estados) (até 31 de agôsto)				
Paranaense	103 945	28 941	—	75 004
Mineiro	28 923	562	—	28 361
Goiano	25 587	3 030	—	22 557
Matogrossense	400	—	—	400
Espiritossantense	400	—	—	400
Total	**159 255**	**32 533**	**—**	**126 722**

OBS.: Destino Alterado p/ "Interior e Cap." 330

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe do volume em sacas de 60 quilos, pelos países de destino, segundo a procedência

JANEIRO a JULHO DE 1952

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranagua	Bahia	Recife	TOTAL
ÁFRICA:								
CANÁRIAS:								
Las Palmas	—	2 500	5 166	—	—	—	—	7 666
Tenerife	—	2 942	2 500	—	—	—	—	5 442
EGITO: Alexandria	450	17 695	2 000	—	—	—	—	20 145
LÍBIA:								
Bengazi	—	2 000	—	—	—	—	—	2 000
Tripoli	—	603	—	—	—	—	—	603
MARROCOS ESP: via Tanger	—	1 666	9 750	—	—	—	—	11 416
MARROCOS FR: Casablanca	—	1 875	16 100	—	—	—	—	17 975
RODÉSIA DO SUL: via Beira	50	—	—	—	—	—	—	50
SUDÃO ANGLO-EGIPCIO:								
Pôrto Sudão	—	2 166	—	—	—	—	—	2 166
SUDOESTE AFRICANO:								
Luderitz Bay	—	75	—	—	—	—	—	75
Walvis Bay	—	350	—	—	—	—	—	350
TANGER:	—	100	2 500	—	—	—	—	2 600
UNIÃO SUL AFRICANA:								
Cape Town	438	5 955	—	—	—	—	—	6 393
Durban	2 041	12 266	—	—	—	—	—	14 307
Mossel Bay	—	3 201	—	—	—	—	—	3 201
Port Elizabeth	225	5 100	—	—	—	—	—	5 325
AMÉRICA CENTRAL:								
PANAMÁ: Cristobal	500	—	—	—	—	—	—	500

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranagua	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE:								
CANADÁ:								
Halifax	2 350	250	—	—	250	—	—	2 850
Hamilton	—	—	—	—	180	—	—	180
London	500	—	—	—	—	—	—	500
Montreal	61 966	500	—	—	4 898	—	—	67 364
St. John	881	—	—	—	—	—	—	881
Toronto	8 898	400	—	—	2 950	—	—	12 248
Vancouver	30 463	3 075	—	750	19 773	—	—	54 061
Winnipeg	2 300	1 000	—	—	2 145	—	—	5 445
Via Nova Kork	350	—	—	—	—	—	—	350
ESTADOS UNIDOS:								
Baltimore	186 443	30 842	250	1 000	134 030	—	500	353 065
Boston	103 329	11 075	—	625	61 544	—	—	176 573
Charleston	6 173	10 000	—	—	4 625	—	—	20 798
Corpus Christi	2 250	—	—	1 000	2 000	—	—	5 250
Filadélfia	50 436	6 000	—	—	9 280	—	—	65 716
Houston	142 055	70 794	9 000	5 642	73 285	—	—	300 776
Jacksonville	133 380	26 250	—	—	16 620	—	—	176 250
Los Ângeles	70 464	17 607	—	3 500	67 855	—	—	159 426
Nova Orleans	658 543	209 393	55 275	40 045	292 960	—	—	1 256 216
Nova York	1 226 145	235 253	426	14 212	463 458	—	—	1 939 494
Norfolk	33 005	3 000	2 000	—	7 757	—	—	45 762
Portland	16 596	3 745	—	1 250	9 275	—	—	30 866
São Francisco	249 893	57 547	—	27 769	24 558	—	—	359 767
Seattle	75 404	5 500	—	1 500	11 475	—	—	93 879
Tacoma	250	—	—	—	4 250	—	—	4 500
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Buenos Aires	37 617	135 581	30 784	—	1 834	—	—	205 816
Rosário	200	13 261	1 948	—	—	—	—	15 409

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranagua	Bahia	Recife	TOTAL
CHILE:								
Antofagasta	—	—	355	—	—	—	—	355
Arica	—	—	40	—	—	—	—	40
Coquimbo	—	—	45	—	—	—	—	45
Corral	—	50	725	—	—	—	—	775
Iquique	—	—	60	—	—	—	—	60
Puerto Mont	—	50	210	—	—	—	—	260
Punta Arenas	—	245	1 395	—	—	—	—	1 640
Talcahuano	—	842	6 057	—	—	—	—	6 899
Valparaiso	600	6 270	20 738	—	—	—	—	27 608
PARAGUAI: Assunção	—	1 500	—	—	—	—	—	1 500
URUGUAI: Montevidéu	175	16 912	700	—	—	—	—	17 787
ASIA:								
ADEN: via Beirute	—	170	—	—	—	—	—	170
CHIPRE:								
Famagusta	175	12 252	—	—	—	—	—	12 427
Larnaca	—	2 322	250	—	—	—	—	2 572
Limassol	—	6 566	—	—	—	—	—	6 566
FILIPINAS: Manila	543	—	—	—	150	—	—	693
IRAQUE: via Beirute	—	52 209	—	—	—	—	—	52 209
ISRAEL: Gaza	—	169	—	—	—	—	—	169
JAPÃO:								
Cobe	3 788	133	—	—	—	—	—	3 921
Iocoama	7 023	82	—	—	74	—	—	7 179
Nagoia	155	—	—	—	—	—	—	155
Osaca	105	—	—	—	—	—	—	105
JORDÂNIA:								
Aman	—	4 693	—	—	—	—	—	4 693
via Beirute	—	4 002	—	—	—	—	—	4 002
LÍBANO: Beirute	—	2 990	—	—	—	—	—	2 990
SÍRIA: Lattakia	—	415	—	—	—	—	—	415

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranagua	Bahia	Recife	TOTAL
TURQUIA:								
Mersina	—	832	—	—	—	—	—	832
Smyrna	—	13 160	—	—	—	—	—	13 160
Stambul	—	38 841	—	—	—	—	—	38 841
EUROPA:								
ALEMANHA:								
Bremen	71 785	7 074	—	1 174	3 016	—	—	83 049
Frankfur	8 673	—	—	—	—	—	—	8 673
Hamburgo	187 822	19 942	—	3 229	9 616	302	—	220 911
Heilbornn	400	—	—	—	—	—	—	400
Verdingen	1 725	—	—	—	—	—	—	1 725
ÁUSTRIA:								
via Amsterdam	282	255	—	—	—	—	—	537
via Hamburgo	181	1 154	—	—	—	—	—	1 335
via Rotterdam	211	92	—	—	—	—	—	303
via Trieste	156	3 497	—	—	—	—	—	3 653
BELGO-LUX: U.E: via Antuérpia	85 442	77 825	22 284	—	21 455	—	—	207 006
DINAMARCA:								
Aalborg	—	65	—	—	—	—	—	65
Copenhague	130 983	45 014	—	—	—	—	—	175 997
FINLÂNDIA: Helsinki	85 803	184 472	—	—	—	—	—	270 275
FRANÇA:								
Bordéos	4 050	11 841	—	—	250	—	1 140	17 281
Dunquerque	1 125	27 925	2 250	—	1 500	—	—	32 800
Havre	97 633	117 201	8 635	—	18 743	535	11 825	254 572
Marselha	24 241	20 308	7 125	—	875	859	2 125	55 533
Strasburgo	3 699	2 157	—	—	—	475	—	6 331
GIBRALTAR:	—	4 931	6 833	—	—	—	—	11 764

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranagua	Bahia	Recife	TOTAL
GRÃ-BRETANHA:								
Liverpool	—	—	—	—	33 250	—	—	33 250
Londres	20 000	52 660	—	—	74 412	250	—	147 322
Manchestêr	—	—	—	—	5 000	—	—	5 000
GRÉCIA: Pireus	—	17 055	—	—	—	—	—	17 055
HOLANDA:								
Amsterdam	102 451	23 665	2 750	1 000	20 518	500	—	150 884
Rotterdam	30 933	1 635	2 500	—	11 055	—	—	46 123
IRLANDA: Dublin	250	—	—	—	120	—	—	370
ISLÂNDIA: Reykjavik	—	10 790	—	—	—	—	—	10 790
ITÁLIA:								
Ancona	906	1 896	506	—	—	—	—	3 308
Bari	771	1 668	750	—	—	—	—	3 189
Cagliari	—	125	125	—	—	—	—	250
Catânia	1 042	1 803	600	—	—	—	—	3 445
Gênova	68 067	14 876	12 197	—	2 732	4 003	3 113	104 988
Livorno	6 915	1 112	2 011	—	125	—	—	10 163
Messina	281	1 390	943	—	—	—	—	2 614
Monfalcone	5 846	8 242	2 125	—	—	549	125	16 887
Nápoles	37 095	38 603	12 328	—	329	312	300	88 967
Palermo	586	4 765	787	—	—	—	24	6 162
Pôrto Torres	490	1 870	842	—	200	—	—	3 402
Riposto	100	451	274	—	—	—	—	825
Spezia	3 864	1 455	500	—	1 500	—	—	7 319
Veneza	17 056	9 503	6 092	—	125	240	1 093	34 109
IUGOSLÁVIA:								
Rijeka	—	4 000	—	—	—	—	—	4 000
via Trieste	3 662	—	—	—	—	—	—	3 662
MALTA: Valeta	—	3 100	500	—	—	—	—	3 600
NORUEGA:								
Bergen	12 000	4 000	—	—	12 650	—	—	28 650
Oslo	53 500	19 250	—	—	30 500	—	—	103 250

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranagua	Bahia	Recife	TOTAL
Stavanger	4 500	—	—	—	—	—	—	4 500
Trondjen	7 750	3 250	—	—	11 000	—	—	22 000
POLÔNIA: Gdinia	—	1 646	—	—	—	—	—	1 646
SUÉCIA:								
Estocolmo	195 868	37 409	—	4 675	23 949	780	—	262 681
Gefle	250	500	—	—	—	—	—	750
Gotemburgo	145 271	8 993	—	2 775	5 564	243	—	162 846
Helsingborg	50 240	3 050	—	2 375	1 250	—	—	56 915
Malmo	43 402	1 625	—	—	488	—	—	45 515
Ostersund	—	—	—	—	250	—	—	250
SUIÇA:								
via Amsterdam	1 275	8 594	500	—	—	—	—	10 369
via Antuérpia	—	15 586	—	—	—	—	—	15 586
via Gênova	—	2 506	4 000	—	—	—	—	6 506
via Rotterdam	—	250	—	—	—	—	—	250
via Trieste	—	500	500	—	—	—	—	1 000
TCHECOSLOVÁQUIA:								
via Hamburgo	—	13 600	—	—	—	—	—	13 600
TRIESTE:	11 741	3 832	1 250	—	—	—	—	16 823
VATICANO:	3	—	—	—	—	—	—	3
OCEANIA:								
AUSTRÁLIA Sidney	499	—	—	—	—	—	—	499
NOVA ZELÂNDIA: Wellington	33	—	—	—	—	—	—	33
TOTAL GERAL:	**4 647 017**	**1 913 280**	**267 481**	**112 521**	**1 505 698**	**9 048**	**20 245**	**8 475 290**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Janeiro a Julho de 1952 em comparação com o mesmo período de 1951

1. Detalhe mensal

MESES	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Janeiro	1 241 156	1 483 548 701	1 510 375	1 789 866 134	+ 269 219	+ 306 317 433
Fevereiro	1 598 385	1 932 010 282	1 405 445	1 706 607 918	— 192 940	— 225 402 364
Março	1 489 071	1 807 919 845	1 496 154	1 825 543 068	+ 7 083	+ 17 623 223
Abril	1 012 208	1 239 152 373	938 789	1 152 233 519	— 73 419	— 86 918 854
Maio	1 172 545	1 431 355 616	964 905	1 164 780 160	— 207 640	— 266 575 456
Junho	914 292	1 105 370 898	1 086 946	1 302 399 900	+ 172 654	+ 197 029 002
Julho	891 810	1 063 395 804	1 072 676	1 301 061 162	+ 180 866	+ 237 665 358
SETE MESES: .	8 319 467	10 062 753 519	8 475 290	10 242 491 861	+ 155 823	+ 179 738 342
Agôsto	1 407 054	1 637 768 098	—	—	—	—
Setembro	1 533 400	1 784 172 843	—	—	—	—
Outubro	1 763 933	2 068 681 593	—	—	—	—
Novembro	1 651 876	1 940 311 786	—	—	—	—
Dezembro	1 682 278	1 963 133 699	—	—	—	—
ANO:	**16 358 008**	**1[illegible] 456 821 538**	—	—	—	—

2. Portos de Procedência

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Santos	4 147 177	5 177 885 683	4 647 017	5 802 555 341	+ 499 840	+ 624 669 658
Rio de Janeiro .	2 160 878	2 474 313 575	1 913 280	2 176 521 542	— 247 598	— 297 792 033
Vitória	212 287	223 327 730	267 481	268 861 951	+ 55 194	+ 45 534 221
Angra dos Reis .	97 723	118 758 782	112 521	138 761 200	— 14 798	+ 20 002 418
Paranaguá	1 651 075	2 009 003 662	1 505 698	1 820 106 143	— 145 377	— 188 897 519
Bahia	11 889	14 139 530	9 048	10 954 193	— 2 841	— 3 185 337
Recife	38 438	45 324 557	20 245	24 731 491	— 18 193	— 20 593 066
TOTAL: ...	**8 319 467**	**10 062 753 519**	**8 475 290**	**10 242 491 861**	**+ 155 823**	**+ 179 738 342**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos portos de procedência

JANEIRO a JULHO DE 1952

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
Canárias	Rio de Janeiro	5 442	5 400 620
	Vitória	7 666	7 790 366
	Total	13 108	13 190 986
Egito	Santos	450	569 203
	Rio de Janeiro	17 695	19 043 767
	Vitória	2 000	2 093 249
	Total	20 145	21 706 219
Líbia	Rio de Janeiro	2 603	3 053 316
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	1 666	1 705 990
	Vitória	9 750	9 732 657
	Total	11 416	11 438 647
Marrocos Francês	Rio de Janeiro	1 875	1 950 888
	Vitória	16 100	16 778 141
	Total	17 975	18 729 029
Rodésia do Sul	Santos	50	62 939
Sudão Anglo-Egípcio	Rio de Janeiro	2 166	2 193 985
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	425	472 137
Tanger	Rio de Janeiro	100	112 371
	Vitória	2 500	2 839 253
	Total	2 600	2 951 624
União Sul Africana	Santos	2 704	3 378 254
	Rio de Janeiro	26 522	28 787 525
	Total	29 226	32 165 779
AMÉRICA CENTRAL:			
Panamá	Santos	500	616 923
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	107 708	132 788 343
	Rio de Janeiro	5 225	6 326 977
	Angra dos Reis	750	897 814
	Paranaguá	30 196	36 439 919
	Total	143 879	176 453 053

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Estados Unidos	Santos	2 954 366	3 636 942 326
	Rio de Janeiro	687 006	806 424 720
	Vitória	66 951	64 123 765
	Angra dos Reis	96 543	118 677 815
	Paranaguá	1 182 972	1 424 610 733
	Recife	500	597 442
	Total	4 988 338	6 051 376 801
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	37 817	48 283 096
	Rio de Janeiro	148 842	169 770 852
	Vitória	32 732	33 986 545
	Paranaguá	1 834	2 451 515
	Total	221 225	254 492 008
Chile	Santos	600	766 849
	Rio de Janeiro	7 457	8 617 651
	Vitória	29 625	29 952 451
	Total	37 682	39 336 951
Paraguai	Rio de Janeiro	1 500	1 907 841
Uruguai	Santos	175	221 824
	Rio de Janeiro	16 912	18 600 739
	Vitória	700	704 681
	Total	17 787	19 527 244
ASIA:			
Aden	Rio de Janeiro	170	180 340
Chipre	Santos	175	225 476
	Rio de Janeiro	21 140	22 918 202
	Vitória	250	250 887
	Total	21 565	23 394 565
Filipinas	Santos	543	678 653
	Paranaguá	150	180 142
	Total	693	858 795
Iraque	Rio de Janeiro	52 209	55 771 403
Israel	Rio de Janeiro	169	190 229
Japão	Santos	11 071	14 146 466
	Rio de Janeiro	215	282 306
	Paranaguá	74	89 294
	Total	11 360	14 518 066
Jordânia	Rio de Janeiro	8 695	9 123 682
Líbano	Rio de Janeiro	2 990	3 013 108
Síria	Rio de Janeiro	415	417 893
Turquia	Rio de Janeiro	52 833	57 361 211

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
EUROPA:			
Alemanha	Santos	270 405	357 545 548
	Rio de Janeiro	27 016	34 265 172
	Angra dos Reis	4 403	5 546 000
	Paranaguá	12 632	15 953 048
	Bahia	302	373 354
	Total	314 758	413 683 122
Áustria	Santos	830	1 086 428
	Rio de Janeiro	4 998	5 779 280
	Total	5 828	6 865 708
Belgo-Lux. U. E.	Santos	85 442	109 626 653
	Rio de Janeiro	77 825	87 336 401
	Vitória	22 284	22 852 922
	Paranaguá	21 455	26 433 312
	Total	207 006	246 249 288
Dinamarca	Santos	130 983	160 863 358
	Rio de Janeiro	45 079	51 608 026
	Total	176 062	212 471 384
Finlândia	Santos	85 803	109 984 024
	Rio de Janeiro	184 472	200 811 471
	Total	270 275	310 795 495
França	Santos	130 748	167 949 943
	Rio de Janeiro	179 432	202 097 556
	Vitória	18 010	17 571 753
	Paranaguá	21 368	26 333 792
	Bahia	1 869	2 306 223
	Recife	15 090	18 587 890
	Total	366 517	434 847 157
Gibraltar	Rio de Janeiro	4 931	5 158 021
	Vitória	6 833	7 056 488
	Total	11 764	12 214 509
Grã-Bretanha	Santos	20 000	24 844 143
	Rio de Janeiro	52 660	57 642 575
	Paranaguá	112 662	136 337 478
	Bahia	250	290 257
	Total	185 572	219 114 453
Grécia	Rio de Janeiro	17 055	19 542 190
Holanda	Santos	133 384	170 181 442
	Rio de Janeiro	25 300	28 140 571
	Vitória	5 250	5 333 712
	Angra dos Reis	1 000	1 214 400
	Paranaguá	31 573	39 458 359
	Bahia	500	605 640
	Total	197 007	244 934 124
Irlanda	Santos	250	324 053
	Paranaguá	120	148 180
	Total	370	472 233

PAISES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Islândia	Rio de Janeiro	10 790	12 066 636
Itália	Santos	143 022	187 496 169
	Rio de Janeiro	87 759	96 013 792
	Vitória	40 080	41 038 321
	Paranaguá	5 011	6 360 360
	Bahia	5 104	6 082 431
	Recife	4 655	5 546 159
	Total	285 631	342 537 232
Iugoslávia	Santos	3 662	4 606 745
	Rio de Janeiro	4 000	4 279 746
	Total	7 662	8 886 491
Malta	Rio de Janeiro	3 100	3 493 921
	Vitória	500	490 598
	Total	3 600	3 984 519
Noruega	Santos	77 750	96 017 279
	Rio de Janeiro	26 500	32 650 500
	Paranaguá	54 150	66 156 170
	Total	158 400	194 823 949
Polônia	Rio de Janeiro	1 646	1 974 968
Suécia	Santos	435 031	556 124 485
	Rio de Janeiro	51 577	59 159 787
	Angra dos Reis	9 825	12 425 171
	Paranaguá	31 501	39 153 841
	Bahia	1 023	1 296 288
	Total	528 957	668 159 572
Suiça	Santos	1 275	1 675 037
	Rio de Janeiro	27 436	30 913 082
	Vitória	5 000	5 026 174
	Total	33 711	37 614 293
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	13 600	15 777 760
Trieste	Santos	11 741	14 873 474
	Rio de Janeiro	3 832	4 182 334
	Vitória	1 250	1 239 988
	Total	16 823	20 295 796
OCEANIA:			
Austrália	Santos	499	634 042
Nova Zelândia	Santos	33	42 166
TOTAL GERAL:		8 475 290	10 242 491 861

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos países de destino

JULHO DE 1952

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em Cruzeiros
AFRICA:		
EGITO: Alexandria	854	978 295
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	1 160	1 183 122
UNIÃO SUL AFRICANA:	2 733	3 042 297
Cape Town	275	325 066
Durban	1 983	2 193 483
Mossel Bay	100	115 087
Port Elizabeth	375	408 661
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	22 568	27 568 974
Montreal	11 092	13 435 067
Saint John	381	462 181
Toronto	1 750	2 137 298
Vancouver	7 650	9 456 736
Winnipeg	1 695	2 077 692
ESTADOS UNIDOS:	655 207	792 144 923
Baltimore	34 870	42 063 873
Boston	22 996	27 739 135
Charleston	7 975	8 866 908
Filadélfia	9 250	11 323 213
Houston	46 401	56 600 488
Jacksonville	22 250	26 890 987
Los Ângeles	23 425	28 609 759
New Orleans	169 617	204 286 726
New York	237 979	286 969 424
Norfolk	5 250	6 182 464
Portland	5 120	6 231 613
São Francisco	65 349	80 601 648
Seattle	4 475	5 475 372
Tacoma	250	303 313
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	23 405	27 917 637
Buenos Aires	21 793	26 092 967
Rosário	1 612	1 824 670
CHILE:	2 553	2 975 940
Corral	50	62 231
Puerto Montt	50	56 408
Punta Arenas	269	285 450
Talcahuano	250	300 973
Valparaiso	1 934	2 270 878
URUGUAI: Montevidéu	3 456	3 740 394

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em Cruzeiros
ASIA:		
FILIPINAS: MANILA	150	180 142
JAPÃO:	465	593 590
Kôbe	176	226 339
Yokoama	289	367 251
TURQUIA: Stambul	500	562 808
EUROPA:		
ALEMANHA:	21 737	28 633 573
Bremen	1 552	2 024 558
Hamburgo	20 185	26 609 015
ÁUSTRIA:	2 326	2 660 760
via Amsterdam	255	294 999
via Hamburgo	543	608 315
via Trieste	1 528	1 757 446
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E:		
Antuérpia	31 720	38 411 404
DINAMARCA:	25 552	30 570 766
Aalborg	65	76 592
Copenhague	25 487	30 494 174
FINLÂNDIA: Helsinki	21 140	23 799 750
FRANÇA:	74 407	87 490 382
Bordeaux	6 250	7 455 965
Dunquerque	8 500	9 398 932
Havre	53 299	62 604 421
Marselha	4 659	5 794 150
Strasburgo	1 699	2 236 914
GIBRALTAR:	833	851 477
GRÃ-BRETANHA: Londres	13 000	14 334 043
HOLANDA:	24 215	31 156 140
Amsterdam	13 255	16 999 488
Rotterdam	10 960	14 156 652
ISLÂNDIA: Reykjavik	800	909 382
ITÁLIA:	50 689	63 418 747
Ancona	1 297	1 575 603
Bari	651	775 639
Cagliari	125	125 554
Catânia	1 103	1 426 870
Gênova	17 387	22 407 533
Livorno	1 323	1 603 639
Messina	562	629 648
Monfalcone	2 770	3 486 818
Nápoles	14 625	17 640 131
Palermo	351	439 499
Porto Torres	300	389 784
Riposto	200	209 477
Spezia	702	807 420
Veneza	9 293	11 901 132
NORUEGA:	21 500	26 366 591
Bergen	5 000	6 117 585
Oslo	15 500	19 031 126
Trondhjen	1 000	1 217 880

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em Cruzeiros
SUÉCIA:	65 948	84 275 717
Estocolmo	31 288	39 898 770
Gefle	250	321 636
Gotemburgo	21 547	27 593 817
Helsingborg	6 950	8 890 625
Malmo	5 913	7 570 869
SUIÇA:	502	569 297
via Amsterdam	250	289 678
via Antuérpia	252	279 619
TRIESTE:	5 256	6 725 011
TOTAL GERAL:	**1 072 676**	**1 301 061 162**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JULHO DE 1952

(Sacas de 60 quilos)

PÔRTO DE EMBARQUE	Exterior	Consumo de Bordo	Cabotagem	Total
Julho:				
Santos	709 620	203	60	709 883
Rio de Janeiro	174 718	90	830	175 638
Vitória	29 568	—	24 272	53 840
Paranaguá	156 776	—	215	156 991
Salvador	669	—	2 477	3 146
Recife	1 325	—	—	1 325
TOTAL	1 072 676	293	27 854	1 100 823
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	23 009	962 004
Maio	965 155	346	19 534	985 035
Junho	1 086 946	334	15 379	1 102 659
Total de Jan. a julho	**8 475 540**	**1 862**	**169 620**	**8 647 022**

Nota: — Cifras sujeitas a retificação.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JULHO DE 1952

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	2.490	
	Áustria	2.326	
	Bélgica	6.074	
	Dinamarca	7.128	
	Finlândia	16.140	
	França	40.182	
	Grã-Bretanha	10.250	
	Holanda	885	
	Islândia	800	
	Itália	9.376	
	Suiça	502	
	Trieste	500	
	Turquia	500	97.153
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	1.050	
	Estados Unidos	53.013	54.063
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	15.698	
	Chile	2.104	
	Uruguai	2.621	20.423
ÁFRICA:	Egito	854	
	U. S. Africana	2.225	3.079
	Total p/ o exterior:		**174.718**
CABOTAGEM:	Norte	10	
	Sul	820	830
	TOTAL GERAL:		**175.548**

Consumo de bordo — 90 sacas.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO E SAFRA 1952/53

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1952		
julho	94.641	175.548
agôsto	181.972	216.216

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1952/53

	ENTRADAS					MOVIMENTO				
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Encontradas a mais na verificação do estoque	Existência
JULHO	632 319	6 205	616	45 903	685 043	706 464	709 572	5 890	266 598	1 747 763
AGÔSTO	771 189	350	3 030	22 345	796 914	834 265	828 283	4 796	—	1 705 616
TOTAL	1 403 508	6 555	3 646	68 248	1 481 957	1 540 729	1 537 855	10 686	266 598	—

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS							TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Paraná	Goiás	Bahia	
E. F. C. do Brasil	9.439	—	—	—	—	—	—	9.439
E. F. Leopoldina	—	1.850	3.496	1.624	—	—	—	6.970
Regulador	—	—	12.737	—	—	—	—	12.737
Rodoviário	15.580	57.847	46.662	15.212	14.650	2.095	780	152.826
TOTAIS	25.019	59.697	62.895	16.836	14.650	2.095	780	181.972

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1952	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
Maio	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
Junho	1 508 476	487 432	38 505	6 137	105 541	250	10 981	2 157 322
Julho	1 747 763	359 006	29 866	8 323	320 100	250	11 348	2 476 656
Julho 1951	1 477 517	467 167	37 544	10 354	267 332	10 361	12 812	2 283 087
" 1950	1 618 892	658 060	48 438	25 242	102 615	120	15 640	2 469 007
" 1949	2 146 203	513 627	29 114	56 086	104 190	2 000	20 485	2 871 705
" 1948	2 253 306	593 602	49 984	74 733	162 776	6 445	45 277	3 186 123

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

AGÔSTO DE 1952

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Tipo 4 mole	Tipo 4 duro	5 sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	199 00	197 00	194 00	174 00	157 80
4	199 00	197 00	194 00	174 00	157 50
5	199 00	197 00	194 00	174 00	157 40
6	199 00	197 00	194 00	175 00	156 80
7	199 00	197 00	194 00	177 00	156 50
8	199 00	197 00	194 00	177 00	156 30
11	199 00	197 00	194 00	178 00	158 40
12	199 00	197 00	194 00	178 00	159 20
13	198 50	196 50	193 50	177 00	159 00
14	198 50	196 50	193 50	177 00	158 90
18	198 50	196 50	193 50	177 00	159 80
19	198 50	196 50	193 50	177 50	159 20
20	198 50	196 50	193 50	177 50	160 10
21	198 50	196 50	193 50	177 50	160 20
22	198 50	196 50	193 50	176 50	160 20
25	198 50	196 50	193 50	176 50	159 90
26	198 50	196 50	193 50	176 50	159 90
27	198 50	196 50	193 50	176 50	159 90
28	198 50	196 50	193 50	177 50	159 90
29	198 50	196 50	193 50	177 50	159 90
Média	**198 70**	**196 70**	**193 70**	**176 57**	**158 84**

MOVIMENTO DE CAF

AGÔST

DIA	ENTRADAS					
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp Santo	Paraná	Bahia
1	2 073	749	395	2 118	—	—
2	—	—	—	—	—	—
4	2 350	1 232	—	1 695	3 390	—
5	784	1 295	750	2 214	—	—
6	3 542	—	—	3 548	—	—
7	5 287	5 730	1 035	—	—	—
8	1 818	1 007	690	5 839	—	—
9	—	—	—	—	—	—
11	1 190	940	637	1 595	5 210	—
12	—	—	1 815	1 245	—	—
13	—	425	2 021	3 971	2 865	—
14	—	6 034	—	1 671	—	—
16	—	—	—	—	—	—
18	—	875	625	3 356	—	—
19	—	3 838	838	333	—	—
20	500	2 076	1 309	5 079	—	—
21	—	4 552	—	2 961	—	—
22	—	6 687	1 775	5 238	3 185	—
23	—	—	—	—	—	—
25	—	2 449	—	1 174	—	—
26	—	6 776	2 646	2 759	—	—
27	7 475	945	655	2 585	—	—
28	—	9 972	—	2 320	—	40[illegible]
29	—	1 345	1 645	5 307	—	—
30	—	2 770	—	7 887	—	3[illegible]
Total	25 019	59 697	16 836	62 895	14 650	7[illegible]

É NO RIO DE JANEIRO

TO DE 1952

		EMBARQUES						
	Goías	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do Mercado	Cons. local	Existência
—	—	5 335	—	—	—	90	—	364 253
—	—	—	10 169	—	10 169	—	—	354 084
—	—	8 667	6 987	—	6 987	323	—	355 441
—	—	5 043	2 220	55	2 275	—	—	358 209
—	—	7 090	2 693	—	2 693	—	—	362 606
—	—	12 052	2 250	—	2 250	393	—	372 015
—	—	9 354	5 177	—	5 177	—	—	376 192
—	—	—	12 663	—	12 663	—	—	363 529
—	—	9 572	4 906	—	4 906	—	—	368 195
—	—	3 060	2 750	—	2 750	80	—	368 425
—	—	9 282	3 281	—	3 281	80	—	374 346
—	—	7 705	—	—	—	—	—	382 051
—	—	—	12 619	—	12 619	—	20 000	349 432
—	—	4 856	8 473	25	8 498	—	—	345 790
—	—	5 009	15 296	100	15 396	180	—	335 223
—	—	8 964	5 159	—	5 159	190	—	338 838
—	1 075	8 588	8 325	—	8 325	—	—	339 101
—	—	16 885	14 300	—	14 300	—	—	341 686
—	—	—	1 500	—	1 500	100	—	340 086
—	—	3 623	26 900	—	26 900	100	—	316 709
—	—	12 181	37 494	—	37 494	—	—	291 396
—	—	11 660	—	—	—	—	—	303 056
)0	—	12 692	3 799	—	3 799	—	—	311 949
—	1 020	9 317	7 621	—	7 621	—	—	313 645
30	—	11 037	21 154	300	21 454	—	20 000	283 228
30	**2 095**	**181 972**	**215 736**	**480**	**216 216**	**1 536**	**40 000**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

AGÔSTO DE 1952

(Em cents por libra de 453,60 gr)

DIA	SANTOS				RIO
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra-mole	Tipo 4
1	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
4	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
5	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
6	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
7	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
8	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
11	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
12	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
13	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
14	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
15	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
18	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
19	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
20	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
21	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
22	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
25	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
26	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
27	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
28	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
29	54 00	53 50	55 50	54 50	49 00
Média	**54 07**	**53 57**	**55 57**	**54 57**	**49 00**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Agôsto de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS 2	9	16	23	30	MÉDIA
COLÔMBIA:						
Medelin Excelso	(2) 56 3/4	(2) 56 3/4	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 57 3/4	57 1/4
Armenia	(2) 56 3/4	(2) 56 3/4	(2) 57 1/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	57 1/4
Manizales	(2) 56 3/4	(2) 56 3/4	(2) 57 1/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	57 1/4
Cucuta	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 57 00	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 00
Bogotá	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 57 00	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 00
Tolima	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 57 00	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 00
Ocana	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 57 00	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 00
COSTA RICA:						
Duro	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	(2) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	57 1/2
Atlántico Fino	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 1/4	(6) 57 1/4	(6) 57 1/4	57 11/32
EQUADOR:						
Lavado	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 1/2	(6) 54 00	(6) 54 00	54 3/32
Extra não lavado	(6) 48 1/4	(6) 48 1/4	(6) 48 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	47 51/64
GUATEMALA:						
Antigua	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 00	(6) 58 00	58 5/32
Extra primeira	(6) 57 1/4	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 1/4	(6) 57 1/4	57 1/32
Lavado bom	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 00	(6) 56 00	56 5/32
Bourbon	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	56 1/4
HAITÍ:						
Lavado bom móle	(2) 54 00	(2) 54 00	n/cot	(6) 55 00	(6) 55 00	54 1/2
Catado á mão	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	(6) 51 00	(6) 51 00	51 19/64
HONDURAS:						
Lavado bom	(6) 55 1/4	(6) 55 1/4	(6) 55 1/4	(6) 56 1/4	(6) 54 1/4	55 2/32
Tipo 5 — Comum duro	(6) 48 1/2	(6) 48 1/2	(6) 48 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	47 61/64

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Agôsto de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	2	9	16	23	30	MÉDIA
MÉXICO:						
Coatepec	(6) 56 00	(6) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 1/2	(6) 56 1/2	56 13/64
Tapachula primeira	(6) 55 1/4	(6) 55 1/4	(2) 55 3/4	(6) 56 00	(6) 56 00	55 21/32
NICARAGUA:						
Matagalpa	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 13/64
Lavado primeira	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 55 00	(6) 55 00	54 45/64
EL SALVADOR:						
Lavado primeira	(6) 57 00	(6) 57 00	(6) 57 1/2	n/cot.	n/cot.	57 11/64
SÃO DOMINGOS:						
Lavado bom móle	(6) 52 1/2	(6) 52 1/2	(6) 53 00	(6) 53 1/2	(6) 53 1/2	53 00
Fino	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 1/2	n/ct.	n/cot.	53 11/64
VENEZUELA:						
Maracaibo	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(2) 55 1/2	(6) 56 00	(6) 56 00	55 51/64
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 56 1/4	(6) 56 3/4	(6) 56 3/4	56 1/4
MÓCA:						
Móca (Arabia)	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 00
N. E. I.						
Genuino Java Lavado	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	68 00
UGANDA:						
Lavado	n/cot.	n/cot.	(2) 47 00	(2) 47 00	(2) 47 00	47 00

INDICAÇÕES:

1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2) Desembarcados á vista líquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de Procedência
6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — CONTRATO "S"

AGÔSTO DE 1952

DIAS	SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	54 00	53 95	53 05	53 00	52 30	52 20	51 82	51 61	51 45	51 25
4	53 85	53 81	53 08	52 90	52 30	52 14	51 60	51 49	51 25	51 10
5	53 85	53 91	52 90	52 96	52 10	52 20	51 50	51 60	51 00	51 22
6	53 90	53 75	52 90	52 85	52 10	52 00	51 50	51 50	51 10	51 10
7	53 75	53 95	52 85	53 15	52 10	52 28	51 50	51 65	51 12	51 29
8	53 85	53 88	53 05	53 09	52 25	52 25	51 65	51 69	51 35	51 33
11	53 90	53 88	53 10	53 09	52 30	52 28	51 70	51 68	51 30	51 32
12	53 85	53 85	52 96	53 06	52 15	52 26	51 55	51 67	51 16	51 30
13	53 75	53 35	52 96	53 94	52 16	53 10	51 50	52 35	51 20	51 75
14	53 90	54 02	53 06	53 29	52 25	52 58	51 70	51 99	51 30	51 64
15	54 00	54 10	53 30	53 35	52 70	52 73	52 05	52 15	51 70	51 78
18	54 10	54 15	53 35	53 52	52 74	52 75	52 15	52 18	51 80	51 82
19	54 12	54 29	53 49	53 59	52 75	52 90	52 15	52 32	51 80	51 96
20	54 29	54 37	53 60	53 70	52 88	52 96	52 25	52 35	51 92	52 00
21	54 35	54 33	53 60	53 55	52 90	52 78	52 34	52 25	52 00	52 25
22	54 33	54 22	53 60	53 49	52 82	52 75	52 25	51 90	51 90	51 90
25	54 15	54 12	53 50	53 47	52 84	52 90	52 37	52 35	52 03	52 04
26	54 10	54 23	53 40	53 69	52 85	53 19	52 35	52 70	52 07	52 39
27	54 10	54 02	53 55	53 64	53 00	53 09	52 50	52 70	52 10	52 28
28	54 00	54 27	53 55	53 75	53 10	53 19	52 65	52 68	52 23	52 32
29	54 27	54 36	53 80	53 86	53 20	53 20	52 70	52 70	52 32	52 34
Média	**54 02**	**54 05**	**53 27**	**53 38**	**52 56**	**52 65**	**51 99**	**52 07**	**51 62**	**51 72**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de AGÔSTO DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suíça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Argentina	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	—	4,3958	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	1,7096	—	0,6572	—	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,9290	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	4,3920	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
9	52,4160	18.72	—	—	—	4,3948	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	7,0642	—	—	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	4,3576	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	4,9290	4,3958	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	6,9721	—	4,3958	—	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	6,8697	4,9252	—	3,6209	2,7353	1,7096	1,3448	—	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	6,8197	—	4,3948	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	—	—	4,3400	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	4,9234	—	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	—	4,3958	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	—	4,3967	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	1,7096	-	0,6572	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	18,72	—	—	4,3986	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**18,72**	**6,9314**	**4,9266**	**4,3870**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**1,3448**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

1952

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante AGÔSTO

PAISES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Argentina	Pesos	91.493	28.844
Bélgica	Francos	75.197.521	75.984.216
Canadá	Dólares	23	267
Dinamarca	Corôas	8.928.434	16.509.741
Espanha	Pesetas	102.447	2.552
Estados Unidos (U.S.A.)	Dólares	18.001.591	17.836.883
França	Francos	1.045.761.053	1.183.387.885
Holanda	Florins	52	62.825
Inglaterra	Libras	684.117	711.913
Portugal	Escudos	26.085	137.438
Suécia	Corôas	2.453.516	5.255.992
Suiça	Francos	13.428	804.945
Uruguai	Pesos	38.829	39.666

CONVÊNIOS

	COMPRAS	VENDAS
US$ Alemanha	6.030.404	6.966.139
US$ Áustria	111.729	101.020
US$ Chile	278.642	373.353
US$ Itália	1.445.074	2.237.196
US$ Japão	931.415	960.199
US$ Polônia	163	11.000
US$ Portugal	262.455	275.675
US$ Tchecoslováquia	308.771	192.469
US$ Uruguai	12.402	—
US$ Yugoslávia	2	—
Brasileiro-Argentino	Cr$ 64.455,50	Cr$ 27.310,00
Brasileiro-Holandês	Cr$ —	Cr$ 86.860,60
Brasileiro-Norueguês	Cr$ 14.300,00	Cr$ 910.977,50

Resumo dos negócios realizados no mês de AGÔSTO de 1952

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM CR$
Corôas Dinamarquesas	20.496.713	56.064.659,00
Corôas Suecas	5.243.423	18.985.912,00
Dólares	28.397.085	531.593.440,00
Escudos	42.456	27.902,00
Florins	124.258	612.173,00
Francos Belgas	74.636.151	28.197.538,00
Francos Franceses	1.235.117.439	66.078.783,00
Francos Suiços	366.124	1.606.188,00
Libras	1.874.477	98.252.574,00
Pesetas	98.180	167.850,00
Pesos Argentinos	57.102	76.791,00
Pesos Uruguaios	48.502	336.190,00
TOTAL		Cr$ 802.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£	15.300.671	= 52,4160
US$	42.841.880	= 18,7200

Total computado em Agôsto de 1951	1.992.000.000,00
Total computado em Julho de 1952	770.000.000,00
Total computado em Agôsto de 1952	802.000.000,00

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS Á VISTA

AGÔSTO DE 1952

DIA	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florin
1	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,34 48	7,11 79	3,62 09	—
2	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,34 48	7,10 44	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,34 48	7,10 44	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	7,06 42	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	7,07 75	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,39 19	0,65 72	1,34 48	7,07 75	3,62 09	—
8	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	7,06 42	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,39 37	0,65 72	1,34 48	7,06 42	3,62 09	4,92 90
11	52,41 60	18,72 00	4,39 37	0,65 72	1,34 48	7,06 42	3,62 09	—
12	52,41 60	18,72 00	4,39 37	0,65 72	1,34 48	7,05 08	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,39 37	0,65 72	1,34 48	7,02 44	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,39 37	0,65 72	1,34 48	6,97 21	3,62 09	—
16	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
18	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,85 71	3,62 09	—
21	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,90 77	3,62 09	—
22	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,67 15	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
25	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
28	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,80 73	3,62 09	—
29	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
30	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,39 41**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,94 53**	**3,62 09**	**4,92 90**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS Á VISTA

AGÔSTO DE 1952

D I A	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florin
1	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,87 10	3,55 51	—
2	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,85 82	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,85 82	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,82 00	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,83 27	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,27 70	0,63 64	1,31 76	6,83 27	3,55 51	—
8	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,82 00	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,82 00	3,55 51	4,83 59
11	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,82 00	3,55 51	—
12	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,80 74	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,78 23	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,73 26	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,62 34	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,67 15	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,67 15	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 02**	**0,63 64**	**1,31 76**	**6,28 02**	**3,55 51**	**4,83 59**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

CÂMBIO EM NOVA YORI

Valor das diversas moedas

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso
1	2,79 3/16	1,03 1/2	0,05 46	0,07 20	0,38 12
4	2,79 7/16	1,03 5/8	0,05 46	0,07 25	0,38 00
5	2,79 11/16	1,03 13/16	0,05 46	0,07 25	0,38 00
6	2,79 3/8	1,04 1/16	0,05 46	0,07 25	0,37 75
7	2,79 9/16	1,03 15/16	0,05 46	0,07 25	0,38 00
8	2,79 11/16	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	0,37 62
11	2,79 5/8	1,04 1/16	0,05 46	0,07 25	0,37 75
12	2,79 1/2	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	0,38 00
13	2,79 5/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	0,38 00
14	2,78 11/16	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	0,37 00
15	2,78 9/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	0,37 00
18	2,78 11/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	0,37 00
19	2,78 11/16	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	0,37 00
20	2,78 5/8	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 75
21	2,78 5/8	1,03 31/32	0,05 46	0,07 25	0,36 75
22	2,78 7/16	1,04 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 75
25	2,78 7/16	1,04 1/4	0,05 46	0,07 25	0,37 00
26	2,78 7/16	1,04 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 50
27	2,78 1/2	1,04 1/32	0,05 46	0,07 25	0,36 50
28	2,78 5/16	1,04 1/4	0,05 46	0,07 25	0,36 50
29	2,78 3/16	1,04 00	0,05 46	0,07 25	0,37 00
Média	**2,78 15/16**	**1,04 5/64**	**0,05 46**	**0,07 24**	**0,37 28**

SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

em dolar — Agôsto de 1952

Paris franco livre	Berna franco livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder
0,0028 5/8	0,23 30	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 3/4	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 29	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 3/4	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 29	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0199 00	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 28 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0199 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 29 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 30	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 30	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 30	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 30	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 28 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 00	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 29 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 29 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 30 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 33
0,0028 5/8	0,23 30 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 30 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 00	0,26 34
0,0028 9/16	0,23 30	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 00	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 29 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 00	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 31	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 00	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 31	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 35
0,0028 9/64	**0,23 30**	**0,19 35**	**0,03 49 1/2**	**0,0199 3/16**	**0,26 35**

— AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de endereço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

KLASS

CAFÉ

SANTOS